

Série
FAMÍLIA DAVON

Noiva do
BARÃO



SIMONE O. MARQUES



A Noiva do Barão



Família Davon

Simone O. Marques

1ª Edição
Rio de Janeiro – Brasil

Copyright © 2018 Ler Editorial

Texto de acordo com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa (Decreto Legislativo N° 54 de 1995).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da editora.

Editora – Catia Mourão

Capa – Décio Gomes

Diagramação – Catia Mourão

Revisão – Simone O. Marques e Vanuza Rúbia F. Freitas

ISBN 978-85-68925-65-2

Direitos de edição: Ler Editorial



*A todos aqueles que apreciam histórias
de amor, assim como um bom vinho.*



Prólogo

Inglaterra, 1304

O mensageiro chegou antes do amanhecer. Robert foi despertado pelo criado e avisado de que seu irmão mandava chamá-lo no salão. Por um momento ele se deixou ficar deitado, apenas imaginando suas terras, as vinhas, os jardins, a vida calma. Levantou-se, lavou-se, prendeu os cabelos escuros, vestiu-se e calçou as botas. O chamado era formal, então devia paramentar-se como o chefe da guarda. Ajeitou a espada pendurada na cinta e saiu em direção ao salão.

O palácio Davon sempre lhe pareceu frio. Suas paredes eram sufocantes, escuras. Eram o reflexo do homem que fora seu pai, o barão Benedict Davon. Robert caminhou pelo corredor e logo uma das criadas o acompanhava.

O salão, assim como o restante do palácio, nada tinha de acolhedor, apesar da grande mesa com jarros de vinho e travessas com pães e bolos, que cheiravam muito bem.

O irmão, William Davon, era o Barão, o herdeiro do título de seu pai. William, sete anos mais velho que Robert, era um soldado. Havia nascido para lutar e estivera ao lado do rei em várias batalhas. Apoiara Eduardo durante a revolta dos barões e solidificara sua posição de confiança. Recebera mais terras para administrar e a vassalagem de alguns nobres que haviam se voltado contra o rei e foram punidos. Vários barões eram seus vassalos, o que desagradava a muitos, pois ele estava no mesmo nível hierárquico que eles, mas havia um murmúrio na corte de que o rei iria lhe conceder o título de conde.

William estava sentado à cabeceira da grande mesa, que nunca tinha mais do que três pessoas, com o olhar duro, o corpo rígido e a usual taça de vinho na mão. A ideia de se tornar conde ainda não o atraía, mas jamais iria contrariar a vontade do rei.

Robert suspirou e se aproximou.

William era um excelente administrador, um grande soldado, mas seguia perto demais os passos do pai. Tinha a fama de não ser delicado com as mulheres e de beber demais, o que o mantinha solteiro, embora Robert quisesse muito acreditar que aquilo era uma fachada para mantê-lo seguro, mesmo que os afastasse.

Robert se sentou e reparou na carta com o selo real, que estava sobre a mesa. Talvez fosse a convocação para oficializar sua nova posição nobiliárquica. William bebeu um generoso gole do vinho, inclinou-se, apoiando-se sobre a mesa e o encarou.

— Rob, Eduardo pede minha presença em Westminster. Dizem que a saúde dele piorou nos últimos meses, mas eu o conheço bem e sei que não irá se entregar facilmente ao que quer que seja.

— Quando partirá? — Robert indagou e pegou um pedaço de pão.

— Hoje — William respondeu, mas não parecia feliz em deixar Davon.

Robert o compreendia, afinal, eram raros os momentos que o irmão passava em casa. Durante anos, enquanto o pai ainda era vivo, William esteve em campos de batalha e, assim que voltara para assumir o lugar do velho barão, encontrou grande tensão na corte, o que o manteve afastado de Davon na maior parte do tempo.

— Mas tenho uma missão e só posso confiá-la a você, não como meu chefe da guarda, mas como meu irmão, um legítimo Davon. — Deu um leve sorriso.

— Uma missão que também está nessa mensagem, eu suponho. — Robert olhou para o papel aberto sobre a mesa.

William suspirou e assentiu.

— Você irá até a propriedade D'Tanis.

— A do velho traidor Phillips? — Robert ergueu uma sobrancelha.

Joseph Phillips, o barão D'Tanis, havia, juntamente com outros barões, tentado derrubar o pai de Eduardo, o então rei Henrique, e fora um dos responsáveis por Eduardo ser mantido prisioneiro por quase um ano. O velho barão, então, implorara por sua vida e aceitara a condição de vassalo do barão Davon, com toda a humilhação que aquilo representava. Inclusive o fato de ter de se ajoelhar e jurar vassalagem a William.

— O velho safado! Ele sabe negociar e lambe as botas do rei — William comentou e se levantou, caminhando rigidamente até a lareira atrás da mesa. — Eu já deveria ter arrumado uma mulher, assim Eduardo não iria se sentir compelido a fazer isso por mim, por melhor que fosse a oferta. — Apoiou-se na lareira apagada.

Robert franziu o cenho, intrigado.

— E que oferta foi essa?

— A filha mais velha de Joseph, como prova de seu arrependimento sincero — William falou, exasperado. — Como se isso fosse realmente sinal de que o velho não vai conspirar novamente — falava como soldado experiente.

— Eduardo quer que... ? — Robert havia compreendido as entrelinhas, mas queria que o irmão confirmasse suas suspeitas.

— O que você acha? Que eu me case com a filha do velho! — Apontou para a carta. — Ele pede urgência na união, porque ainda tem dúvidas quanto à lealdade de alguns barões. E eu sou o noivo ideal, claro! Afinal, Phillips é meu vassalo. Casando-me com sua filha, ele me dá mais direitos sobre a propriedade

e ainda oferece um generoso dote.

Robert deu um ligeiro sorriso. O irmão, casado? Aquilo era algo difícil de imaginar.

— Pode ser algo bom, afinal — disse e viu o desgosto no rosto do irmão.

— Sabe o que me disseram? Que a mãe dela era escocesa. Uma verdadeira bruxa.

— Dizem que a esposa do barão é bastante jovem e que tem duas filhas gêmeas que são impecáveis. Nunca ouvi falar da filha mais velha — Robert comentou, pensativo.

— Como boa escocesa, deve ter se entregado a vários homens e agora querem empurrá-la para mim, esperando que eu lhe dê uma lição. — Balançou a cabeça com desolação. Construíra uma fama para sua própria segurança e agora não conseguia se livrar dela.

— Eduardo lhe deu alguma opção, como recusar, por exemplo? — Robert perguntou, sentindo pena do irmão, mas lamentando a vida difícil que qualquer mulher teria ao lado dele.

William deu um sorriso sem humor.

— Nosso rei não é conhecido pela sua tolerância e simpatia. Se ele quer, ele consegue.

Essa era a fama do rei, com certeza.

— Eu tenho de ir a Westminster e você irá até D'Tanis, buscar minha noiva. Quando eu retornar, trarei o contrato de casamento. Então, convocamos o padre para oficializar.

Robert não gostou muito da ideia de ser o responsável por arrastar a jovem com espírito escocês para Davon. Todos conheciam a fama das mulheres escocesas, de gênio forte e indomável. Tinha certeza de que iria encontrar um dragão pela frente, mas era o irmão de William e seu homem de confiança, então não havia discussão.

— Parto amanhã — disse e o irmão apenas assentiu.

Capítulo 1

A cabana da velha Mirza ficava enfiada no meio da floresta, além dos limites da propriedade da família Phillips. Diziam que a mulher tinha mais de cem anos. Alguns arriscavam mais.

Muitos boatos circulavam de que ela roubava crianças das vilas para suas poções ou que as servia de alimento para animais selvagens, que eram seus companheiros. Lisie, entretanto, não acreditava em nada daquilo, pois conhecia a velha e sempre que podia ia vê-la, levava bolos, farinha e ovos frescos.

Mirza ficava feliz e lia o futuro da jovem nas pedras coloridas que guardava dentro de um saco feito de pele de ovelha. Lisie já sabia de cor tudo o que a velha dizia e nada do que ela falava realmente acontecia. Mesmo assim, gostava muito das horas tranquilas que passava no meio da floresta, longe de sua casa, onde era vista como um estorvo.

— Um homem vai aparecer em sua vida. Mas, para que você viva, terá de morrer.

Lisie suspirou e desfez sua longa trança ruiva mais uma vez, antes de começar a trançar os cabelos novamente. Já sabia daquilo. Não era a primeira vez que a velha lhe dizia.

— Um homem poderá perder a cabeça por sua causa... — a velha prosseguiu.

— E isso não significa que irá se apaixonar... — Lisie, impaciente, completou por Mirza.

O furão, companheiro inseparável da velha, saltou para o colo da jovem esperando um afago.

— Cuidado com aquele em quem confia — Mirza continuou falando, olhando para as pedras.

— Não confio em ninguém — Lisie falou e sorriu, entristecida.

Mirza, deixando as pedras sobre a mesa, pegou na mão de Lisie e a apertou suavemente.

— Você ainda conhecerá o amor, minha querida.

— As pedras disseram isso? — perguntou, esperançosa.

— *Eu* estou dizendo — Mirza deu um tapinha carinhoso nas bochechas rosadas da jovem. — E é melhor se apressar, porque irá chover.

Lisie não acreditou muito, porque o céu estava límpido quando chegara ali. Talvez nevasse mais tarde, mas chover era bem difícil de acontecer. Não seria a primeira vez que a velha erraria uma previsão.

Levantou-se e pegou a capa que deixara pendurada atrás da porta. Segurou nas mãos enrugadas da velha e sorriu afetuosamente.

— Volto na próxima semana — disse e colocou o capuz sobre os cabelos.

Mirza não disse nada. Viu a jovem sair pela porta e acenar antes de fechá-la.

— Não, não nos veremos mais, querida Lisbeth... — Mirza falou com pesar e alisou suas pedras com as pontas tortas dos dedos.

Lisie deixou a cabana de Mirza e um vento forte a obrigou a apertar mais a capa contra o corpo. Caminhou até as árvores junto à trilha, onde deixara sua égua amarrada, comendo algumas gramíneas queimadas pelo frio. O vento estava úmido. Talvez, dessa vez, Mirza acertasse e a chuva viesse. Suspirou segurando com firmeza nas rédeas e acariciou o pescoço do animal.

— Às vezes, eu gostaria que ela acertasse... — falou para a égua, que a fitava com grandes olhos escuros e compreensivos.

Olhou na direção da mansão, que ficava do outro lado do vale. Dali onde estava seria fácil fugir para longe e nunca mais aparecer. Certamente, todos ficariam felizes com seu desaparecimento.

Fechou os olhos e pensou nas coisas que a velha lhe dissera. Havia uma linha em seu destino que a faria encontrar um grande amor e não sabia se, acaso fugisse, não iria atrapalhar os planos que havia para ela.

Lembrava-se muito bem do dia em que Andrea chegara à mansão, passando pelas grandes portas do salão como se fosse uma rainha. Seus cabelos loiros e reluzentes estavam presos num elaborado penteado. Sua pele parecia feita de porcelana e Lisie, com apenas quatro anos, associou-a a uma casca de ovo.

Andy, como o barão chamava carinhosamente a nova esposa, apoderou-se de tudo e ignorou a menina.

A mãe de Lisie morrera assim que ela nasceu e o pai, simplesmente, abandonou-a aos cuidados de uma ama de leite. Ele a culpava pela morte da esposa e por não ter nascido um menino, o herdeiro dos títulos e terras.

A menina aprendeu a viver longe do pai e a aceitar seus olhares acusadores sempre que se encontravam. De certa forma, vivia feliz entre os criados e seus filhos. Ela podia comer os bolos, correr pela terra, não se preocupar se a roupa estava limpa ou suja, não precisava usar as sapatilhas de cetim. O único momento em que se transformava na filha do barão era quando tinha que ser lavada e colocada para dormir em seu quarto, que ficava na mesma ala do quarto do pai. Entretanto, ela evitava sair dali quando o ouvia passando pelo corredor ou falando com algum criado.

A chegada de Andy tumultuou sua tão tranquila vida. A madrasta passou a dar ordens e exigir que Lisie ficasse bem vestida, calçada e penteada. Vivia criticando seu cabelo, dizendo que era horroroso, que só podia ser herança da

mãe com sangue escocês. Dizia sempre que seus modos eram de uma camponesa, o que não chegava a magoar a menina, mas tudo em Lisie desagradava a madrastra.

Andy perdeu um bebê que, segundo ela, era um menino. Ela ficou deprimida e o marido a encheu de mimos como vestidos novos e colares. Lisie foi mantida à distância para não incomodar, embora jamais o fizesse, aprendendo a se calar e a se esconder.

No ano seguinte, as gêmeas, Margareth e Victoria, nasceram. O pai ficou arrasado por um tempo, mas não as evitou ou condenou a mulher por ter lhe dado filhas mulheres e Andy lhe prometeu que ainda teriam o filho homem, mas o tão sonhado herdeiro não chegou.

Lisie pouco encontrava suas irmãs, que eram orientadas a evitarem contato com ela para não se contaminarem com seu comportamento. Elas deviam manter distância e, logo, aprenderam a ignorar a irmã mais velha.

Maggie e Vic cresceram como duas bonecas. Não se sujavam e não se descabelavam. Às vezes, Lisie não sabia dizer se respiravam. As duas eram idênticas, com sua pele perfeita, seus cabelos muito loiros e olhos de um azul gélido, muito diferentes dela, que tinha os cabelos vermelhos e rebeldes, os olhos verdes escuros e aquelas pequenas sardas sobre o nariz.

As irmãs foram crescendo e aprenderam com a mãe a olhá-la com expressões de desdém, nojo e indiferença, e Lisie aprendeu a ignorá-las. Enquanto elas aprendiam a bordar, costurar e encantar o pretendente ideal, Lisie escapava para os jardins, a horta, a casa de Mirza. Na maioria das vezes, Anton, o filho da cozinheira, a acompanhava.

Quando ela ficou menstruada pela primeira vez, Nina, sua ama, teve de informar Andy e, naquela noite, depois que ela havia se lavado, a madrastra entrou em seu quarto. Ela se parecia com um fantasma, parada rigidamente ao lado da cama com uma expressão sombria.

— Agora você é uma mulher e se ainda não se entregou para algum criado encardido, ainda vai fazê-lo e com certeza envergonhará a família. Seu sangue é sujo. Sua mãe era uma escocesa. Não sei como seu pai foi se casar com alguém assim, mas isso já não é um problema. E você, caso engravide de algum dos plebeus com quem anda, é melhor sumir daqui, jogar-se no rio ou qualquer outra coisa que nos livre de sua vergonhosa presença — dito isso, ela se virou e saiu do mesmo jeito que havia entrado.

Cheia de dúvidas e de medo, Lisie ficara encolhida sobre a cama, desejando sumir naquela mesma noite. Pediu que a mãe, onde quer que estivesse, viesse buscá-la. Perguntava-se por que Deus não a levara junto com a mãe ou por que o pai não a jogou no rio assim que nasceu, já que a desprezava tanto. Entretanto,

Nina mais uma vez viera em seu auxílio e carinhosamente contara que sua mãe era uma mulher belíssima e alegre, e que o barão a amava. Contou que ele sofreu muito com a morte dela, mas infelizmente descontou toda sua dor em Lisbeth, porque era muito parecida com a mulher que o abandonou para sempre.

Aquela explicação apenas fez Lisie se sentir pior, pois era a culpada pela morte da mãe. Se ao menos tivesse nascido menino, o pai não ficaria tão infeliz.

— Você... saiu... sozinha de novo!

A voz de Anton a fez dar um pequeno salto, puxando-a daquelas lembranças amargas que aqueciam seu estômago.

Eles se conheciam desde criança. Anton, dois anos mais velho que ela, tinha cabelos lisos e castanhos, e sua pele era bronzeada por causa do tempo que passava no campo, trabalhando. Quando eram menores ele estava sempre a cercando, enquanto se aventurava pelas terras do pai. Mas há algum tempo Anton passou a trabalhar no campo e quando se encontravam parecia sempre irritado, nervoso, como se ela tivesse alguma culpa por ele ter que trabalhar com o pai enquanto ela ia cavalgar, visitar Mirza ou apenas passear pelas trilhas.

— Por que não me esperou chegar do campo? — ele inquiriu, ofegante e irritado, apoiando-se na árvore.

— Eu não preciso de ninguém comigo o tempo todo, gosto de me sentir livre.

— Ela entortou os lábios e balançou a cabeça.

Anton a fitou, apertando os lábios com força e seus olhos cor de avelã se estreitaram.

— Agora que sou um camponês, já não sou necessário? — A voz dele foi dura e Lisie não o compreendeu.

— Eu... não entendi... o que... ? — Ela estava bastante confusa com a irritação dele. — Você sabe que eu gosto de visitar Mirza e...

— Não devia dar ouvidos ao que a velha fala... É uma bruxa.

— Gosto da companhia dela. Ao menos não fica me cobrando coisas... — Ela fez uma careta e parou ao lado da sela, ajeitando-se para subir. — Mas ela disse que ia chover e pelo jeito acertou.

Olhou para o céu que escurecera. O vento frio havia aumentado e aquela conversa sem sentido a estava deixando preocupada, porque percebia que alguma coisa havia mudado em seu amigo.

Há algum tempo, sentia que ele ficava tenso perto dela e a olhava de maneira estranha, como se a culpasse por alguma coisa. Por isso, vinha evitando se encontrar com ele. Já lhe bastavam os olhares tortos de sua família.

Vira, recentemente, Anton brigando com um dos rapazes no campo e algumas pessoas tentavam separá-los. Logo depois, ele a havia procurado e não disse nada sobre a briga, apenas afirmou que estava cansado daquele lugar.

Antes de ela conseguir montar, Anton pegou em seu braço a impedindo e a encarou. Lisie, primeiro o olhou, confusa, e depois cerrou as sobrancelhas, olhando para a mão dele que apertava seu braço com força.

— Liz... — Anton falou e respirou fundo. Seus olhos se detiveram na direção dos lábios dela.

Lisie tentou puxar o braço, mas ele não a soltou.

— Solte-me, Anton! — pediu, sentindo o corpo estremecer e não sabia se era por conta do vento gelado e da chuva fina que começava a cair ou de medo. O comportamento de Anton a estava deixando muito assustada.

— Vamos fugir, Liz! Vamos embora daqui! — Ele a pressionou contra o corpo forte da égua que se mexeu, incomodada. — Vamos para o norte, nós nos casamos... Seu pai e sua madrastra não se importarão com você!

— Você... está louco?! — Lisie o empurrou.

— Louco? — Ele a encarou sem compreender.

— Sim! Louco! — A voz dela tremeu. — Eu não entendo o que está dizendo. Fugir? Casar? — Conforme dizia aquilo, pensava no que Andy lhe dissera anos atrás sobre ela se envolver com um plebeu, envergonhar a família. — Por que está dizendo essas coisas? — Teria Andy alguma coisa a ver com o comportamento dele?

— Porque eu te amo. Sempre te amei e ninguém aqui te ama!

Lisie sentiu as lágrimas queimarem seus olhos. Amor? Do que ele estava falando? Gostava dele, era seu amigo, mas, amor? Casamento?

— Deixe-me, Anton, por favor! — pediu, sentindo algo se partir dentro dela.

Sabia que ninguém a amava, mas a declaração brutal dele não a deixara melhor, apenas aumentara o vazio que sentia e que sempre tentava esconder.

— Só porque sou um camponês, Liz? É isso? Você acha que um dia algum príncipe vai aparecer aqui, dizer que a ama e levá-la, como nas histórias idiotas que Nina lhe contava? — Ele a segurou com as duas mãos, apertando seus braços. — Beije-me e vai descobrir que me ama também, e vamos embora desse lugar... — disse e a beijou.

Lisie nunca havia beijado e sempre havia sonhado em como seria bom o dia em que aquilo acontecesse, mas o beijo de Anton a feriu. Não só porque naquele momento ela perdeu seu melhor amigo, mas porque o beijo forçava seus lábios.

Ela havia desejado algo quente, que os lábios do homem que a beijaria a primeira vez fossem macios e a tocassem com carinho, mas o beijo de Anton era só desespero e força.

As lágrimas desceram pelo rosto dela. Então, presa pelos braços e com Anton tentando beijá-la, ela ergueu o joelho e bateu com toda a força que conseguiu entre as pernas dele.

Anton se afastou, gemeu segurando as partes íntimas e se encolheu, enquanto Lisie tentava montar na égua para sair dali o mais rápido possível. O vestido a atrapalhou, mas ela montou assim mesmo, meio enroscada, meio fora da sela, porém a égua partiu rapidamente.

A chuva e o vento gelado batiam no rosto dela, misturando-se às lágrimas que desciam quentes e esfriavam em seguida sobre a face. Não estava enxergando nada.

— Liz! — Ouviu o grito de Anton e sabia que ele estava atrás dela.

Ela se virou para tentar ver onde ele estava e a égua deu um pequeno salto sobre um monte de terra. Lisie, que estava com o corpo quase todo fora da sela, foi arremessada e caiu na lama. Seu braço bateu em uma pedra pontuda e uma dor aguda cruzou todo seu corpo.

Levantou-se com dificuldade. O vestido, todo sujo de lama, estava pesado e a dor no braço fazia com que estrelas pipocassem diante de seus olhos, mas ela se virou e correu, ou tentou correr.

Anton vinha mais atrás. Ele só não corria mais porque mancava, certamente, ainda sentindo os efeitos da joelhada que levava.

Capítulo 2

— O que é aquilo? — Robert indagou, olhando na direção do vale.

A chuva apertara bastante e eles foram obrigados a diminuir o ritmo dos cavalos para que nenhum se ferisse. O frio e, agora, a chuva, os deixaram impacientes e taciturnos, cobertos pelas pesadas capas que protegiam suas armas. Uma pequena carroça, coberta de pele de cervo, seguia ainda mais lenta atrás deles, embora estivesse vazia, porque era destinada a conduzir a noiva de seu irmão até Davon.

— Parece algum ritual de acasalamento — Jack, o segundo em comando, falou em tom de ironia, olhando na direção para onde Robert olhava sério. Ele riu alto e toda a comitiva parou para observar o casal que corria no meio da lama, próximo a um cavalo que ziguezagueava, meio perdido. — Esses camponeses sabem se divertir, sem dúvida! — comentou e viu Robert bater os pés na barriga do cavalo, saindo num trote veloz no meio da chuva e da lama, em direção à mulher que corria no meio do campo.

Jack suspirou e se apoiou na cela, observando. Robert era um homem nobre e não conseguia evitar. E lá ia ele atrás de uma donzela em perigo.

Lisie puxou a saia com força para desenroscá-la de galhos no caminho. A capa já estava completamente encharcada e não impedia que a água e o frio passassem para seu corpo. Tropeçou algumas vezes e chegou a cair de joelhos, mas não ficaria parada, esperando que Anton conseguisse alcançá-la.

A dor pulsava violentamente em seu braço e se espalhava pelo corpo. Passou a mão pelo rosto, livrando-se da água e se deparou com aquele cavaleiro que vinha velozmente em sua direção. Talvez fosse um dos soldados de seu pai, mas o cavalo que ele montava era grande demais. Não havia animais como aquele em D'Tanis.

Conforme ele se aproximava, viu que o homem que o montava também era grande. Estava coberto por uma capa grossa, mas seus ombros largos se destacavam, assim como as pernas longas e musculosas, e os pés calçados com botas altas de couro. A bainha de uma espada cintilou junto à panturrilha dele, conforme o animal trotava com elegância.

Ela parou, ofegante e trêmula, o frio e a dor desejando paralisar seus músculos, mas seu coração batia rápido e descompassado. O homem diminuiu o trote do animal e, alguns metros à frente dela, parou e apeou com uma agilidade impressionante. Lisie só conseguiu ficar ali, parada, tremendo como um junco no

rio agitado.

— Senhora! Está tudo bem? A senhora foi atacada? — Ele olhou na direção da trilha, mas o homem que a perseguia não estava visível. Talvez tivesse se escondido atrás de uma moita. — Senhora... — Aproximou-se mais.

Lisie prendeu a respiração e precisou erguer a cabeça para ver o rosto dele, quando parou à sua frente. Ela atingia a altura de seu ombro. Vislumbrou um queixo forte com uma barba curta, como se fizesse apenas alguns dias que não se barbeava. Os lábios eram perfeitamente desenhados. Sua voz era grave, mas havia algo em seu tom preocupado que aqueceu o coração dela. Nunca, ninguém havia perguntado se ela estava bem, como se sentia...

— Veja! Está tremendo tanto que não vai conseguir prosseguir! — ele disse, preocupado. Em um movimento rápido, tirou a própria capa e a jogou sobre os ombros dela, que sacudiam independentemente de sua vontade.

Lisie, então, pôde vê-lo descoberto. Era o homem mais bonito que já vira em toda sua vida e aquilo parecia roubar sua fala. Ele tinha postura de nobre. Não era um simples soldado.

— Venha, deixe-me levá-la até sua casa. — Ele passou o braço pelos ombros dela.

— Na... não... precisa... — ela não conseguia falar direito com aquela tremedeira toda. A capa do homem estava quente por dentro, mas o corpo dela estava muito molhado e a dor se espalhara do braço para quase todo seu corpo. — Obri...ga...da, mas... o senhor não... pode... ficar sem capa... com... esse tempo. — A frase longa custou muito esforço da parte dela.

— Não tenho problema com isso — ele falou e sorriu. Os olhos, de um azul profundo e cálido, brilhavam. Os cabelos escuros caíam molhados, à altura dos ombros.

Foram até o cavalo de pelagem escura e pernas longas e fortes. Ele parou à frente dela e a olhou com uma expressão estranha antes de colocar as duas mãos em sua cintura.

Lisie se assustou e deu um passo para trás, mas foi barrada pelo corpo grande do animal. Lembrou-se do ataque de Anton, porém o homem a olhava, preocupado, e seu toque foi delicado.

— Vou ajudá-la a subir. Não tenha medo. — Ele olhou novamente para a trilha e estendeu a mão para ela. — Suba, por favor! Eu vou falar com aquele homem.

Ele estreitou as sobrancelhas e adquiriu uma feição perigosa, que fez Lisie, mesmo sem saber quem era aquele homem, temer pela vida de Anton.

Sem dar tempo para que ela reagisse, ele a segurou firmemente pela cintura e a ergueu sobre a sela, como se ela não pesasse nada, mesmo com o vestido todo

molhado e a grossa capa.

— Não precisa... por favor... não se preocupe, eu... — ela ia falando e ele a encarou.

Sem qualquer cerimônia, ele bateu nas ancas do cavalo, que começou a andar em direção ao grupo de homens que estavam parados na estrada que levava à mansão.

— Jack vai ajudá-la e eu já encontro vocês — ele disse, enquanto o cavalo se afastava.

Lisie olhou para trás, atônita, vendo o homem ficar no caminho cheio de lama, encarando Anton, que surgiu detrás de uma pequena elevação de terra e estancou, claramente com medo.

Um dos cavaleiros se aproximou rapidamente e segurou as rédeas do cavalo que ela montava.

— Senhora, está segura agora. Não se preocupe. — Ele deu um leve sorriso e começou a conduzir o cavalo em direção ao grupo.

Lisie olhou para trás mais uma vez e viu aquela figura magnífica parada sob a chuva. Ele não havia puxado sua espada, mas começou a andar na direção de Anton.

O que ele faria? E Anton?

Ela se virou quando se aproximaram da carroça e todos a olharam, intrigados, talvez se perguntando por que um deles havia se preocupado tanto em socorrê-la.

— Senhora... — O homem, que deveria ser Jack, desceu de seu cavalo e estendeu a mão para ajudá-la.—Na carroça ficará mais aquecida.

— Isso... não... é necessário. — Ela tremeu.

O homem maduro, com alguns fios grisalhos nas têmporas, balançou a cabeça e sorriu.

— Lorde Davon jamais me perdoará se a deixar morrer de frio.

Lisie sentiu o coração pular com força. Lorde Davon?! Aquele seria o barão de má fama, que era o senhor das terras que um dia pertenceram a seu pai?

As histórias sobre o barão Davon eram conhecidas por todos e seu pai fazia questão de acentuar os defeitos do homem a quem devia vassalagem.

Ele foi visto bêbado e dizem que não tem qualquer pudor em bater nas mulheres com quem dorme. O pai dizia, para horror da esposa.

Lisie achava que havia muito exagero naquelas histórias e, agora, vendo o homem que fora tão delicado com ela e um perfeito cavalheiro, parado no meio da chuva, ficava difícil imaginar que o que diziam sobre ele era verdade.

Jack a ajudou a descer do cavalo e subir na carroça. O frio permaneceu, mas ao menos a chuva parou de encharcá-la quando ficou debaixo da cobertura de pele. Outro homem apareceu com um cantil e o estendeu a ela.

— Vinho com especiarias, muito bom para ajudar a aquecer o corpo — ele falou e ela aceitou prontamente, pois não estava mais conseguindo pensar direito, enquanto seu corpo tremia incontrolavelmente e doía.

— Senhora, há uma coberta seca no baú — Jack falou, indicando o pequeno baú sob o banco de madeira.

Lisie não queria molhar toda a carroça e ainda por cima alguma coberta do lorde. Apenas apertou a capa dele sobre o corpo, sentindo o calor que ela ainda guardava.

— Está... tudo bem. — Ela segurou o cantil com as duas mãos e bebeu um gole generoso do líquido, que desceu esquentando-a por dentro, com um sabor como nunca experimentara igual. Nunca havia provado um vinho tão bom. — Obrigada!

Jack sorriu e assentiu.

Lisie bebeu um pouco mais do vinho e aos poucos os tremores diminuíram, embora ela ainda estivesse completamente molhada e seu braço meio amortecido. Não conseguia ver o que acontecia na trilha, pois os homens montados ocultavam lorde Davon e Anton de seu campo de visão.

Ela se perguntava por que um lorde havia se preocupado com uma mulher que não parecia uma lady, a ponto de parar para ajudá-la. E o que o barão de tão má fama estaria fazendo ali, nas terras de seu pai?

Pensando melhor, concluiu que as terras eram do barão e ele podia viajar por elas quando quisesse, apesar dela nunca tê-lo visto antes. E ele era incrivelmente belo e mais jovem do que havia imaginado.

— Senhora...

Lisie deu um pequeno salto no banco, quando ouviu a voz do lorde ao lado da carroça. Ele a olhava, sério, e a água escorria por seu rosto e cabelos.

— Está ferida? — ele indagou e olhou para o braço dela. Só então, ela percebeu o sangue que havia escorrido pela manga de seu vestido. — Logo estaremos em algum abrigo e poderá tratar disso.

— Milorde... — ela falou e sua voz ainda tremia um pouco — O que foi feito do homem que...

— O covarde? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Gritou que foi atacado sem ter feito nada e que trabalha na mansão D'Tanis — fez uma pausa. — Claro que não acreditei que uma mulher tão delicada quanto a senhora tenha sido capaz de causar qualquer ferimento a um homem. Ele fugiu correndo, mas mandei um de meus soldados irem atrás.

Lisbeth ergueu o queixo trêmulo e o encarou com os olhos estreitados.

— Eu o acertei com... meu joelho, milorde.

Um leve sorriso se desenhcou nos lábios firmes dele.

— Então, ele foi realmente atacado? — Ergueu uma das sobrancelhas e, aliviado, viu um leve rubor no rosto, até então, extremamente pálido dela.

— Não! Quer dizer... Eu não o ataquei, ele me tocou e eu tentei escapar com meu cavalo, mas caí e... — Mordeu o lábio inferior, envergonhada. Aquela conversa a estava deixando nervosa e até esquecera-se do frio e da dor.

— Ele não é seu marido?

— Não! — ela respondeu com indignação e seu rosto finalmente esquentou.

— A senhora vive na mansão? — ele perguntou, sem se importar com a chuva que caía sobre sua cabeça.

— Sim...

Ela ia dizer que era filha do barão D'Tanis, mas pensou em não constranger a família, afinal estava num estado lastimável, o que faria sua madrastra ter um surto se a visse.

O lorde, então, virou-se e começou a dar ordens aos soldados para que se apressassem até a mansão. A cobertura de pele da carroça foi jogada para frente e Lisie se viu acomodada e aquecida lá dentro. O cheiro do lorde estava impregnado na capa na qual se manteve enrolada, enquanto o veículo balançava e avançavam lentamente pela estrada enlameada.

Seu braço começou a latejar e ela acabou por beber todo o conteúdo do cantil.

Capítulo 3

Robert conduzia seu cavalo pela estrada e observava a carroça ao lado. A mulher que estava lá dentro o deixava desconfortável. O rapaz que ele interpelara pareceu realmente assustado quando percebeu que se tratava de um nobre e se apressou em dizer que trabalhava para o barão D'Tanis, e que ele e a mulher se conheciam da mansão. Disse que não pretendia feri-la, apenas acompanhá-la de volta, mas como ela mesma havia confirmado, ele tentou alguma coisa inapropriada e levou uma joelhada.

Entretanto, aquela mulher havia mexido com ele. Havia algo naquele olhar, de um verde brilhante, naqueles fios de cabelo vermelho escuro, nos lábios de aparência macia e até nas sardas sobre o nariz e as bochechas, que o deixaram simplesmente fascinado. Além disso, ele havia se impressionado com sua agilidade e indignação, diante do ataque e de seus comentários.

— Ela impressionou mesmo você, não foi Robert? — Jack comentou enquanto cavalgava ao seu lado, olhando rapidamente na direção da carroça coberta.

Robert deu de ombros como se aquilo não fosse uma verdade inexplicável.

— Não é qualquer mulher que tenta fugir de uma agressão, montando um cavalo depois de bater no agressor.

— E que é muito bela, mesmo suja de lama — Jack completou com um sorriso e Robert se virou para ele com as sobrancelhas escuras arqueadas. — Todos repararam, mesmo que você tenha tentado esconder isso debaixo de sua capa. — O velho soldado riu.

— Não tentei esconder. Queria apenas aquecê-la. Ela estava morrendo de frio — explicou e viu a satisfação no rosto do amigo. — Você está vendo coisas, Jack. Acho que é a chuva. — Deu um sorriso torto e apressou o trote de seu cavalo.



Lisie sentia-se letárgica quando a carroça parou, talvez fosse o vinho, talvez o cansaço daquela escapada ou o sangramento no braço que doía bastante e ela tentou conter, enrolando o lugar com um pedaço da capa.

Já anoitecia quando a pele foi retirada de cima das traves da carroça e ela constatou que estavam parados diante da mansão de seu pai. O homem que descobrira a carroça estendeu a mão para ajudá-la a descer e ela reparou no grupo de seis homens que desmontavam.

Ela não podia deixar que seu pai ou Andy a vissem daquela maneira. Não podia entrar pela porta da frente, ainda por cima levada pelo barão. Por isso, assim que foi deixada ao lado da carroça, saiu rapidamente em direção à porta da cozinha. Não olhou para trás, nem quando ouviu o jovem gritar: *senhora!*

Lisie entrou correndo e cambaleando pela cozinha. Nina estava nervosa, bebendo chá, quando a viu passar.

— Meu Deus, Lisie! Onde esteve? Eu estava muito preocupada! O que houve com você? Está molhada e ensanguentada. — A ama correu e a amparou.

— Eu estou bem... — E finalmente toda a tensão pesou sobre seu corpo, fazendo-a cair de joelhos no meio da cozinha.

Vozes nervosas vinham do corredor. Diziam que homens do barão tinham chegado e que precisavam alojá-los e preparar uma refeição digna.

Lisie olhou para Nina.

— Não quero que me vejam, Nina — pediu, aflita, e a ama nem questionou. Afinal, sabia como Andrea reagia a qualquer comportamento da jovem e como gostava de humilhá-la.

Nina apontou para a porta da despensa e Lisie foi até lá, apoiando-se tropeçadamente, e a abriu, escondendo-se. Sentou-se, exausta, sobre um dos sacos de trigo e ouviu quando Andy falou com as criadas da cozinha.

— Eu quero uma refeição adequada, pão quente, vinho e cerveja para os homens do barão. Tudo tem de estar perfeito, entenderam? Nina! Onde está aquela criatura rude e selvagem? — indagou rigidamente.

— Estava descansando... — Nina respondeu.

— Pois a avise que sua presença será exigida no jantar, já que temos um convidado nobre.

— Sim, milady.

Pouco depois, Nina abriu a porta e balançou a cabeça.

— Venha, Lisie, vou preparar um banho para você — a ama disse, ajudando-a a se levantar.

Enquanto tomava banho, sem vontade alguma de se vestir para o jantar e sentindo dor, Lisie pensou no barão Davon e naquilo que sabia sobre ele.

As notícias que correram pela nobreza eram de que o rei dera o título a William Davon quando o pai morreu. O prestígio dos Davon era tão grande na corte que tiveram o direito de manter seu próprio nome ligado ao título, o que era raro de acontecer.

O que aquele homem desejaria de seu pai?

William Davon tinha uma fama terrível, mas era muito querido pelo rei, elogiado por sua incrível capacidade em batalhas e pela administração de suas propriedades.

O que o lorde estaria fazendo ali, na sua casa? Seu pai era um nobre medíocre, que se tornara um simples vassalo.

Mesmo desejando não cumprir aquela exigência social, porque estava sentindo bastante dor e temia que o barão a reconhecesse, ela teve que se vestir para o jantar.

Nina a ajudou e trançou seus longos cabelos vermelhos, herança da mãe, que irritavam Andy. A madrasta mostrava todo seu desprezo pela aparência dela e pelo que ela representava. A única regalia que possuía era seu quarto dentro da mansão e, mesmo para isso, Andy mostrava todo seu descontentamento.

O mesmo acontecia quando se via obrigada a comprar alguns vestidos para a enteada, para serem usados em algum evento importante no qual o Barão D'Tanis deveria se apresentar como um bom pai de família. Mas o pai sempre encontrava alguma desculpa para não levá-la.

O que desejavam para ela era apenas encontrar um marido rico, pois assim, além de livrar-se de sua presença, conseguiriam dinheiro e acordos importantes. Mas os noivos não apareciam e o pai já ameaçara mandá-la para o monastério.

O vestido azul que colocou era o melhor que tinha e só o usava em festas e ocasiões especiais. Isso a estava incomodando, gerando uma pontada aguda em sua cabeça, como um aviso de que nada estava bem para ela. Além disso, seu braço ainda doía, apesar do curativo feito por Nina.



Robert tomava vinho com Joseph Phillips, enquanto a esposa e as duas filhas idênticas do barão se sentavam junto à lareira, fitando-o intensamente.

A filha mais velha, noiva de seu irmão, ainda não estava presente, o que parecia incomodar demasiadamente a família, mas Andrea mantinha as filhas como ofertas tentadoras ao redor dele. Entretanto, elas pareciam mais um par de bonecas, com rostos frios, olhos apagados, peles perfeitas e penteados impecáveis. A presença das duas não afastava as imagens de uma criada com vivazes olhos verdes, cabelos vermelhos e pequenas sardas sobre o nariz.

Mais cedo, quando foi se lavar, perguntara a uma das criadas se uma delas chegou ferida horas antes. Uma com cabelos vermelhos, ele dissera. A mulher pareceu incomodada, mas disse que nenhuma criada havia se ferido. Ele ficou desconfiado. Talvez, temessem que ele, como representante do barão, pudesse punir a criada de alguma forma.

Ele pegou a mensagem de William e a estendeu a Joseph.

— Estou aqui para cumprir uma ordem de meu irmão e espero ser atendido — disse e o homem, relutante, pegou o papel com o selo dos Davon.

Robert o observou romper o selo com as mãos ligeiramente trêmulas. Ele

abriu a mensagem e leu vagorosamente. Um leve sorriso foi se abrindo no rosto envelhecido e o homem fez uma única pergunta:

— O dote está com milorde?

Robert imaginou como aquele homem estava feliz em casar sua filha mais velha, que certamente havia passado da idade de casar e deveria ser horrorosa para nunca ter recebido uma proposta antes.

Assentiu.

O dote oferecido pelo irmão era uma exigência direta do rei, como prova de que não guardava rancores do velho lorde e que esperava que ele continuasse a ser leal.

Joseph olhou para a esposa e fez sinal para que ela se aproximasse. Andrea viu a satisfação no rosto do marido, por isso não perguntou nada.

— Andy, onde está minha filha? — indagou, mal contendo a satisfação.

— Ela deve descer logo, vou mandar chamá-la — ela respondeu, mas ficou olhando para o marido, esperando as notícias.

— O rei ordenou que Lisbeth case com o Barão Davon. — Ele balançou o papel com veemência e Andy juntou as mãos contra o peito, sorrindo. — Lorde Robert está aqui para levá-la para Davon e nos deixará um dote! — A animação dele era indisfarçável.

— O rei é um homem muito justo! — Andy falou com alegria.

Robert reparou que nenhum dos dois possuía qualquer tipo de afeto pela noiva de seu irmão.

— Vou chamá-la com urgência — Andy disse e se virou, saindo como uma ave excitada.

Limpa, usando seu melhor vestido e com o coração pulsando descontroladamente, Lisie desceu para o salão. Da ponta da escada, ouviu o pai falando animadamente com alguns homens. Era evidente que estava feliz e agia como um vassalo, desmanchando-se em elogios ao barão.

Lisie respirou fundo, desceu a escada e encontrou Andy, que vinha em sua direção. Não se lembrava de vê-la tão feliz antes.

— Que desagradável seu atraso, Lisbeth! — ela disse, e pela primeira vez desde que chegara à mansão, pegou no braço da enteada enquanto seguiam para o salão. — Espero que, ao menos hoje, consiga fingir que é uma lady e que valha o dote que estão pagando por você — pronunciou a frase com um prazer enorme.

Lisie ouviu aquilo e tentou se desvencilhar. Dote que estavam pagando por ela?! O que aquilo significava? Quem a estava comprando, o barão? O homem que a socorreu na trilha mais cedo?

Sentiu o corpo estremecer e um nó se formou em sua garganta.

— Finalmente, todo o desgosto que fomos obrigados a suportar será recompensado — Andy falou baixo quando entraram no salão.

O pai estava diante da janela e bebia, conversando com alegria exagerada com um homem que estava de costas para ela, mas Lisie sabia muito bem quem era. Os ombros largos, os cabelos negros descendo sobre a nuca, alto e imponente.

Suas irmãs a olharam num misto de zombaria e inveja, mas era sempre assim que a olhavam, não havia novidade nisso.

— Milorde, essa é minha filha, Lisbeth Phillips — Joseph falou com um gesto na direção dela e o lorde se virou.

Lisie sentiu o corpo e o rosto esquentarem terrivelmente quando viu o choque no rosto dele. Ele a reconheceu. Ela fez uma leve reverência e inclinou a cabeça.

— Milorde... — disse e sua voz quase não saiu.

Ele ficou olhando para ela sem dizer nada. Os lábios comprimidos e os olhos azuis brilhantes. Sua mão apertava a taça com força quando ele se aproximou lentamente.

O coração de Lisie estava tão disparado que sua visão oscilava.

Ele pegou na mão dela, segurando-a pela ponta dos dedos, que tremiam. Por um momento, seus olhos se encontraram e ela desejou sair correndo dali.

— Milady... — ele disse com a voz rouca — é um prazer conhecê-la!

Então, ele não iria dizer que já se conheciam, que a viu suja de lama, fugindo de Anton, que a socorreu e a levou de volta para casa.

— Este é lorde Robert Davon, irmão do barão e seu representante — o pai falou com satisfação.

Lisie arregalou os olhos. Então, ele não era o barão? Era irmão dele? Aquilo a alegrou de certa forma, o que pareceu não acontecer com Robert, que largou sua mão e se virou para o pai dela.

— Espero que o barão não se arrependa... — Joseph comentou, sério.

— De maneira alguma.

— Lisbeth — o pai se dirigiu a ela — lorde Robert trouxe uma carta do irmão, na qual ele a exige como noiva, em nome do rei Eduardo. Nós não contestamos ordens do rei e por isso, assim que o lorde desejar partir, você irá com ele para Davon, onde deverá se unir ao barão.

— É uma honra! Uma jovem que já passou da idade de casar, que não recebeu propostas de casamento e que irá se tornar baronesa — Andy falou com escárnio e uma ponta de inveja, que tentava disfarçar.

— E quem sabe, ser uma lady. — A voz de uma das irmãs ecoou baixa, vinda de perto da lareira.

Lisie sentiu as lágrimas queimarem seus olhos. Vendida ao barão para alegria de sua família. Trocada por um punhado de ouro. Esticou o corpo e respirou

fundo, o que fez seu braço doer terrivelmente, mas não iria dar o prazer à sua família de vê-la chorar.

— Milady... — Robert falou, interrompendo os comentários depreciativos da madrastra e da irmã. Ele viu como ela ficou pálida ao saber da notícia e viu os olhos se encherem de lágrimas. Era corajosa, mas ele iria defendê-la, afinal, ele era um Davon e ela... Não! Não iria pensar naquilo agora. — Posso oferecer uma taça de vinho? — perguntou e olhou para a criada que estava parada ao lado do jarro, e ela se apressou em encher uma taça. Robert a pegou e, gentilmente, colocou na mão de Lisbeth, sentindo a pele macia e fria. — Tenho certeza de que meu irmão não encontraria mulher mais bela em toda Inglaterra — declarou.

Ela o olhou como se ele estivesse louco, antes de beber um gole generoso do vinho e seu rosto ganhar uma linda coloração rosada, ocultando algumas daquelas pintinhas encantadoras.

— Certamente, há muitas candidatas com inúmeras qualidades que me faltam, milorde — Lisie conseguiu dizer, encorajada pelo vinho.

— Nenhuma à sua altura, milady — ele falou em voz mais baixa e deu um leve sorriso, o que a fez corar fortemente. Ele descobriu que adorava vê-la corada.

Lisie, sentindo a boca seca e sem saber por que aquele homem dizia aquelas coisas para ela, fez uma leve reverência em agradecimento.

Uma criada apareceu e anunciou a refeição, interrompendo aquele momento estranho.

Durante o jantar, Lisie sentia o peso do olhar de Andy, que vagava dela para Robert Davon, como se desconfiasse de alguma coisa. O pai estava tão satisfeito com o ouro ganho que sorria mais do que Lisie se lembrava de vê-lo fazer ao longo de seus dezenove anos.

Vez ou outra, ela levantava o olhar de seu prato e encontrava os olhos azul-escuros de Robert, que a sondavam. Estaria ele avaliando se ela se comportava bem à mesa? Ele devia desconfiar de seu comportamento, afinal, a encontrara correndo na lama depois de bater em Anton.

— Este acordo é irreversível, não é, milorde? Não há chances de que o barão se decepcione e deseje o ouro de volta ou devolva Lisbeth, há? — Andy perguntou, azeda.

— Lady Lisbeth não será devolvida, milady — ele respondeu seco e viu a mão de Lisbeth tremer, segurando um pedaço de pão que ela depositou no prato.

Lisie se sentia pior do que nunca sentada ali. Ela se ergueu cambaleante.

— Com sua licença, milorde. Eu não me sinto muito bem — ela disse e o viu se levantar e a olhar da mesma maneira preocupada que a olhara na trilha.

— Lisbeth! — O pai ergueu a voz, exasperado. — Sente agora mesmo! Não

irá fazer essa desfeita ao lorde! — Seu rosto estava vermelho.

— Tem toda minha licença, milady. E se houver algo que eu possa fazer para ajudá-la... — Robert falou e olhou com raiva para o pai dela.

— Obrigada, milorde! — ela agradeceu e deixou o salão.

Lisie ainda ouviu a voz de Andy.

— O barão terá de ser bom em domar éguas selvagens, milorde. E que a fama dele se faça valer para colocar Lisbeth em seu devido lugar.

Lisie subiu as escadas que levavam ao seu quarto, sentindo as lágrimas quentes descerem pelo rosto, mal conseguindo ver o caminho. Quando passou pela porta do quarto, deixou-se cair sentada atrás dela, se encolheu e chorou.

— Preciso dizer que a senhora foi bastante desagradável, lady Andrea — Robert, ainda de pé, encarou a mulher arrogante que acabara de magoar Lisbeth e o deixara furioso. — Vou me retirar também, se me dão licença. Acho que a comida não me caiu bem.

Os olhares de todos à mesa mostraram-se surpresos pela atitude dele, mas não se atreveram a falar o que quer que fosse. Ele saiu do salão com uma vontade louca de socar alguma coisa ou alguém.

Robert entrou no quarto onde estava hospedado e apertou as mãos com tanta força que chegou a ferir as palmas. Que família era aquela? Por que tratavam Lisbeth daquela maneira? Ela tentava se manter forte e ignorar os ataques, mas a tristeza era visível em seus olhos e ele não gostou nem um pouco de ver aquilo refletido em suas belas feições, assim como sua expressão assustada enquanto fugia do tal criado. Ele havia sentido a necessidade de protegê-la, mesmo sem saber quem ela era.

Sentou-se na cama e colocou a cabeça entre as mãos. *Noiva do meu irmão.* William era brusco e se excedia na bebida. O que seria capaz de fazer com a frágil e bela Lisbeth? Quanto ela aguentaria? Por que seu coração batia freneticamente quando a olhava, se estava ali para escoltá-la a Davon para que se casasse com William?

Irritado, esfregou o rosto com vigor. Se permanecesse na mansão ainda seria indelicado com alguém, porque sua vontade era fazer Andrea Phillips abaixar aquele nariz, assim como as filhas dela, e dar uma surra em Joseph por tratar a filha mais velha daquela maneira.

Capítulo 4

— Lisbeth! Abra essa porta! — A voz da esposa de seu pai soou rígida e abafada através da madeira.

— Deixe-me em paz, Andrea! — Lisie falou e se afastou como se pudesse ser ferida, apesar da parede e da porta entre elas.

— Você não me fará passar essa vergonha! — Andy disse no usual tom ameaçador que usava com a enteada. — Nosso hóspede está pensando o pior de mim por sua causa.

Lisie podia até imaginar o rosto impecável e vermelho de sua madrastra. O que lorde Robert havia dito para que ela ficasse irritada daquela maneira?

Não conhecera um homem como ele antes. Capaz de ser um cavalheiro, com uma aparência de guerreiro e que estava ali para cumprir a missão absurda de levá-la para um casamento para o qual ela havia sido literalmente comprada.

Por que seu coração disparava quando olhava para ele? Quando sentia seu olhar da cor de um céu tempestuoso sobre ela? Ele estava ali com um único objetivo: levá-la como uma mercadoria para o barão.

Suspirou, ainda ouvindo a voz aguda de Andy. Conhecia a madrastra e sabia que ela não sairia dali e o tom de sua voz apenas aumentaria.

Abriu a porta e Andy passou por ela como um animal em fuga. Seu rosto estava num tom de rosa bem forte e seus olhos pareciam soltar faíscas.

— Você... você... — foi falando, enquanto as filhas também entravam no quarto de Lisie e fechavam a porta.

Havia chegado o exército todo, pensou Lisie e se sentou na cama.

— Um barão! “O Barão”, a quem seu pai é obrigado a prestar vassalagem, tem o mau gosto de exigi-la como esposa, de pagar um dote valioso por alguém como você! Certo que dizem que ele é um bêbado e que bate em prostitutas como se fossem cachorros, mas ainda assim é um barão. Um dos mais respeitados, se não o mais respeitado pelo rei. Um homem que poderia ter qualquer lady que desejasse e manda comprar você! — Andy apontou com ferocidade para Lisie, despejando todo seu fel. — Se ele soubesse que você vive em meio aos porcos e se comporta como um deles mandaria sacrificá-la e não a pediria em casamento! — Sua voz estridente fazia parecer que um corvo havia entrado no quarto.

— Ele podia ter escolhido uma lady de verdade — uma de suas irmãs falou junto à porta, mas Lisie não olhou para ver qual das duas falava, porque até suas vozes eram idênticas.

Lisie apertou as mãos sobre o colo.

— Ofereça uma de suas filhas no meu lugar, assim uma delas pode virar a baronesa, já que você teve a infelicidade de não conseguir manter um barão, não é mesmo? — Deu de ombros.

Surpresa, Lisie se viu puxada pelo braço ferido, o que provocou uma dor tão aguda que lhe deu enjoo. As lágrimas chegaram aos seus olhos e sua voz não saiu.

— Você vai embora daqui, mas talvez nunca se torne uma baronesa — Andy falou perto de seu rosto e havia tanto veneno em sua voz que Lisie sentiu o frio correr por sua espinha.

— O barão vai bater nela, mamãe. Vai arrancar esses cabelos horríveis e deixar o rosto sardento do tamanho de um traseiro de cervo! — uma de suas irmãs, talvez Meg, declarou com satisfação.

— Ela não merece ser baronesa, filha — Andy empurrou Lisie com força sobre a cama. — Mas vai partir, graças a Deus! — disse e saiu do quarto com o queixo erguido, seguida pelas duas aves agourentas de cabelos dourados.

Lisie gemeu e segurou o braço, as lágrimas de dor desceram pelo seu rosto. Uma mancha de sangue começou a aparecer na manga do vestido. Ela não queria se casar com o barão, mas não imaginava um lugar pior para viver do que em sua própria casa. A porta abriu e Nina entrou, agitada.

— Lisie! — Sentou-se ao lado dela na cama. — Vamos cuidar disto — falou, invocada, enquanto descobria o local do curativo que fizera. Seus olhos estavam marejados e sua expressão tristonha. — Ela ainda vai pagar por tudo isso, tenho certeza. Lorde Robert defendeu você diante de seu pai e de lady Andrea. Deixou os dois calados e se retirou da mesa logo depois de você. — Deu um leve sorriso. — Talvez, o barão também seja um cavalheiro e o que dizem sobre ele sejam apenas histórias. — Fez uma careta quando viu o ferimento aberto e a pele vermelha em volta dele. O local estava bastante quente. — Lady Andrea disse que não vai dispensar ninguém para acompanhá-la, Lisie. O que ela está pensando? Que uma donzela pode sair na companhia de tantos soldados sem uma ama? — reclamou, inconformada.

Lisie olhou com carinho para sua ama e passou a mão pelo rosto, secando as lágrimas.

— Nina, eu gostaria muito que você fosse comigo — falou e a mulher de idade assentiu.

— Peça para lorde Robert, Lisie. Tenho certeza de que ele não lhe negará nada.

— Não quero me casar com o barão... — Lisie desabafou, exausta. — Mas não quero ficar aqui.

Pensou em Anton e no que tinha acontecido. Como iria encarar o velho amigo novamente? Jamais conseguiria deixá-lo se aproximar tanto outra vez. Algo havia se partido entre eles, definitivamente.

— Dizem que Davon é um belo lugar — Nina falou, jogando o pedaço de pano sujo de sangue na lareira. — E se o barão for um pouco parecido com lorde Robert deve ser um belo homem — comentou e viu o rosto da jovem ruborizar. — Ele foi muito gentil com você.

— Eu sou a missão dele, Nina — Lisie falou rapidamente, mas seu coração bateu forte quando se lembrou dele, erguendo-a sobre o cavalo, pronto a defendê-la no meio da chuva.

— Tenho a impressão de que será uma missão difícil. — Nina sorriu e sentiu a jovem estremecer.

Lisie não queria pensar em Robert e também não queria pensar no barão ou em Anton, ou em Andy, ou em seu pai. Só queria dormir e não acordar mais.

— Anton trouxe seu cavalo. Disse que o encontrou na estrada, mas estava bastante mal-humorado — e olhou com desconfiança para o ferimento no braço de Lisie. — Aconteceu alguma coisa, antes de você chegar correndo, toda suja de lama e ferida? — Conhecia a jovem desde bebê, assim como conhecia Anton e vinha percebendo os olhares desejosos do rapaz na direção de Lisie, mas ela parecia ignorar.

Lisie olhou para sua ama e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela balançou a cabeça, não querendo falar sobre o que tinha acontecido. Nina suspirou e segurou no rosto dela.

— Ele não é um pretendente para você, Lisie, e sabe disso. Mesmo que seu pai não a trate como uma filha, você é filha de um lorde e muito bela.

— Nina, eu não imaginava! Eu... — soluçou — o considerava um amigo, quase como se fosse meu irmão, mas então ele...

— Ele atentou contra sua virtude, Lisie? — Nina se ergueu, preocupada.

— Não. Ele falou coisas e... tocou... — Lisie se encolheu, lembrando-se de como se sentira depois do que acontecera.

— Tocou em sua intimidade? — Nina perguntou diretamente e viu o rosto de Lisie corar de forma violenta.

— Não! — Suas mãos tremeram.

— Graças a Deus! — Nina exclamou, aliviada. — Vou falar com a mãe dele, mas você vai partir e não correrá mais risco.

— Eu lamentei tanto, Nina! — disse com muita tristeza.

— Eu sei, minha querida. Mas os homens são assim, todos iguais... — a ama falou com uma careta.

Lisie a olhou sem dizer nada. Não queria que eles fossem todos iguais, mas

talvez sua ama estivesse certa.

Capítulo 5

A chuva havia parado de cair, mas o frio congelante apenas aumentou. Talvez a neve caísse mais cedo. Robert não dormiu e assim que o sol surgiu, já estava com Jack, organizando a partida.

— Não quer ficar mais um dia? — Jack o observava, intrigado. — Ou quer ir procurar por uma criada de cabelos de fogo que talvez esteja precisando de um galante cavaleiro para socorrê-la? — falou com um sorriso e viu o olhar feroz de Robert em sua direção.

Robert se apoiou no cavalo e olhou na direção da mansão. Suspirou. Jack não sabia que a jovem que ele havia socorrido no dia anterior era a noiva do barão.

— Jack, aquela criada não existe.

— Como assim, “não existe”? Todos nós a vimos...

— Aquela mulher é Lisbeth D'Tanis, a noiva do meu irmão — Robert declarou, constatando que aquilo ficava mais difícil a cada minuto.

Jack demorou um pouco a compreender. Então, arregalou os olhos, abriu a boca e deu um longo assobio.

— Meu Deus, Robert! — o velho soldado exclamou, sem conter a admiração. — Ela é perfeita! William não espera uma mulher selvagem assim. Ele acredita que desposará uma lady empoada, quebradiça. Quando descobrir como é a filha do barão, é capaz de se apaixonar realmente.

Robert ouviu aquilo sentindo os músculos se contraírem. Sabia que era verdade o que Jack dizia, mas não queria que William se apaixonasse. Não por Lisbeth. Mas estava ali para cumprir a missão de levá-la para o irmão e era aquilo que deveria fazer. Se William se apaixonasse, talvez, ela fosse feliz. Eles fossem felizes. E era naquilo que devia pensar.

— Sim, é capaz — obrigou-se a responder. — Vamos partir assim que lady Lisbeth fizer o desjejum — disse e se virou em direção à mansão.

Jack observou o jovem caminhar rigidamente pela trilha de pedras. Conhecia Robert e William desde muito cedo e sabia que aquela jovem de aparência exótica havia causado um forte impacto no sempre calmo e controlado Robert. Mas era a noiva de seu irmão e sua missão, como capitão da guarda e homem de confiança, era garantir que ela chegasse em segurança a Davon.



Lisie estava no salão, sentada à mesa e sem vontade alguma de comer. O baú com seus pertences estava junto à porta e ela usava um de seus trajes de viagem. A capa estava dependurada no braço de Nina, que limpava discretamente as

lágrimas dos olhos. O pai, Andy e as irmãs estavam à mesa e falavam animadamente. A família estava feliz e nem fazia questão de disfarçar.

A cozinheira, mãe de Anton, havia ido até seu quarto logo cedo e disse que sentiria muita falta dela, mas que o filho não suportaria sua partida, pois Lisie era o assunto dele desde que se levantava até quando ia se deitar.

Lisie percebeu que Anton não havia contado do incidente do dia anterior e não seria ela a magoar alguém tão querida quanto Marian, que lhe desejou felicidades e muitos filhos lindos.

O coração dela acelerou quando Robert entrou no salão, usando uma elegante túnica escura e as botas de montaria perfeitamente limpas, mesmo depois de ter enfrentado a lama do dia anterior. Seus cabelos negros estavam arrumados e presos. Seu rosto estava barbeado, o que destacava os traços fortes, o queixo imponente e os lábios firmes.

Os olhos azul-escuros se voltaram para ela da mesma maneira preocupada de antes. Ela podia sentir que ele se importava se ela estava ou não feliz, mas sabia que para ele era apenas uma tarefa a ser cumprida por ordem do irmão.

— Lady Lisbeth... — ele se inclinou respeitosamente ao lado da mesa, dirigindo-se a ela antes de ao seu pai ou à sua madrastra. — Espero que esteja se sentindo bem hoje para viajar. Se não estiver com disposição podemos esperar até que se sinta melhor para partirmos — disse com a voz grave e suave, que fez o rosto dela esquentar e seu coração bater junto à garganta.

O braço dela doía e latejava, talvez ela estivesse com um pouco de febre, mas não queria ficar mais na mansão. Não havia mais nada ali para ela. O futuro era sombrio, mas podia guardar alguma surpresa, como a velha Mirza dissera, enquanto que sua vida ali já estava escrita e não havia nada de bom nela.

— Estou pronta para viajar, milorde — ela disse estoicamente, disfarçando o tremor no corpo e o bolo que sentia no estômago. — Podemos partir imediatamente, se desejar. Eu só tenho um pedido a lhe fazer...

Ela olhou para Nina e respirou fundo. O lorde podia não aceitar seu pedido e sua madrastra havia dito que não permitiria que ela levasse qualquer criado da casa, mas ela tinha que pedir.

— O que quiser, milady — ele falou prontamente, fazendo-a corar ainda mais.

O que eu quiser? Ela pensou por um momento. O que ela queria era ser levada para algum lugar onde não fosse obrigada a se casar, mas que estivesse longe de sua família. Queria uma casa aconchegante, cavalos, um belo jardim, crianças correndo pelo campo e um marido que ela amasse e tivesse escolhido. Entretanto, sabia que ele não poderia realizar nenhum daqueles desejos. Então, ergueu-se e pegou na mão de Nina.

— Eu gostaria que me fosse permitido levar minha ama comigo. Nina vem

cuidando de mim desde que eu era um bebê e será mais fácil se ela... Por favor, milorde, permita-me levá-la a Davon! — pediu, apertando a mão da ama e o fitando nos olhos para que compreendesse como aquilo era importante para ela.

Robert sentiu o coração disparar e uma vontade quase incontrollável que ir até Lisbeth, tomá-la nos braços e dizer que ficaria tudo bem, que cuidaria dela e que faria tudo o que pedisse, até mesmo não levá-la para William.

Os olhos dela estavam suplicantes, seus lábios estavam pálidos, mas ela mantinha aquela postura régia. A mesma que o encantara quando a encontrou coberta de lama. Pigarreou para limpar a garganta, mas antes que dissesse qualquer coisa, Joseph se pronunciou.

— Minha esposa precisa de Nina na casa, milorde. Já não temos mais muitos criados e temos duas filhas a quem uma ama como Nina pode ser muito útil — falou e olhou para mulher, que assentiu com arrogância.

Era evidente que Andy havia perturbado o marido quanto àquele assunto na noite anterior. Lisie sentiu as lágrimas queimarem os olhos e reparou que Robert apertou o queixo com força, como que engolindo alguma resposta rude ao pai dela e aquilo a fez admirá-lo ainda mais.

— Lady Lisbeth poderá levar quem desejar e acredito que a ama será mais útil em Davon, onde há tempos não há senhoras que coordenem a casa. Se lady Lisbeth se sentirá melhor com sua ama por perto, ela deve acompanhá-la — ele disse com firmeza e pegou uma pequena bolsa de couro que estava presa ao cinto. O som do ouro tilintou, fazendo os olhos gananciosos de Joseph brilharem.

Robert pegou algumas moedas de ouro e as jogou sobre a mesa diante do velho barão. Rezava para que nunca mais precisasse colocar os pés naquela casa e também desejava livrar Lisbeth o quanto antes daquela família.

— Contrate uma nova ama — falou com frieza e viu o olhar ameaçador que Andrea lhe dirigiu.

— Obrigado, milorde! Farei isso — Joseph pegou as moedas rapidamente, como se temesse que Robert desistisse da oferta. Olhou para a mulher e lhe dirigiu uma expressão que dizia: *ouro é ouro e uma velha ama não irá fazer falta*.

— Obrigada, milorde! — ela falou com ácido na voz.

Robert se virou e viu, pela primeira vez, a sombra de um sorriso nos lábios delicados de Lisbeth. Algo se agitou dentro dele com violência e desejou vê-la sorrir abertamente.

Nina, aliviada, correu para buscar seus poucos pertences. Nunca havia se casado e Lisbeth era o mais próximo que possuía de família. Acompanhar a jovem para longe daquela família seria uma bela recompensa.

Robert não se sentou à mesa. Tinham provisões suficientes na carroça para os dois dias de viagem até Davon e, definitivamente, não queria compartilhar mais nada com aquela família.

— Haverá uma grande festa de casamento? — Andrea perguntou, amarga. — Afinal, é o Barão Davon que irá se casar e ele é querido pelo rei. E Lisbeth é filha de um barão, portanto... — disse e suas filhas se agitaram nas cadeiras. Elas amavam festas, principalmente se tivessem a oportunidade de ir à corte.

— Isto caberá ao barão e à lady Lisbeth decidirem. E se assim desejarem, a família será avisada — ele falou impacientemente e viu o baú com os pertences da noiva do irmão ser levado para fora do salão. — Milady... — aproximou-se mais dela. Perto o suficiente para ver as pequenas sardas sobre o nariz. — Já se alimentou? — perguntou, olhando com desconfiança para o prato intocado dela.

A pergunta a pegou de surpresa. O que aquilo poderia interessar a um homem como ele?

— Estou pronta para partir, milorde — ela respondeu sem olhar para o pai, que se levantara rapidamente da mesa.

Robert assentiu e olhou para o pai e a madrastra dela, que agora estavam bem próximos, o que o fez desejar afastar Lisbeth deles o quanto antes.

— Lorde Phillips... miladies... — Fez uma breve e educada reverência. — Meu irmão, o Barão Davon agradece seu desprendimento e boa vontade em permitir que sua adorada filha o despose, e manda dizer-lhes que continuem servindo bem ao rei e que ele garantirá que suas terras não percam valor — falou sem qualquer tipo de emoção e, então, estendeu o braço diante de Lisbeth. — Milady, permita-me.

Lisbeth respirou fundo e aceitou o braço dele. Fechou os olhos por um momento, sentindo o calor do corpo de Robert irradiar através da túnica e a mão firme que ele colocou sobre a sua, apertando-a suavemente.

Havia algo de íntimo e reconfortante naquele toque que fez as pernas dela oscilarem, mas ela se manteve firmemente amparada pelo braço dele.

— Não seja ingrata, Lisbeth. Agora que se tornará baronesa, deve reconhecer o que fizemos por você todos esses anos — Andy falou quando ela não se virou para despedir-se da família.

Lisbeth se voltou apenas o suficiente para olhá-los rapidamente. Mais do que nunca, sentiu que não fazia parte daquela família, que sempre fora uma estranha ali.

— Obrigada, milorde, milady... pela acolhida que me ofereceram por esses anos! — conseguiu falar sem que sua voz tremesse. — Mas creio que meu futuro marido já lhes enviou um baú com a recompensa. Aconselho que guardem-na para que possam pagar os dotes de suas queridas filhas.

Seu braço estremeceu, mas Robert a segurava. Então, ergueu os olhos para ele e viu um brilho diferente em seu olhar. Ele sorria ligeiramente, o que o tornava ainda mais bonito.

— Podemos partir, milorde.

Lisbeth se virou e, sem olhar para trás, passou pelas portas da mansão em direção à carroça, onde Nina já a aguardava ao lado dos soldados do barão.

Ela havia achado que seria fácil, simplesmente virar as costas e partir, mas aquele era o lugar em que passara toda a vida, por pior que fosse. Jamais havia se afastado o suficiente. Conformara-se que sua vida não iria mudar, embora a velha Mirza sempre dissesse que grandes mudanças aconteceriam para ela.

Robert estendeu a mão para ajudá-la a subir na carroça, que já estava com as traves parcialmente cobertas. A mão dele era quente e firme. Os olhos azuis a fitaram como que perguntando se estava tudo bem, quando a pontada no ferimento a fez se encolher ligeiramente.

Nina subiu pelo outro lado e as duas foram acomodadas no banco forrado com peles. Lisie puxou a pesada capa de inverno sobre os cabelos. Não olhou para os lados.

— Eles estão à porta, Lisie... — Nina falou baixo ao seu lado.

— Querem ter certeza de que o lorde não desistirá — ela respondeu, trêmula, e viu Robert montar em seu belo garanhão escuro, diante da carroça. Suas costas largas estavam retas e rígidas.

Eles seguiram pela estrada, comandados pelo ritmo da carroça puxada por dois cavalos. Haviam andado cerca de dez minutos quando um cavalo se aproximou rapidamente. Nina puxou o couro que as protegia do vento frio.

— É Anton... — ela falou e fez uma careta. — Estava me perguntando quando ele iria aparecer. — Balançou a cabeça.

Lisie esticou o pescoço para olhar para fora e viu sua égua, que era montada pelo rapaz, que até o dia anterior fora seu melhor amigo.

— Liz! — ele gritou e se aproximou.

Os soldados pararam os cavalos e ficaram em torno da carroça de forma protetora. Lisie viu os ombros de Robert subirem e descerem como se estivesse exasperado com a aparição.

— Liz! — Anton voltou a chamar por ela e Robert conduziu o cavalo, ficando no caminho dele. — Milorde! Eu preciso falar com ela! Não posso deixar que ela parta assim... — ele falou, numa mistura de desespero e angústia.

— Lady Lisbeth agora é minha responsabilidade, noiva do meu irmão e não vou permitir que seja incomodada por alguém que já se atreveu a feri-la. — A voz de Robert soou baixa e letal.

— Milorde, por favor, deixe-me falar com ele — Lisie pediu de dentro da

carroça e viu Robert se virar na sela, com o cenho franzido. — Ficarei aqui mesmo — ela o tranquilizou.

— Milady... — ele ainda tentou dissuadi-la, mas recebeu aquele olhar entristecido que parecia apunhalar seu coração com força.

Respirou fundo, assentiu e sinalizou para que um dos soldados se afastasse da carroça e deixasse Anton passar. E então, ele mesmo o seguiu até onde Lisie estava.

Anton se aproximou, pálido, apertando com força as rédeas, como que tomando coragem para dizer o que queria.

— Liz, não vá, por favor! — pediu em tom suplicante. — Perdoe-me pelo que houve ontem, eu não tive a intenção de feri-la! Eu a amo! Posso me casar com você e podemos viver longe da mansão.

Lisie sentiu pena de seu amigo, mas o mesmo não acontecia com Robert, que assumiu uma expressão furiosa e levou a mão ao cabo da espada.

— Anton... lamento. Eu o perdoo, mas preciso partir. Vou me casar com o Barão Davon, que mandou um dote generoso para meu pai como pagamento, por ordem do rei — ela falou suavemente e viu os olhos escuros dele ficarem cheios de lágrimas de dor e ódio. — Desejo que encontre uma boa esposa e seja feliz — concluiu e percebeu que era a mais pura verdade.

— Eu não quero outra esposa que não você! Desejei isso a vida inteira — ele contestou com a voz embargada.

— Mas ela não será sua e é melhor que parta agora. — A voz fria de Robert soou estranha aos ouvidos de Lisie.

— Se você disser que não quer ir, eu prometo que a livrarei desse destino — Anton declarou, ignorando Robert.

— Estou bem, Anton. É melhor que vá agora. Pode ficar com a égua. — Ela deu um sorriso triste, olhando para o cavalo que ele montava.

— Liz... — Anton tentou falar, mas Robert se aproximou com seu grande cavalo e o fez se afastar da carroça.

— Adeus, Anton! — Lisie se escondeu detrás da cobertura para que o amigo não insistisse mais. Sentiu as lágrimas quentes descerem pelo rosto e passou a mão trêmula para secá-las. Ouviu Robert mandar que o amigo se afastasse e Anton pareceu hesitar, depois saiu a galope pela estrada molhada.

— Pobre Anton — Nina falou penalizada e segurou na mão da jovem. — Meu Deus, Lisie! Você está queimando! — exclamou preocupada e tocou no rosto dela. — É aquele ferimento! Você não devia viajar hoje.

— Nina... eu prefiro morrer na estrada a continuar aqui — Lisie retrucou, esgotada.

Eles voltaram a andar sem que Robert tivesse vindo falar qualquer coisa com

ela. Era melhor assim. Estava sendo muito difícil aquela partida, para que ainda tivesse que justificar a aparição de Anton e tudo que foi dito.

Capítulo 6

Robert apertava as rédeas com força. Aquele rapaz havia ousado demais. Declarar-se a Lisbeth daquela maneira? Propor fuga e casamento bem debaixo de seu nariz? Sentiu uma vontade terrível de cortar a cabeça dele fora. Ele a chamou de Liz, com uma intimidade que fez o sangue ferver nas veias.

Será que o que havia ocorrido no dia anterior fora mesmo uma briga de amantes? Mandara um de seus soldados atrás do rapaz e descobrira se tratar de um camponês. Mas Lisbeth poderia nutrir algum sentimento pelo rapaz?

Não. Ele a havia atacado e ela bateu nele antes de fugir, assustada. Mesmo assim, tentou ver algum tipo de sentimento forte no rosto de Lisbeth, enquanto o camponês se declarava, mas vira apenas aquela tristeza que apagava seus belos olhos.

— Vai nevar... — Jack, que cavalgava ao lado dele, apontou para o sudoeste, na direção de Davon, onde uma massa branca encobria o céu.

— Conseguiremos chegar a Davon em tempo? — Robert olhou preocupado para o céu e depois para a estrada.

— Acho que não. Talvez seja melhor voltarmos — o velho soldado falou e viu o maxilar de Robert endurecer.

— Não vou levá-la de volta, Jack.

— Mas será arriscado...

— Desviaremos um pouco do caminho e passaremos em Sunset. Tenho coisas a resolver por lá. William foi para Westminster e vai demorar, temos tempo. É um lugar seguro, caso ocorra uma nevasca. Lady Lisbeth estará protegida lá até que possamos seguir para Davon.

— Mas o desvio vai prolongar a viagem — Jack comentou, desconfiado.

— Passaremos em Sunset — Robert declarou, encerrando o assunto e tocou com os calcanhares no flanco do animal, se afastando do velho amigo que o conhecia bem demais.



O sol estava a pino quando pararam para que os cavalos descansassem um pouco e as damas esticassem as pernas. O céu estava em tom de azul vitrificado e o vento frio e úmido denunciava que a neve não tardaria a cair, por isso não podiam se demorar muito na estrada.

Robert ajudou Lisbeth a descer e percebeu que ela estava um pouco vermelha e com olhos febris.

— Milady, está se sentindo bem? — perguntou, preocupado, e ela o olhou, surpresa.

— Está tudo bem, milorde — respondeu com um leve sorriso que não o convenceu.

— Devemos chegar a uma vila em algumas horas. Enviei um dos meus soldados para anunciar nossa chegada e providenciar um lugar para descansar — ele explicou e viu que ela olhou em volta, respirando profundamente.

— Quanto tempo até Davon?

— São dois dias, mas iremos passar por Sunset primeiro para evitarmos a nevasca que se aproxima — ele disse, imaginando que talvez ela estivesse ansiosa para conhecer William e se casar, embora não acreditasse que ela estivesse absolutamente resignada.

— Sunset? — ela perguntou com a voz pequena, enquanto bebia um pouco do vinho temperado com ervas. Suas mãos tremiam ligeiramente.

— Sim, milady. Para sua segurança. Meu irmão está em Westminster, portanto não nos aguarda prontamente e sei que ele iria aprovar a decisão de desviarmos do caminho, aumentando um pouco mais o tempo de viagem, se isso for para sua segurança — respondeu, observando-a atentamente.

A verdade era que queria que ela gostasse de Sunset, pois eram as terras dele, onde plantava as melhores uvas e fazia os melhores vinhos.

— Não se importe se eu duvidar que seu irmão esteja preocupado comigo, milorde. Para ele é uma obrigação tanto quanto para mim, certamente — ela falou e suspirou, cansada. — Ou não foi por causa da ordem do rei que ele se obrigou a esse casamento?

— Sim, foi, mas...

— Milorde, eu sei que não sou a pretendente ideal para ninguém, principalmente para um homem com a fama do Barão Davon — ela disse e o viu arquear as sobrancelhas. — Perdoe-me, não pretendia ofendê-lo.

Antes que ele respondesse algo, Nina apareceu e trazia várias ervas nas mãos.

— Milorde, lady Lisbeth está ferida e temo que esteja com febre. Nós vamos demorar a partir? Ela precisa cuidar desse ferimento e para isso precisamos de privacidade — a velha ama falou, séria.

— Ferida gravemente? — Ele se aproximou um pouco mais e olhou para o braço dela, onde havia visto sangue no dia anterior. — Por que não me disse? Teríamos ficado mais alguns dias em sua casa para se tratar.

O jeito sinceramente preocupado dele surpreendeu Lisie, mais uma vez. Mas ela não podia imaginar que a preocupação era com ela e sim, com a noiva do irmão, a quem ele deveria levar em segurança até Davon.

— Sua mercadoria não está avariada, senhor — ela disse e se virou em direção à carroça.

— Ela está muito abalada, milorde. Perdoe! — Nina falou ao ver a expressão

perplexa dele e seguiu rapidamente atrás da jovem lady.

Robert passou a mão pelos cabelos e respirou fundo. Com raiva, virou-se para o grupo de soldados, mandando que retomassem a viagem.



A neve chegou pouco antes do sol se pôr. Ainda eram tímidos flocos de gelo, mas o céu da cor do leite indicava que em breve iriam enfrentar camadas de gelo.

O grupo chegou à vila quando já havia escurecido. Havia uma hospedaria simples, que foi totalmente ocupada pelos homens e a noiva do barão. A casa não era muito quente, mas havia um caldo fumegante e camas com cobertas. No ar, uma mistura de aromas, alguns bons como o do pão e o da sopa, mas a casa certamente não recebia convidados ilustres com frequência.

Um quarto foi reservado para Lisbeth e, embora a cama parecesse perigosamente tomada por insetos, os lençóis estavam limpos.

Robert não havia falado mais com ela e a viu subir o pequeno lance de escada em direção ao quarto, seguida por uma ama cuidadosa que levava uma bacia com água quente. Ele reparou que ela oscilou e se apoiou na parede, quase caindo. Lisbeth não estava bem, mas não falava nada para ele.

Sua mercadoria não está avariada. Lembrou-se da voz dela ao dizer aquilo e sentiu raiva de si mesmo por não ter respondido imediatamente que ela não era uma mercadoria, que se preocupava com ela e não com a mulher que o rei oferecera em casamento ao barão.

Ficou sentado no salão com seus soldados, aproveitando o calor da sopa e da bebida, que não era boa. Pensou no que estava fazendo. Devia ir direto a Davon, mas sua intenção era proporcionar alguns dias de paz a Lisbeth, que acabara de deixar uma família que visivelmente a maltratava, para jogá-la nos braços de William em um casamento arranjado que tinha grandes chances de ser infeliz.

— Robert, eu não quero me intrometer nesse assunto, mas conheço você e William desde que eram garotos, quando eu era capitão da guarda de seu pai. Conheci sua mãe e vi como seu pai a fez sofrer. Percebi como a noiva de seu irmão o impressionou e também sei como você se preocupa, afinal, foi você quem viveu com sua mãe em Sunset até ela morrer. Mas, levar lady Lisbeth para Sunset antes de apresentá-la ao barão? — Jack, com uma caneca de cerveja na mão, inquiriu, enquanto o observava cuidadosamente.

Robert o olhou e balançou a cabeça. Sim, Jack o conhecia bem, realmente.

— Lady Lisbeth precisa de uns dias para se recuperar e isso não acontecerá se Will a envolver nos preparativos do casamento ou com as obrigações da futura senhora de Davon. Como você disse, eu sei o que um casamento desastroso pode

causar. — Apertou a alça da caneca entre os dedos. — Will vai demorar a voltar. Estaremos em Davon quando ele for dispensado pelo rei.

— E a noiva será entregue — Jack falou com um breve sorriso, bebendo a cerveja ruim.

Robert o encarou por um momento, com as sobrancelhas escuras arqueadas.

— Claro que sim! E para isso ela tem de se recuperar — falou mal-humorado, terminou de beber o conteúdo de sua caneca e a depositou com força sobre a mesa. Em seguida, levantou-se rigidamente. — Partiremos cedo, se lady Lisbeth estiver bem — dito isso, virou-se e saiu.



— Lisie, não deveria ter partido antes de se curar — Nina terminava de enfaixar o braço dela e sentia o corpo febril da teimosa lady, que em breve se tornaria a baronesa Davon.

— Prefiro a morte na estrada a ser obrigada a ficar mais um dia na companhia de Andrea e de meu pai.

— Por Deus, Lisie! Não diga algo tão terrível assim! — Nina tocou no rosto dela. — Algo de bom vai acontecer, eu sinto isso. Agora, tome esse chá que fiz para baixar sua febre.

Lisie pegou a caneca e alguém bateu à porta. Nina colocou a manta sobre os ombros de Lisie e foi abri-la.

— Como está lady Lisbeth?

A voz grave fez o calor se espalhar ainda mais intenso pelo corpo de Lisie.

— Febril, milorde. Mas ela é forte e vai se recuperar.

Lisie apertou a caneca entre os dedos. Ele estava do lado de fora do aposento, mas ela conseguia imaginar seu jeito sério e preocupado. Seus olhos azules, que tentariam desvendar seus pensamentos.

Devia odiá-lo, afinal, era o responsável por levá-la para o sacrifício: um casamento com um homem que tinha uma péssima fama, no que dizia respeito às mulheres. Entretanto, Robert se mostrara extremamente cortês e atencioso, e a tratava de uma maneira como ninguém a tratara antes.

A noite gelada e a neve que caía não ajudaram Lisie a esquecer da dor no braço. Ela estava com febre e quem sabe fosse mesmo morrer, o que talvez fosse melhor do que o destino que a aguardava.

Nina dormia encolhida no catre ao lado de sua cama. Lisie se levantou, jogou a capa sobre os ombros e saiu do quarto com o corpo entorpecido pela febre. O corredor estava escuro e frio. Seus pés descalços tocavam o piso de madeira e ela sentia os pequenos choques gelados. A casa estava silenciosa e só se ouvia o crepitar da lenha em alguma lareira, provavelmente no salão.

Se fugisse agora, ninguém a veria, pensou, com as ideias ligeiramente desfocadas pela febre. Não percebeu a fumaça branca que saía de sua boca e nariz. Caminhou trêmula em direção ao salão, a decisão de se entregar à noite e à neve era cada vez mais forte, conforme a porta da frente se aproximava.

O vento gelado passava pelas frestas da porta, que pareceu girar diante dela, obrigando-a a apertar a capa, enquanto seus dedos tremiam incontrolavelmente. Não iria se entregar, não podia. Estendeu a mão em direção à tranca da porta.

De repente, uma espécie de calor a cercou. Era bom, reconfortante e com um cheiro agradável de pinho.

— Milady, por que não está na cama, recuperando-se? — A voz era grave e tensa, mas ela não precisava se virar para saber de quem se tratava.

Lisie batia os dentes e o tremor só aumentou quando se virou e se deparou com o peito largo e rígido de Robert Davon. Ela ergueu o rosto e se viu encarada por um semblante fechado, de um homem que parecia prestes a dar-lhe uma surra.

— Estava pensando em fugir, milady? Para onde, no meio da neve? Acaso queria se matar? — ele a interrogou e uma veia pulsou fortemente junto ao seu queixo.

Lisie se sentiu tentada a erguer a mão e tocar na linha do queixo dele, só para ver se a pele era tão rígida quanto parecia. Mas ela se sentia mal, com frio, o corpo febril não aguentaria correr para fora. Então, deu um passo à frente e se encostou ao corpo dele, sentindo-o enrijecer como uma rocha. Mas ele era tão quente e aconchegante que ela não se importou. E ele tinha aquele perfume maravilhoso...

Aquele som forte como um tambor vinha do peito dele?

Por que ela estava fazendo aquilo? Não devia. Era a futura esposa do barão. Mas, naquele momento, precisava de algo que a fizesse se sentir viva e quente.

— Não me deixe... por favor... — ela pediu, encostando o rosto no peito dele. — Seu cheiro é tão bom...

Estava mesmo dizendo aquilo?

Sua cabeça rodava, seu braço latejava. Precisava dormir.

Robert foi pego de surpresa quando a noiva do irmão se encostou ao seu corpo. Ela não estava bem e seus olhos brilhavam como se tivesse bebido, mas ela estava com uma febre muito alta, apenas com as roupas de baixo e aquela capa que mal cobria seu corpo.

Ele não conseguira dormir, alguma coisa dizia que deveria ficar alerta, mas não esperava por aquilo. Seu corpo e seu coração não estavam preparados para Lisbeth se enroscando nele, pedindo que não a deixasse. Tão carente e tão frágil! Ele devia simplesmente conduzi-la de volta ao quarto e trancá-la lá dentro até

que partissem no dia seguinte, mas passou o braço pelos ombros trêmulos dela, puxando-a para si e a deixando aconchegar-se junto ao seu peito. Queria protegê-la, afastar aquela tristeza de seus olhos e livrá-la de um destino infeliz.

— Meu braço dói... — ela choramingou.

Robert não pensou, ergueu-a nos braços e a carregou de volta para o quarto, sentindo seu corpo muito quente, tremendo e a ouvindo gemer baixinho.

Nina despertou com um salto quando ele escancarou a porta carregando Lisbeth.

— Milorde! Mas... o quê? — a ama perguntou, confusa, quando o viu colocar a jovem na cama e retirar a capa em que ela estava enrolada, examinando o braço dela, desnudando ligeiramente o ombro.

— Achei que tivesse cuidado dela! — ele falou, furioso.

— Milorde! Não é adequado que um homem... — Nina falava nervosamente ao lado da cama, andando de um lado para outro, enquanto o via expor a pele da jovem. — Ela é uma donzela! A noiva...

— Do meu irmão! Eu sei — Ele se virou para ela com fúria, o que a fez dar alguns passos para trás. — Por isso mesmo não vou deixar que ela morra por causa de um ferimento que não foi bem cuidado!

— Milorde, eu estou limpando o local e dando chás que... — Nina ficou com o rosto vermelho.

— Não estão adiantando! Ela precisa de alguém que saiba o que está fazendo. Eu tenho um médico em Sunset, ele cuidou da minha mãe. Temos de levar Lady Lisbeth até lá o mais rápido possível.

— Ela não teve tempo de se curar. Não deveria ter saído da casa do barão antes de ficar boa. — A ama ainda tentou enfrentar a fúria do lorde.

— Por que não me contou sobre esse ferimento?

— Porque... — Nina suspirou, se sentou na cama ao lado de Lisbeth e passou a mão no rosto vermelho da jovem. — Ela... O senhor não sabe como o pai e a madrastra a tratavam. — Balançou a cabeça com pesar. — Ela disse que prefere morrer na estrada.

Robert se ergueu e encarou a ama.

— Ajeite tudo, prepare-se para partir antes do sol nascer e a mantenha protegida do frio — ele falou e se virou, saindo rapidamente do aposento.

Nina ficou olhando para a porta, ainda atordoada com o que havia acontecido. Lorde Robert parecia se preocupar muito com Lisbeth, de uma maneira que ninguém jamais fez. Começou a ajeitar as coisas da lady, que apenas gemia sobre a cama.

— Acho que o barão quer muito esse casamento, Lisie. Talvez, você finalmente seja feliz. Seja forte!

Capítulo 7

Lisie abriu os olhos pesados, que pareciam conter terra em seu interior. Seu corpo estava todo dolorido, não apenas seu braço. Sentia como se tivesse se quebrado em vários pedaços que se juntaram novamente. Sua boca estava seca e, quando passou a língua nos lábios, sentiu-os rachados.

— Milady! Finalmente... — Era uma voz estranha, tranquila, de homem maduro.

Lentamente, Lisie começou a perceber o que acontecia a sua volta. Estava em uma cama grande e macia, que tinha dosséis altos e uma cobertura de tecido claro. Sua cabeça fora colocada sobre um travesseiro de penas e seu corpo estava coberto por pesadas cobertas quentes. Ela tentou se mexer e sentiu que seu braço estava apoiado com talas bem enfaixadas.

O rosto do dono da voz surgiu em seu campo de visão. Era um homem de meia idade, com fartos cabelos grisalhos, olhos cinzentos gentis e uma barba curta, também bastante grisalha.

Ele sorriu enquanto segurava no braço bom dela, apertando suavemente seu pulso.

— Eu disse que hoje seria o dia... — ele falou e examinou os olhos dela.

Lisie ainda estava bastante confusa e atordoada. Queria falar, mas sua garganta estava tão seca que temia emitir um som terrível, como de um pato grasnando.

— A febre se foi, o ferimento está fechando bem e o osso logo deve ficar quieto no lugar. É só não se mexer muito — ele falou calmamente e colocou mais dois travesseiros atrás da cabeça dela. — Deve estar com sede depois da febre que quase a matou, milady.

O homem pegou um jarro ao lado da cama e despejou água numa taça prateada. Ele a levou aos lábios de Lisbeth e a ajudou a beber o líquido lentamente.

— Tem de ir devagar agora. Vai ficar tudo bem — ele falou e fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Milady tem olhos lindos e que estão me observando com muita desconfiança. — Riu e depositou a taça ao lado da cama. — Sou Jerome, o médico da família Davon e tenho que dizer que estou feliz em poder ajudar a noiva de William.

— Onde... estou? — A voz dela saiu fraca e rouca.

— Em Sunset. Lorde Robert a trouxe para cá e foi o certo a fazer, do contrário poderia ter morrido na estrada e nunca chegaria a Davon. — O médico se

levantou dando um profundo suspiro.

— Como... como cheguei aqui? — ela perguntou e pigarreou. A última coisa de que se lembrava era de ter ficado hospedada em uma pousada no meio da estrada.

O homem sorriu e ajeitou as mangas da camisa clara e amassada que usava.

— Deixarei que Robert explique. Agora precisa se alimentar, recuperar-se e ter paciência. Vou pedir a sua ama que lhe traga um caldo e vou avisar Robert que milady acordou — ele falou e deu uma piscada para ela. — Minha cabeça está feliz por continuar sobre o corpo. Grato por acordar, milady.

Lisie não sabia o que dizer. Não sabia o que realmente estava acontecendo. Ela estava em Sunset, com um braço imobilizado, deitada em uma cama digna de uma lady, em um quarto aconchegante e quente. Viu seu baú ao lado da lareira acesa. Havia um perfume suave no ambiente e silêncio.

Nina entrou no quarto com um prato fumegante e sorriu, aliviada, enquanto o colocava no aparador ao lado da cama.

— Lisie, graças a Deus! — Segurou na mão da jovem dando um profundo suspiro. — O médico disse que iria acordar, mas eu estava tão preocupada! — Acariciou o rosto pálido de Lisie. — Perdoe-me! Eu deveria ter percebido que havia algum osso partido. Felizmente, lorde Robert tinha um médico em sua casa e Jerome é muito bom. — Ela pegou o prato e a colher. — Agora precisa comer para ficar forte.

— Nina... — Lisie encarou a ama, que estava nervosa e insegura. — Quanto tempo faz que chegamos aqui?

Nina apoiou o prato no colo e suspirou.

— Cinco dias. E você delirou de febre. Achei que... — Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Sinto muito! Não queria deixá-la preocupada. — Lisie segurou na mão da ama.

— Lorde Robert praticamente não dormiu todos esses dias. Ele esteve várias vezes aqui, sempre muito preocupado e até ameaçou o médico, caso não conseguisse curá-la. — Nina colocou uma colherada do caldo na boca de Lisie. — Ele a trouxe no cavalo dele para que chegassem antes da carroça. Felizmente, a neve pesada só caiu no dia seguinte.

Lisie respirou fundo. Imagens dela entre os braços de Robert pareciam querer vir à tona, assim como a voz dele dizendo algo junto ao seu ouvido, mas ela não se lembrava do que ele havia dito ou se era apenas alguma ilusão provocada pela febre.

— Ele quer que eu esteja bem para me levar a Davon. Eu não pretendia dar esse trabalho ao lorde... — ela falou e comeu mais uma colherada do caldo.

— Se o barão for metade do homem que lorde Robert é, você terá uma vida feliz — Nina falou com simplicidade e Lisie sentiu o rosto esquentar.



— Ela terá de ficar alguns dias imobilizada, para que aquele osso que quase a matou fique bem grudado e não represente mais nenhum perigo — enquanto Jerome falava, viu os olhos de Robert se fixarem na direção do corredor que levava ao quarto. — Ela é uma mulher forte, Robert, talvez se recupere antes desse tempo. E muito bela. William pode finalmente se apaixonar.

— Jack foi até Davon para avisar William. Não vou permitir que ela saia daqui sem estar completamente recuperada — Robert declarou e apertou a taça com vinho entre os dedos.

— Agora pode dormir um pouco. Sua aparência pode assustar a jovem. Talvez fazer a barba... — Jerome sorriu ao ver Robert passar a mão pelo rosto, como se só naquele momento se desse conta da aparência.

— Ela está comendo? — Robert perguntou seriamente.

— A ama levou o caldo que mandei fazer. — O médico o olhou, intrigado. — William vai entender essa demora.

Robert levantou-se com rigidez.

— Ele não tem pressa.

— Seria bom você ir falar com a lady. Ela está bastante confusa, mas curiosa sobre como chegou aqui. Eu disse que você contaria a ela. — Jerome esfregou o rosto. — Acho que vou dormir um pouco, chame-me se ela precisar de alguma coisa — concluiu e saiu.

Robert queria dizer ao médico que não iria ao quarto, que não estava pronto para Lisbeth, mas Jerome não lhe dera chance e agora ele precisava ver se ela estava mesmo bem. Respirou fundo e passou a mão pelos cabelos despenteados.

Será que sua aparência estava mesmo tão assustadora?

Realmente, mal dormira naqueles dias em que Lisbeth esteve à beira da morte. Era impossível fechar os olhos ou relaxar com as palavras dela pedindo que não a deixasse, ecoando em seus ouvidos, com a lembrança dela se aconchegando ao seu corpo.

Durante aqueles dias terríveis, ele tentara pensar no casamento dela com William. Tentava imaginá-la feliz em Davon, com o irmão a fitando com total paixão e ela sorrindo. Mas ele via apenas sua própria imagem ao lado dela, ouvindo seu riso, tocando sobre as pequenas sardas de seu nariz, beijando seus lábios. Quase enlouqueceu. E agora que ela havia finalmente despertado, ele não sabia como se aproximar.

Robert temeu pela vida dela. Temeu que ela não quisesse ser salva,

principalmente depois do que Nina havia dito sobre Lisbeth preferir morrer na estrada a continuar na casa do pai. Ele vira a maneira com que a família a tratava e desejou cortar a garganta do pai dela, assim como desejou matar o rapaz que fora o culpado por ela ter se ferido daquela maneira.

Até ter Lisbeth junto de si, nunca havia pensado em quanto desejava alguém para dividir Sunset, alguém que caminhasse nos jardins que sua mãe tanto amou e que na primavera ficavam cheios de flores, cores e perfumes. Não havia desejado tanto ver crianças correndo entre as parreiras. O riso infantil pela casa, até então, tão silenciosa.

Mas, depois de Lisbeth, ele se pegava imaginando os dois compartilhando momentos ali, o corpo macio dela junto ao seu, os cabelos vermelhos cintilando ao sol. Os dois se amando em cada canto daquela casa.

Sunset era sua casa. Sua parte da herança, a parte que foi de sua mãe. Ele amava aquele lugar, apesar das lembranças tristes dos últimos dias que a mãe viveu ali. Amava as vinhas e cuidar para que as uvas de Sunset produzissem o melhor vinho do reino. As horas que passava na estufa, selecionando as sementes, deixavam-no relaxado. Ao menos era assim, antes de lady Lisbeth passar pelos portões de Sunset.

Com raiva, decidiu que o melhor a fazer era manter distância da noiva do irmão e rezar para que ela se recuperasse logo e partisse para Davon. Caminhou pisando duro em direção à estufa, enquanto sua memória traidora ficava enviando o perfume da pele e dos cabelos de Lisbeth para suas narinas, e suas mãos formigavam com vontade de tocá-la.



Lisie havia passado um dia inteiro entre dormir e acordar. E cada vez que acordava, Nina a alimentava e verificava se a febre não havia voltado.

Jerome apareceu ao final do dia e pediu desculpas por ter se ausentado, examinou o ferimento e trocou as bandagens, depois perguntou se lorde Robert aparecera para vê-la, mas Lisie disse que não. Então, o médico justificou a ausência de Robert, dizendo que ele deveria estar cuidando para que as uvas não congelassem com a baixa temperatura. Mas Lisie imaginava que o lorde estava incomodado pelo atraso em levá-la para o irmão. Ela acabou se tornando um problema afinal.

Pela manhã, Lisie conheceu Deirdre, uma jovem criada, que chegou com um sorriso nos lábios e um jeito terno, para substituir Nina.

— Lorde Robert me designou para ser sua criada, milady, para qualquer coisa que necessitar. Assim podemos dar um descanso à pobre Nina, que ficou ao seu lado todos esses dias, muito abalada e preocupada com sua saúde.

— Obrigada, Deirdre! Eu lamento muito ter causado tanta preocupação e problemas a todos vocês — Lisie falou, enquanto a jovem a ajudava a se sentar para que pudesse fazer suas necessidades e se banhar.

— A senhora não nos trouxe problema algum, milady! E agora que está bem, estamos muito felizes com sua chegada — Deirdre respondeu, ajudando-a a tirar as roupas. Depois, começou a molhar um pedaço de linho na água morna e passar pelos braços e pernas de Lisie, tomando cuidado com o curativo.

A criada a ajudou a se vestir e em seguida escovou seus cabelos.

— Milady tem os cabelos mais lindos que já vi! E sua pele é tão bonita! — declarou com admiração.

Lisie não se lembrava de alguém dizer coisas tão boas sobre sua aparência ou seus cabelos, que Andy e suas irmãs sempre faziam questão de criticar, e aquilo a ajudou a se sentir melhor, apesar do sentimento que a afligia quando pensava que Robert não estava feliz em mantê-la ali.

Ao longo da semana, outras criadas fizeram questão de aparecer no quarto para ver pessoalmente a hóspede e todos foram muito simpáticos e gentis. Deirdre contou que a última lady que viveu ali tinha sido a mãe do barão, Lady Elene, que era doente e muito infeliz. Contou que aquele quarto era da lady e que fora aberto especialmente para receber Lisbeth.

A criada contou que Robert viveu em Sunset com a mãe até a morte dela e que era muito atencioso e carinhoso com ela, e que depois que a mãe morreu, William mandou chamá-lo e agora ele pouco ficava em Sunset.

— Talvez minha presença aqui não o agrade — Lisbeth falou, entristecida.

— Não, milady! — Deirdre respondeu, espantada. — Lorde Robert pergunta de milady cada vez que nos encontra. Pergunta se está melhor, se está comendo, se estamos atendendo suas necessidades... Acho que está preocupado com a neve que cobriu o campo e quer garantir que as melhores sementes não irão estragar. A estrada está fechada e ele também precisa saber se estamos bem resguardados para enfrentar esse inverno.

— Eu gostaria de sair do quarto um pouco. — Lisie comentou e viu o olhar sério que a jovem lhe dirigiu.

— Jerome permitiu?

— Vou perguntar a ele — ela falou e suspirou.

Compreendia Robert evitá-la, mas precisava falar com ele, ao menos para agradecer o que havia feito por ela, por salvar sua vida. Fazia quase uma semana que estava na mansão e não o viu uma única vez, o que a fazia pensar que sua presença não fosse agradável, apenas necessária para que a noiva do irmão se recuperasse e fosse logo entregue.

O médico passou para vê-la no final da tarde e sorriu, satisfeito.

— Eu gostaria de poder sair do quarto um pouco...

— Pode sair quando quiser, milady! É só andar devagar para não agitar o osso e tomar cuidado para não bater com o braço. Mas acho uma ótima ideia! — Jerome falou, ampliando o sorriso.

— Talvez lorde Robert não deseje uma estranha andando pela casa — ela questionou e viu o médico dar um leve sorriso.

— Acredito que ele vai apreciar mais do que deseja — Jerome respondeu.

— Acho que está enganado. Ele apenas tolera minha presença em sua casa. Não o vi uma vez sequer desde que acordei — ela disse, sentindo o rosto esquentar.

— Então, é um bom momento para que, enfim, se encontrem — o médico retorquiu com cumplicidade. — Vou avisar que teremos uma convidada à mesa do jantar esta noite.

— Jerome! Não quero impor minha presença de maneira alguma. Se ele não quer...

— Ele ficará feliz — Jerome a interrompeu, deixando o quarto em seguida.

— Vamos escolher um bom vestido para o jantar — Nina, que a acompanhava, observou a jovem, que ficou tensa e sorriu.

Capítulo 8

— Convidei a jovem lady para o jantar. Ela precisa se movimentar e já está presa há muito tempo naquele quarto — Jerome, sentado à mesa diante de Robert, anunciou. Viu os olhos azul-escuros o fitarem sérios e logo em seguida olharem para o corredor.

— Ela está bem para andar? — perguntou, esticando o corpo e apoiando as mãos na mesa.

— Certamente. E também está ansiosa para falar com o anfitrião que não foi uma única vez visitá-la em seus aposentos — o médico disse com uma leve censura.

— Eu só... — Robert não sabia o que responder.

Fizera de tudo para não encontrar Lisbeth porque, simplesmente, não sabia como reagir a ela. E acreditava que, mantendo distância, seria mais fácil encará-la como a noiva do irmão e não como a mulher que povoava seus sonhos e pensamentos, desde que a socorrera no meio da chuva.

Desejava que ela fosse apenas uma das criadas do velho barão, o que tornaria tudo mais fácil. E quando Lisbeth apareceu no salão ele concluiu que estava certo, pois seu coração saltou com força no peito.

Ela usava um vestido verde que combinava com seus olhos e que fora cuidadosamente ajustado para que a manga não prendesse o curativo em seu braço, o que acabara por deixar o ombro exposto, exibindo pequenas sardas que ficavam meio ocultas debaixo da trança vermelha.

Ela era simplesmente linda!

Robert se ergueu e reparou que o rosto dela ficou vermelho quando deu um sorriso leve.

— Milady... — Ele se inclinou elegantemente e beijou a mão dela, sentindo-a estremecer.

— Lorde Robert... — Ela fez uma leve mesura, sentindo a mão quente dele que segurava a sua.

— Fico feliz em vê-la bem — ele falou e cometeu o erro de encará-la. — Como está se sentindo? — indagou, enquanto a levava até a cadeira ao seu lado na mesa.

— Cansada de ficar no quarto — ela respondeu, apertando suavemente a mão dele —, mas muito agradecida pelo que fez por mim, milorde. Não sei como agradecê-lo. O senhor foi um verdadeiro cavalheiro, desde que nos encontramos a primeira vez.

Robert se viu segurando a mão dela, sem desejar soltá-la. Os dois ficaram se olhando por um longo momento.

— Eu estou faminto! — A voz do médico fez os dois se separarem, assustados e sem graça.

Sentaram-se à mesa e logo foram servidos. Lisbeth ficou extremamente agradecida por sua carne ter sido trazida cortada em seu prato, o que mostrava o cuidado e carinho com que faziam questão de tratá-la ali.

— Todos são muito agradáveis e calorosos — ela comentou e viu o sorriso orgulhoso de Robert, que o deixava incrivelmente bonito e fazia seu coração acelerar. — Deirdre é uma jovem maravilhosa!

— Minha mãe fazia questão que fossem assim para trabalharem na casa.

— Eu sinto muito por sua mãe. Sei que estou ocupando os aposentos dela e, agora, se achar mais adequado, posso me transferir para outro — ela disse e viu Robert arquear ligeiramente as sobrancelhas escuras.

— Os aposentos não estão adequados? Sente frio estando lá? Eu mandei manterem a lareira bem alimentada...

— Não! Não, milorde! Os aposentos são maravilhosos, mas são de sua mãe — ela falou, constrangida.

— *Eram* de minha mãe e ela ficaria feliz em saber que agora você o ocupa.

— Ela deve ter sido uma mulher incrível!

Robert não respondeu. A mãe fora muito carinhosa, mas sempre carregava uma tristeza que a transformava em uma figura pálida e etérea caminhando pelos jardins. E ele nunca soube o que fazer para deixá-la feliz, embora ela sempre dissesse que se orgulhava dele, mesmo na noite anterior à sua morte. Aquela na qual tirou a própria vida.

Lisie percebeu como aquele assunto o incomodava e resolveu respeitar o silêncio.

— Está precisando de algo, milady? — Robert perguntou, percebendo que ela havia ficado constrangida com a conversa sobre sua mãe. Ele não desejava deixá-la desconfortável, queria vê-la bem. — Para seu conforto e bem-estar — completou, percebendo a interrogação no rosto dela.

Ela sorriu e ele desejou ver aquele sorriso mais vezes. O que o levava a um problema: o casamento dela com seu irmão. Jack não havia dado notícias ainda. A neve devia estar bloqueando as estradas.

— Milorde, nunca fui tão bem tratada em toda minha vida! Nem sei como reagir a tudo isso, confesso — ela falou com sinceridade e seu rosto ruborizou. — Acho que não sei como ser uma baronesa.

— O barão vai ficar encantado, milady — Jerome declarou, lembrando-os que ele continuava ali, embora o estivessem ignorando.

— Duvido muito — ela falou e tentou erguer os ombros, mas sentiu uma pontada aguda que a fez se encolher.

— Cuidado! Jerome não a alertou para se movimentar com cautela?

A voz preocupada de Robert a surpreendeu, porque ele parecia estar prestando muita atenção a tudo que ela fazia, e aquela percepção fez seu coração disparar novamente.

— Ela pode se movimentar, Robert. Aliás, é bom que ela caminhe um pouco e respire o ar externo.

— Mas está muito frio e ela pode... — Robert começou a falar exasperado e apertou os lábios com força. — A febre pode voltar.

— Não voltará! — Jerome afirmou. — Um passeio até a estufa talvez deixe a jovem noiva do barão mais animada. Mostre a ela suas mudas, suas uvas... — sugeriu e respirou fundo, afastando a cadeira. — Essa é minha sugestão para amanhã. Falo como médico. — Piscou para Lisie e, então, se levantou. — Eu vou me retirar, com licença! Mas se precisar de mim, milady, pode mandar me chamar a qualquer hora.

— Obrigada! — Lisie sorriu e o médico deixou o salão.

Um silêncio pesado se fez presente novamente e ela começou a se levantar.

— Acho que também devo... — ia dizendo e Robert se levantou rapidamente para ajudá-la. — Obrigada, milorde! Acho que Nina deve ter cochilado na cozinha — brincou para disfarçar o pulsar acelerado de seu coração.

Ele tinha um aroma tão bom!

Uma lembrança parecia agulhar sua mente, como se tivesse encostado o nariz na pele dele, sentido seu calor. Sua boca secou instantaneamente e ela mordeu o lábio.

— Eu ia convidá-la para uma taça de vinho junto à lareira, mas sei que deve estar cansada.

— Não estou — ela respondeu rapidamente.

Robert tocou no cotovelo dela e indicou as cadeiras junto à elegante lareira do outro lado do salão. Os dois caminharam até lá e um dos criados apareceu com taças e um jarro. Lisie se sentou e Robert ocupou a cadeira em frente a ela, e foram servidos de vinho.

Lisie observou a mão grande, com dedos longos, que segurou a taça. Robert olhou para seu conteúdo, o cheirou e fechou os olhos. Havia um prazer quente naquele gesto que fez a pele dela arrepiar. Ele era lindo e ela se pegou imaginando as mãos dele tocando em seu pescoço, em sua pele, os lábios tocando os seus com a suavidade com que tocavam na taça...

Com taquicardia, ela virou o líquido na boca e se surpreendeu com o sabor e aroma.

— É de nossa última colheita. Um vinho novo, ainda precisa amadurecer, mas será muito bom. — A voz grave de Robert a alertou de que era observada e ela bebeu mais um pouco do vinho para disfarçar sua excitação.

— É delicioso! — declarou e sua voz saiu rouca. — Jerome me disse que é o senhor quem cuida da plantação — comentou curiosa, sentindo o sabor fresco da bebida jovem. Ela não entendia de vinhos e uvas, mas aquele vinho era perfeito, assim como o homem diante dela.

— Menos do que gostaria — ele disse e deu um suspiro.

— O senhor gosta daqui... — ela constatou, observando as emoções no rosto dele e o viu dar um leve sorriso. — E como é em Davon?

Robert recostou-se à cadeira e ficou olhando para sua taça.

— Muitas terras, um belo palácio, muitos soldados, criados... — *e nenhuma mulher para coordenar*, ele completou em pensamento.

Lisie também olhou para o líquido rubro em sua taça.

— Não fui treinada para comandar um palácio, milorde. Não sei como isso será possível — ela anunciou, num misto de desolação e raiva.

Sua madrastra sempre deixou muito claro que ela não iria se casar com alguém que precisasse de uma castelã, e nunca a incluíra nas instruções às quais suas filhas eram submetidas. Lisie sempre agradeceu por não fazer parte daquelas preparações, mas agora sabia que seria uma decepção a qualquer marido, principalmente um barão com tamanho poder, que deveria receber muitos nobres em seu belo palácio.

Você é perfeita como é. Robert disse a ela mentalmente, enquanto a fitava com intensidade. Entretanto, sentiu sua insegurança e percebeu uma sombra passar pelos olhos dela.

— Deirdre aprendeu muito com minha mãe. Se quiser, ela pode ajudá-la com algumas coisas e você pode comandar essa casa enquanto estiver aqui, milady. Todos ficarão felizes em ajudá-la — ele anunciou, desejando dizer a ela que ficasse ali para sempre, que fosse a senhora de Sunset e que ele ficaria feliz em tê-la ao seu lado para compartilhar tudo o que possuía.

Lisie se virou para ele com um brilho especial nos olhos e parecia feliz, o que fez o peito dele esquentar com um sentimento novo e perene, porém proibido.

— Eu... — Ela respirou fundo. Ele parecia preocupado em deixá-la bem, ajudá-la, mas claro que tudo aquilo era para que o barão tivesse uma mulher à altura. Tinha que se conformar, mas não era fácil. — Por que faz tudo isso, milorde? Para não decepcionar seu irmão? — A pergunta saiu antes que conseguisse impedir e ela imediatamente se arrependeu.

O belo rosto de Robert se fechou e ela o viu apertar o maxilar com força, mas ele não lhe respondeu.

— Perdão, milorde! Não pretendia magoá-lo — desculpou-se, sentindo o rosto esquentar demasiadamente.

Robert se levantou. Parecia que alguém o acertara no meio do peito com uma faca afiada. E foi Lisie quem o atingiu daquela maneira.

O criado, que ainda estava no salão, correu para pegar sua taça.

— Acho que milady precisa descansar, se quiser se curar logo — Robert disse, evitando olhar para Lisbeth. Era melhor assim, pois não podia alimentar qualquer tipo de sentimento pela noiva do irmão.

Lisie se levantou lentamente, sentindo um bolo no estômago, uma sensação pesada. Andrea sempre dizia que ela tinha uma língua grande demais para a boca. E mais do que nunca aquilo parecia verdadeiro.

O criado pegou a taça de sua mão. Ela olhou para Robert e notou que ele aguardava, rígido, que ela se retirasse.

— Grata pelo vinho, milorde! Foi o melhor que já provei em toda minha vida! — ela falou e se virou, saindo do salão, lutando contra as lágrimas que queimavam seus olhos.

Havia ofendido a única pessoa, além de Nina, que demonstrou preocupação genuína com seu bem-estar. Não olhou para trás e assim que entrou no corredor, encontrou Nina que, afobada, vinha em sua direção, com as bochechas vermelhas e os olhos brilhantes.

— Perdão, Lisie! Estava ajudando na cozinha e não percebi o tempo passar — Nina se desculpou com um sorriso encabulado e pegou no braço bom da jovem. — Está tudo bem? Como foi o jantar com o lorde? — perguntou, sem perceber os olhos marejados de Lisie.

— Correu tudo bem, Nina... — Lisie suspirou. — E você, pelo visto, andou experimentando os excelentes vinhos de Sunset. — Deu um leve sorriso.



Robert ainda ficou no salão, observando as chamas, agora tímidas, da lareira. Lisbeth D'Tanis mexia com ele de uma maneira que nenhuma mulher fizera antes. Ela fazia com que ele desejasse algo seu, um futuro com tudo o que mais amava, uma vida que estava ali, em Sunset, e não em Davon. Ela o fazia desejar uma esposa. Não alguém apenas para fazer companhia na cama, mas para partilhar tudo, sentar-se diante da lareira e conversar, passar momentos doces e ouvir sua voz, vê-la andando pela casa...

Por que o destino fizera com que a mulher que o tocara tão profundamente fosse justamente a noiva do irmão? A mulher que ele deveria escoltar para Davon para se casar com William?

Capítulo 9

O sol estava pálido, o ar estava gelado, e uma camada branca cobria a relva, mas Lisie se sentiu muito bem quando saiu da mansão. Usava uma capa pesada sobre o vestido, que fora entregue por Deirdre a mando do lorde. O braço enfaixado incomodava um pouco, mas ela estava feliz por, finalmente, sair.

Jerome estava com ela e disse que iria acompanhá-la naquele passeio para ver como se comportava. Nina também estava com eles e caminhava encolhida sob sua capa. Lisie disse a ela que ficasse na casa se não suportasse o frio, afinal já tinha idade e o clima não era favorável às suas articulações, mas a ama ficou brava e retrucou que sua missão ali era acompanhá-la e era o que pretendia fazer.

Lisbeth segurava no braço do médico, enquanto caminhavam lentamente por uma trilha de pedras lisas em direção à estufa.

— Esses jardins são belíssimos na primavera, milady. Há flores de todas as cores e perfumes — o velho disse, entristecido. — Lady Elene fazia questão de cuidar deles. E acho que Robert aprendeu com ela a gostar tanto de lidar com os frutos e a terra — falou suavemente. — Milady deve ter experimentado o vinho mais novo produzido aqui.

— Sim, delicioso! Nunca provei nada semelhante — ela falou com sinceridade, tentando não pensar nas mãos e nos lábios de Robert na taça, na noite anterior, ou na impossibilidade de conhecer aqueles jardins na primavera.

— Milady sabia que o rei manda buscar aqui o vinho para seu consumo pessoal? Ele tem suas uvas preferidas e elas são de Sunset — Jerome sorriu com orgulho.

— O barão costuma vir até aqui? — ela indagou, curiosa em saber como era a relação entre os dois irmãos.

— Ah, não. Ele frequenta mais Westminster e também tem muitas propriedades para administrar além de Davon. A última vez que veio à Sunset foi um ano antes da mãe morrer.

— Qual foi a doença que a vitimou?

O médico parou no meio da trilha por um momento, a tristeza tomando suas feições gentis. Ele olhou na direção do campo como se buscasse lembranças.

— Ela simplesmente desistiu, milady — ele disse finalmente e voltaram a andar.

— Lamento — Lisbeth olhou na direção da estufa.

Desistiu... Seria tão mais fácil simplesmente desistir, ela pensou. Talvez, por isso, Robert não entrara no quarto da mãe quando ela estivera acamada.

Certamente, o cômodo lhe trazia memórias ruins.

Ainda se sentia culpada pela forma com que falara com ele na noite anterior. Fora agressiva, enquanto ele a tratava de maneira tão cortês.

— Lorde Robert não tem esposa? Ou uma noiva? — perguntou, sentindo o rosto corar. Afinal, o que interessaria a ela se ele era casado ou comprometido?

Ele não havia falado de esposa. Sua casa era cuidada pelas criadas e parecia que em Davon a coisa não era diferente. Mas ela precisava saber.

Lisie se sentiu ainda mais envergonhada quando viu o leve sorriso do médico, antes que ele balançasse a cabeça negativamente.

— Sabe, milady, o velho barão, que Deus me perdoe, foi o responsável por muitas desgraças nessa família. Uma delas foi fazer com que seus filhos fossem vistos como canalhas entre pretendentes, o que não poderia estar mais longe da verdade.

Ela se lembrou do que a madrastra havia dito sobre o William Davon ser um bêbado e dar uma surra na esposa se não o obedecesse.

— Muitas pretendentes podem não se importar com fofocas, Jerome — ela se viu dizendo e imaginando o que teria sido dito sobre Robert para que não fosse considerado adequado.

— Certamente que não — Jerome sorriu, simplesmente.

O velho apontou para o campo quase todo coberto de gelo.

— Há tantas parreiras aqui, milady, que o aroma das uvas chega até a mansão. Muitos pensam que os vinhos de Bordeaux são os melhores, mas é porque não conhecem os de Sunset. No palácio consomem os vinhos Bordeaux, mas nos aposentos do rei só é servido o vinho de Sunset. — Sorriu orgulhoso.

— É realmente delicioso!

Novamente, imagens dos dedos de Robert tocando na taça com firmeza e cuidado, dos lábios tocando suavemente o líquido, do prazer estampado no belo rosto dele, fez um calor subir pelo corpo de Lisie, partindo de suas pernas e alojando-se em seus seios.

— Agora irá conhecer um lugar interessante — Jerome disse e pararam diante da porta da estufa.

Era uma construção completamente diferente de tudo o que Lisie já vira. Tinha a altura de um estábulo, mas em sua grande parte era coberta por pesados vidros, inclusive no telhado, que agora estava parcialmente coberto de neve.

— Esse lugar foi um presente do velho barão para lady Elene, para que ela tivesse como cuidar de suas flores mesmo no inverno. Os vidros vieram da França e foi necessário muito ouro para finalizar a construção. Uma pequena compensação por todo o mal que ele lhe causou.

— É impressionante! — Lisie comentou, admirada.

— Nunca vi nada igual! — Nina, que até então havia caminhado calada e encolhida, comentou depois de um acesso de tosse.

— Uma das surpresas de Sunset — Jerome completou e abriu a pesada porta de madeira.

Um aroma forte veio de encontro a Lisie. Era uma mistura de baunilha com pinho e maçãs verdes. Mas nada se comparava à visão do interior da estufa.

Ao contrário da paisagem externa, que era dominada pelo branco da neve, ali dentro havia muito verde. Treliças verticais e horizontais ocupavam mais da metade do salão e nelas havia muitas plantas. Parecia que o inverno não tocava aquele lugar.

Vasos com terra e mudas estavam por toda parte. Havia tanta vida ali dentro que Lisie se sentiu imediatamente acolhida e com uma vontade insana de retirar as botas de inverno e colocar os pés na terra. Lembrou-se do bosque, onde a velha Mirza vivia e onde ela gostava tanto de ir.

Seus olhos foram atraídos para a imagem em um dos cantos da estufa, próxima a uma das enormes janelas. Robert estava inclinado sobre uma grande mesa, onde vasos com mudas estavam enfileirados. Usava uma camisa clara com as mangas enroladas até os cotovelos e analisava alguma coisa com tanta concentração que não os viu entrar. Os cabelos negros e revoltos estavam despenteados e Lisie nunca vira um homem tão lindo antes. Seu coração disparou e ela sentiu secura na boca instantaneamente.

Robert estudava a nova muda, mas sua mente não estava conseguindo se concentrar naquele estudo. Sentiu um vento frio às costas e se virou. Lisbeth estava parada próxima à porta, ao lado de Jerome e Nina.

Por um momento, ela pareceu perfeita naquele lugar.

— Robert, achei que poderia trazer a lady até aqui para conhecer seu recanto preferido, como havia lhe dito ontem, mas acredito que você esqueceu — Jerome falou com um leve sorriso ao ver o constrangimento do rapaz, que correu para lavar as mãos em uma tina.

— Milorde, perdão! Jerome me disse que... — Lisie olhou para o médico e ele apenas ergueu os ombros inocentemente. — Não quero incomodá-lo.

Ela estava pronta para sair. Na verdade, se não tivesse que fazer movimentos lentos por causa do braço, sairia correndo.

— Não! Não incomodam, apenas não estou apresentável — Ele passou a mão, tentando ajeitar os cabelos.

Lisie segurou a respiração quando notou a camisa dele aberta, mostrando parte do peito largo com pelos escuros. Os braços, também expostos, eram fortes. Robert fechou a camisa e começou a desenrolar as mangas, enquanto se aproximava.

— Milady, sente-se melhor essa manhã? — perguntou, olhando-a nos olhos. Ela demorou a reagir ou mesmo respirar.

— Milady? — A voz dele a fez piscar algumas vezes. — Está se sentindo bem?

— Sim... Sim, milorde. — Ela mordeu o lábio inferior, acanhada. — Esse lugar é impressionante! Eu fiquei bastante admirada.

Não era uma mentira absoluta. Mas o que a fez tirar os pés do chão não foi exatamente o lugar, sim, o homem ali dentro.

— É meu oásis. — Ele sorriu e ficou ainda mais bonito, o que parecia impossível.

Uma mancha de terra estava junto ao seu pescoço e Lisie sentiu a mão coçar de vontade de tocá-lo para tirá-la.

— É lindo! — A voz dela retornava ao normal lentamente. — E parece aquecido. — Esfregou o braço enfaixado.

— As videiras precisam descansar no inverno e assim crescerão mais vigorosas e darão bons frutos — ele explicou e eles começaram a andar entre as treliças.

Nina tossiu e se sentou em um banco perto da porta. Jerome se aproximou, falando com ela e ficaram ali, enquanto Lisie e Robert se afastavam.

— Tem um perfume delicioso aqui dentro — Lisie disse, puxando o ar profundamente e fechando os olhos por um momento. Quando os abriu, viu que Robert a olhava de uma maneira estranha, como se ondas quentes fossem transmitidas pelos olhos azuis escurecidos, o que fez seu corpo inteiro esquentar.

Tentou disfarçar.

— Eu... sinto cheiro de maçãs.

— Vem dos barris — Robert apontou para o outro lado da estufa e eles foram até lá.

Havia uma porta escura de madeira. O perfume ficou muito mais forte ali e as misturas ainda mais confusas.

— O perfume da madeira dos barris se mistura ao das uvas. Às vezes, parece maçã.

Ele empurrou a porta, que se deslocou pesadamente. E então, um novo ambiente apareceu.

Duas tochas estavam acesas junto à porta e dali era possível ver as sombras de vários barris enfileirados. Ao contrário da estufa, ali dentro era possível sentir o frio, apesar de ser um aposento fechado, sem janelas.

— Apresento-lhe os vinhos de Sunset — ele disse ao lado dela. Sua voz baixa e grave ecoou pela câmara escura de pedras e fez todo o corpo de Lisie vibrar.

Ela deve ter estremecido involuntariamente, porque ele se afastou, fechando a

porta e tocou no braço dela.

— Aqui é mais frio...

A mão dele deslizou um pouco pelo braço de Lisie sobre a capa, mas o toque parecia ultrapassar a barreira dos tecidos.

Lisie se sentia ofegante e seus olhos foram atraídos para a boca de Robert. Aquele perfume de pinho que sentia nele era uma mistura dos aromas daquele lugar.

Ela percebeu que a respiração de Robert ficou pesada e que a mão dele ainda estava sobre seu braço.

— Milorde... — ela sussurrou e sua mão, como se tivesse vontade própria, ergueu-se. Seus dedos gelados tocaram o pescoço dele onde estava a mancha de terra. — Há terra...

Como a pele dele era firme e quente!

E como seu coração podia bater tão rápido e não matá-la?

A mão dele segurou na dela suavemente, enquanto seus olhares se encontravam. Para a surpresa de Lisie, ele tomou sua mão e a levou gentilmente aos lábios, e lhe deu um beijo quente, enquanto aspirava o perfume de sua pele.

Os dois ficaram tão próximos, ofegantes por um momento, no qual pareceu que tudo o mais havia simplesmente desaparecido. Estavam presos num redemoinho de sensações e de proibições que os mantinha calados, mas seus corpos e seus olhos estavam desesperados para vencerem aquelas barreiras.

Então, a tosse de Nina, os assustou e eles se separaram ainda relutantes. As batidas do coração de Lisie ecoavam em sua cabeça e ela não conseguia se mexer, embora soubesse que deveria correr para longe daquele homem.

— Lisbeth...

Seu nome, dito pela voz rouca de Robert foi como uma música, perfeita e doce, e fez seu corpo inteiro vibrar como a corda de um instrumento.

— Milady... — ele se corrigiu — esse lugar é cheio de terra — completou com um sorriso torto, como se nada tivesse acontecido segundos antes, e esfregou o pescoço onde a mão dela estivera.

— Eu gosto de terra — ela conseguiu dizer, enquanto seguia com o olhar o movimento da mão dele sobre o pescoço.

Nunca ousara tanto em uma resposta.

Sim! Ela amava terra, gostava de se sentar na grama, sentir a terra na sola dos pés, sentir os aromas... E também por isso Andy a odiava, dizia que parecia que ela vivia junto dos porcos. Porque ela simplesmente não conseguia resistir a terra.

E agora, aquele homem trazia mais intensidade àquela relação. E era como se aflorasse um sentimento primitivo nela. Herança de sua mãe escocesa, diria a

madrasta.

Robert, tentando controlar seu coração, sua mente, o desejo que aquele contato provocara, pensou na imagem dela na chuva, coberta de lama, fugindo do rapaz que a agredira. Ela parecia incrivelmente perfeita e o destino não podia ser tão cruel assim com ele, colocando a mulher de sua vida tão próxima, mas impossível de ser alcançada. Proibida. Mas ele estava perdido, porque seu coração fora simplesmente laçado por aquela mulher.

— Lisie!

A voz rouca de Nina ecoou pela estufa e não demorou muito, a ama e o médico apareceram no meio das plantas. Os dois velhos pararam por um momento, observando-os, talvez, vendo o rubor no rosto deles, o brilho nos olhos. Mas, se repararam, rapidamente disfarçaram.

— Robert, eu preciso buscar um preparado para a tosse dessa senhora — Jerome disse.

Todo o encanto do momento foi quebrado.

Lisie pegou na mão de Nina e a olhou, preocupada.

— O que está sentindo, Nina?

— É só uma tosse. Esse homem é que tem mania de drogas — a ama falou, olhando severamente para o médico.

Jerome a ignorou.

— Eu vou até minha casa e vou levar essa velha teimosa comigo para fazê-la tomar alguma medicação. — Sorriu com ironia para Nina, que arregalou os olhos. — Você pode acompanhar lady Lisbeth de volta à mansão? — perguntou, ajeitando a capa sobre os ombros.

— Isso não é adequado, milorde! — Nina falou, nervosa, mas foi acometida por um acesso de tosse.

— Eu a acompanho — Robert retorquiu, encarando sério a ama. — Vá com Jerome, senhora. — O tom de comando calou a mulher.

O médico assentiu e indicou a saída para Nina.

— Vamos, senhora Nina.

A ama bufou, tossiu e olhou para Lisie, vendo suas bochechas afogueadas.

— Ficarei bem, Nina. Vá tomar o remédio. — Lisie sorriu, tentando tranquilizá-la.

Nina apertou os lábios e assentiu rigidamente.

— Não vou me demorar — falou e saiu acompanhando o médico.

Lisie puxou a capa diante do corpo, sem graça pelo que acontecera ou pelo clima que se instaurou entre ela e Robert, mas alguma coisa ficou agulhando em sua mente, em seus ouvidos e sem seu coração: o som da voz dele falando seu nome.

— Milorde... — disse, encabulada — eu poderia pedir uma coisa?

— Uma taça de vinho, talvez? — Ele sorriu e viu o rosto dela ficar vermelho. Adorava quando a via corar! Seus olhos, de um verde profundo, ganhavam um brilho especial. — Tenho aqui uma garrafa da safra especial.

Robert foi até a mesa, onde no meio dos vasos de mudas havia uma garrafa de vidro com desenhos dourados e uma taça. Ele despejou um pouco do líquido e estendeu a taça para Lisbeth. Ela o olhou com uma sobrancelha arqueada e pegou a taça.

Robert parecia bastante à vontade e relaxado quando se encostou à mesa e cruzou os braços olhando para ela.

— Não era vinho, mas não irei negá-lo — ela falou com um leve sorriso e bebeu um pouco do vinho.

O que estava acontecendo com ela? Estaria perdendo a compostura?

Sentia-se livre, como naqueles dias em que corria pelo campo na propriedade do pai, sem dar explicações a ninguém. E aquilo era estranho, porque não devia se sentir assim diante do homem que era irmão do noivo que arrumaram para ela.

— Peça o que quiser — ele falou e a viu morder o lábio, o que se mostrava uma mania e simplesmente o deixava sedento para experimentar aquela boca.

Com o rosto queimando, ela respirou fundo, tomando coragem.

— Eu não me sinto bem sendo chamada de lady ou milady. Fui criada como uma estranha em minha casa, alguém que deveria estar com os criados. Sei que pode não ser adequado, mas...

Ela olhou para o conteúdo da taça, pensativa. Os títulos eram uma formalidade e ela estava prestes a pedir para romper com um importante protocolo.

— Lisbeth é um lindo nome — ele disse antes que ela terminasse. — Você sabe que meus criados nada vão comentar, mas se acaso recebermos alguém...

— Não! Não! Claro que não! Eu entendo — ela falou nervosamente e ele esticou o corpo, dando um passo na direção dela e pegou a taça de sua mão que tremia.

— Lisbeth... Lisbeth, eu só farei isso se parar de me chamar de milorde. Guarde isso para... — Ele apertou os lábios e se afastou.

— O barão — ela suspirou. — Então, podemos fazer isso antes que eu vá a Davon, Robert? — Adorou o som do nome dele, saindo de seus lábios.

Ele também suspirou e passou a mão pelo cabelo. Deixou a taça sobre a mesa e pegou seu casaco, que estava pendurado ao lado.

Ouvir Lisbeth chamá-lo pelo nome o fez ter certeza de que queria que ela o fizesse pelo resto de sua vida, mas a sombra do irmão era densa demais para ser ignorada ou esquecida. Ele iria chamá-la pelo nome, como pediu, mas precisava

resistir a ela. Só não sabia como.

Capítulo 10

Lisie e Robert caminharam de volta para a mansão. Eles pouco conversaram, apenas Lisie comentou sobre a beleza da propriedade, mesmo no inverno e Robert afirmou que ela não fazia ideia de como tudo ficava ainda mais lindo na primavera, quando o jardim de sua mãe florescia.

Lisie sentia um bolo no estômago, pois sabia que não estaria ali na primavera. Estaria em Davon, casada com o barão.

A neve voltou a cair assim que chegaram à porta da mansão e Lisie olhou preocupada para fora.

— Será que Nina está bem?

— Jerome vai curá-la. Vai dar um preparado amargo que ele faz e que as crianças odeiam. — Ele sorriu e ambos entraram.

Deirdre veio correndo para ajudar Lisie a tirar a capa.

— Deirdre, mande Dewey saber da senhora Nina — Robert pediu e a jovem assentiu. Ele olhou para Lisie e deu um leve sorriso, o que fazia o coração dela falhar uma batida. — Acho que é melhor eu ir me lavar para tirar a terra do corpo. — Era uma provocação e funcionou perfeitamente, pois Lisie sentiu o corpo inteiro esquentar, lembrando-se da intimidade do toque que compartilharam na estufa. — Vemo-nos para o almoço?

— Sim, mi... Robert — ela disse e sorriu.

A jovem criada olhou para os dois por um breve momento, com os grandes olhos escuros arregalados. Mas, como Robert havia previsto, não fez qualquer tipo de comentário, apenas ajeitou a capa de Lisie nos braços e falou com um sorriso:

— Milady, vou preparar uma xícara de chá para aquecê-la.



Quando Lisie entrou no quarto, alguma coisa estava diferente nela. Queria sorrir, apenas isso. Sentia o coração acelerado, o cheiro de terra, da neve, daquelas mudas de uva. Até seu braço parecia bem melhor.

Deirdre chegou com o chá quente e se apressou em tirar as botas úmidas de Lisie.

— Parece que o passeio até a estufa fez bem a milady — a jovem comentou com um sorriso. — Está até mais corada.

— A estufa é um lugar maravilhoso! — Lisie falou e se sentou na cama. — Todos aqueles perfumes e o verde... É tão lindo! — disse, sem esconder o encantamento.

— A senhora parece lorde Robert, quando fala daquele lugar. — Ela riu.
— Eu me sinto bem aqui, Deirdre...
— E a senhora faz bem a essa casa, milady. Todos gostam muito da senhora. Trouxe lorde Robert de volta — disse, retirando a mantilha dos ombros de Lisie.
— Fazia tempo que ele não voltava?
— Não para ficar tantos dias seguidos.
— Eu o estou prendendo aqui — Lisie suspirou.
— Ah! Não milady! A senhora o trouxe de volta.
Sem graça, Lisie se ergueu e parou perto da janela.
— Será que Nina está bem? — Passou a mão pelo braço ferido. — Ela está com uma tosse muito insistente e eu temo por ela, pois não é mais uma jovem.
— Não se preocupe, milady, Jerome é muito bom — Deirdre falou despreocupadamente e soltou um pouco as tiras do vestido de Lisie. — E ele a curou, não foi? Quando lorde Robert chegou aqui com milady nos braços, todos achavam que estivesse morta. Mas ele... bem... Eu nunca tinha visto o lorde daquela maneira antes! Nem quando lady Elene partiu — disse com tristeza.
Lisie ouviu aquilo imaginando o que teria acontecido depois da noite que passaram naquela pousada, no meio do caminho. Não se lembrava de nada. Pensou também na mãe de Robert, que havia tirado a própria vida. Como ele havia se sentido? Que tristeza devia ter se apossado dele ao perder a mãe daquela maneira? Seus olhos se encheram de lágrimas.
Estava decidida a não ser uma preocupação para ele e iria encontrar maneiras de se ocupar, até que estivesse recuperada. Aproveitaria aquele tempo que ganhara antes de se casar com o barão Davon.
— Robert... — ela começou a falar e se corrigiu — lorde Robert me disse que talvez você possa me ajudar a compreender o funcionamento da casa. Eu não tenho muita prática com isso, sempre fui colocada à parte dessas aprendizagens e não me importava muito, mas agora...
— Sim, milady! Agora será a senhora de um palácio e será um prazer ajudá-la — a jovem abriu um sorriso largo. — Lady Elene me ensinou muito!
— Que, bom! Fico agradecida. — Lisie respirou fundo e tomou fôlego, decidida a se tornar uma mulher diferente.



A semana que se seguiu foi repleta de atividades para Lisie. Nina, por ordens de Jerome, foi mantida distante de Lisie, pois não seria bom se a jovem fosse acometida daquela mesma tosse, enquanto ainda se recuperava.

A velha ama não apreciou a orientação, mas não discutiu com Robert. Deirdre se comprometeu a auxiliar e acompanhar Lisie, enquanto a ama se recuperava.

Lisie conheceu a mansão e seu funcionamento. Foi apresentada a todos os criados, ouviu sobre suas atividades, conheceu a despensa e descobriu como estocar os alimentos para enfrentar o inverno. Descobriu também que Robert gostava muito da torta de carne que Mirty, a cozinheira, preparava.

Como Sunset passava muito tempo sem a presença de seu senhor, os registros das atividades e rendas advindas do vinho, ficavam por conta de Noah, o administrador, que vivia na fronteira norte da propriedade.

Lisie se viu perguntando sobre receitas e plantas, e experimentando guloseimas doces. Só não conseguia ainda tentar costurar e bordar, pois seu braço ainda estava sensível a alguns movimentos. Na verdade, não via a hora de se livrar das bandagens e também poder cavalgar. Ela queria conhecer a pequena vila onde vivia o administrador, mas Robert se negou veementemente a permitir que ela subisse em um cavalo ou carroça, enquanto não estivesse completamente curada.

A mansão estava viva e animada, havia cheiro de pão e carne. Tudo funcionava muito bem. Havia quatro quartos na casa principal, o que fazia da mansão uma construção pequena para os padrões da nobreza, um recanto íntimo, familiar, aconchegante.

Lisie passou a amar aquela casa, aquele lugar, como nunca conseguira amar a casa de seu pai, onde nascera.

Robert levantava cedo e percorria a propriedade antes de ir até a estufa, onde ficava até a hora do almoço, que fazia questão de compartilhar com ela, enquanto lhe contava sobre o que vira pela manhã, dos moradores que visitara, do clima e das perspectivas para o fim da neve.

Como se tivessem feito um acordo não verbal, eles não se aproximavam muito fisicamente, mas as conversas os aproximavam de outras formas. Aproveitavam o tempo que ainda tinham, pois com a melhora de Lisbeth sua partida ficava cada vez mais próxima e necessária.

Robert a levou para a estufa algumas vezes e enquanto ela ficava sentada junto da mesa com os vasos de mudas e sementes, ele ia explicando sobre a qualidade, como garantir uma boa colheita e como não comprometer o sabor único das uvas.

Lisie o observava, encantada, degustando os saborosos vinhos ali produzidos e toda a paixão dele por aquele lugar, se apaixonando cada vez mais por Sunset e por Robert.

A atração entre eles era palpável, mas tentavam ignorá-la, embora, com o passar dos dias fosse ficando bastante difícil. Seus olhos se encontravam constantemente e, em vários momentos, suas mãos se tocavam, roçavam, quando percebiam que não havia ninguém por perto. E quando aquilo acontecia, Lisie

sentia vontade de se agarrar a Robert, beijá-lo e se entregar completamente. Mas se afastavam, restando-lhe apenas muitas noites insones e sonhos nos quais eles se amavam.

Naquela noite, entretanto, Robert parecia tenso e preocupado. Lisie colocou a mão sobre a dele e ele a segurou, apertando suavemente seus dedos.

— O que aconteceu? — ela perguntou e ele ergueu os olhos azuis em sua direção.

— Jack já deveria ter mandado notícias — ele falou e levou a mão dela aos lábios, dando um beijo quente e demorado.

Lisie olhou aflita para os lados, onde Billy, o criado que os servia à mesa, estava parado, mas ele não parecia nada surpreso com aquela intimidade entre seu senhor e a noiva do irmão.

— Ele foi avisar sobre o seu estado de saúde assim que deixamos a estalagem — beijou a mão dela novamente. — Por Deus, Lisbeth! Eu nunca senti tanto medo em minha vida! Achei que havia perdido você. Eu nem lembro como cheguei aqui, acho que fiz meu cavalo voar. — Deu um sorriso nervoso. — Jerome disse que iria tentar, mas que a infecção estava avançada e...

— Mas eu estou bem, Robert, graças a você e a Jerome. E nunca me senti tão feliz, apesar de não poder mexer direito esse braço. — Ela sorriu, mostrando o braço que agora estava enfaixado, mas com poucas ataduras, o que lhe dava um pouco mais de mobilidade.

Foi difícil segurar as emoções que a fala dele provocaram. Havia sentimento e preocupações autênticas, sinceras, misturadas ao contato dos lábios dele com sua pele.

— Lamento ter deixado você tão preocupado — ela completou, tocando carinhosamente no rosto dele.

Ousadia. Algo que não poderia fazer, não ali, no meio de um salão de jantar. Nem mulheres casadas demonstravam afeto de uma forma tão aberta em um local público.

Os olhos dele escureceram e ela retirou a mão, sentindo o desejo que corria sob a pele dos dois.

— Perdão... — ela falou sem jeito e ele se levantou. Olhou para Billy, que entendeu a mensagem e fez uma leve reverência antes de sair.

Lisie sentiu que alguma coisa mais intensa acontecia entre eles e ofegou, enquanto seu rosto e seu corpo esquentavam em antecipação. Robert parou ao seu lado e estendeu a mão em sua direção. Ela segurou na mão dele e se ergueu.

Ele era alto, forte, quente, simplesmente maravilhoso!

— Lisbeth, o que você faz comigo é algo que não sou capaz de avaliar, porque nunca senti nada igual. E eu não quero deixar de sentir, entende? Eu preciso

disso. Sinto que se a perder, não vou mais conseguir viver, respirar... — Ele a puxou para perto do corpo e tocou no rosto dela suavemente. — Mas, o que mais me importa é que você seja feliz.

— Robert... — Estava difícil falar — Eu quero... Eu preciso desse sentimento também.

Ele a beijou. Foi um beijo faminto, de entrega, desesperado em conquistar aquilo que desejavam, que precisavam.

Lisie sentiu o chão ser tirado de seus pés. Ondas quentes de prazer corriam pelo seu corpo, se alojando em lugares que ela não sabia que podiam pulsar tanto.

Ela gemeu contra os lábios dele. Aquele era o beijo que ela havia sonhado.

— Eu estou machucando você? Seu braço... — ele falou, preocupado.

— Ele está ótimo! — ela respondeu, ofegante e sorrindo, depois, puxou a cabeça dele para que seus lábios voltassem a se encontrar.

Robert desceu os lábios para o pescoço dela, o que causou arrepios incontrolláveis e palpitações. Um arco-íris piscava diante de seus olhos. Os dedos dele roçaram no seio dela sobre o grosso tecido do vestido, mas foi como se tocassem em sua pele. A sensação intensa a fez arregalar os olhos, jogar a cabeça para trás e gemer como nunca imaginou ser capaz de fazer.

Então, ele parou e se afastou. Lisie o olhou sem compreender. Suas pernas estavam bambas, o corpo trêmulo, o coração disparado, a respiração entrecortada.

Claro que ele percebera que aquilo que faziam era errado, não podia acontecer! Ela era a noiva do irmão dele!

Com um gosto amargo na boca, ela o encarou, esperando encontrar no rosto dele o arrependimento, mas o que viu a deixou ainda mais insegura, pois ele a fitava com a paixão refletida nos olhos. Mas a seriedade substitui o desejo.

— Um cavalo chegou — ele disse, ajeitando os cabelos. — Perdoe-me, não queria deixá-la.

Lisie ajeitou o cabelo e respirou fundo, recuperando o controle e tentando organizar seus pensamentos e sentimentos. Seu rosto devia estar muito vermelho, precisava jogar um pouco de água fresca.

— Eu vou me refrescar — ela disse e se virou.

Robert pegou em sua mão e a beijou.

— Terminaremos nossa conversa depois, milady. — Ele piscou e foi para a porta.

Então, ele não a afastara por causa da culpa ou do medo, ou...

Lisie ia pensando, enquanto caminhava atordoada para seus aposentos. Quando entrou no quarto e fechou a porta, o coração batia descompassadamente.

Fechou os olhos e passou a mão pelos lábios, pelo pescoço, pelos seios...
Estava viva e quente.

Capítulo 11

Robert apoiava a cabeça entre as mãos, enquanto Jack o observava em silêncio, segurando uma taça de vinho.

— Você sabe que boatos viajam mais rápido do que cavalos — o velho soldado falou e suspirou.

— Como desfazer isso, Jack? — Robert perguntou e se ergueu nervoso.

— Sem atrair a ira do rei? — Ergueu os ombros. — Não sei. Talvez, só esperando a neve abrir os caminhos e revelar a verdade.

— Mas os boatos já chegaram à corte?

— Não temos como saber. Eu fiquei três dias impedido de sair da vila. Às vezes, não entendo como esses boatos conseguem passar pela neve. Mande um mensageiro, mas não tive resposta — Jack respondeu, observando Robert andar de um lado para outro diante da lareira.

— William ainda está em Westminster?

— Ou está no caminho de Davon ou ainda está com o rei.

— Ele já pode ter sabido...

— Como eu disse, boatos vão aonde cavalos não chegam. Mas, Robert, eu mesmo achei que você carregava uma mulher morta quando saiu da pousada.

— Nunca mais repita isso, Jack! — Robert se virou para ele com fúria.

O soldado ergueu as duas mãos, colocando-se em posição defensiva.

— Mas, se esse boato chegou à corte, Eduardo vai exigir uma reparação a William. Assim como o velho Phillips, que é capaz de pedir baús de ouro como compensação.

— Eu dou todo o ouro, não me importo!

— Mas ela está viva, Robert. Talvez, ninguém tenha que pagar nada.

— Você não contou a ninguém que eu a trouxe para Sunset, Contou?

— Claro que não! Só diria a William. Pensei em enviar uma mensagem, mas como os caminhos estão difíceis achei melhor não arriscar que a mensagem caísse em mãos erradas.

Jack, sempre sensato.

Robert ficou olhando para as brasas da lareira. Correram boatos de que Lady D'Tanis, a noiva do Barão Davon, havia morrido de algum ferimento, durante sua passagem por uma das vilas entre a casa do pai e Davon. Os boatos diziam que lorde Robert tentara salvá-la, mas que partira com o corpo sem vida da lady no meio da neve. Portanto, a notícia era de que Lisbeth estava morta.

— Eu preciso falar com ela — Robert suspirou e passou a mão pelo rosto.

— Então, ela se curou completamente?
— Quase. O braço ainda está sarando.
— Isso é bom.
— Sim, mas não quero que ela fique triste de novo. Não sei como uma notícia dessas pode ser recebida por ela.
— Isso significa que ela está feliz aqui? — Jack ergueu uma das sobrancelhas.
Robert não respondeu, apontou para o corredor.
— Vá se lavar, conversaremos mais tarde.
Jack suspirou e balançou a cabeça.
— Como quiser, milorde — respondeu e saiu para o corredor.
Robert encostou-se junto à janela. As coisas podiam se complicar e ele seria responsabilizado por tudo. Era o responsável pela suposta morte da noiva do irmão, que estava sob sua proteção. Responsável por não tê-la levado a Davon. Responsável por permitir que boatos sobre a noiva do barão se espalhassem e responsável por se apaixonar pela noiva do irmão, uma traição.



Lisie estava deitada, depois de beber o remédio que Jerome deixou. Foi visitar Nina em seu quarto e a ama estava mais amarga do que nunca, irritada por ter que ficar isolada e preocupada em não poder vigiar e cuidar da virtude de Lisie. Ela havia melhorado da tosse consideravelmente e até engordara um pouquinho, e reclamava que lhe serviam comida o dia todo.

Alguém bateu à porta, o que era estranho porque Deirdre dava uma batida leve e entrava em seguida, sem aguardar. Mas a batida foi vigorosa e ninguém entrou.

Ela se levantou e foi até a porta. Quando a abriu, deparou-se com Robert e ele parecia tenso.

— Lisbeth, preciso falar com você.

Olhou para os lados do corredor. Não havia ninguém. Ele sabia que não era adequado, mas deu um passo para dentro do quarto.

Ela o olhou surpresa e deu um passo para trás, dando espaço para ele. O calor dele e seu perfume pareciam ocupar todo o aposento.

— Robert, acha adequado que... — Ela olhou receosa para a porta.

— Deixaremos aberta — ele falou e parou diante dela.

Os cabelos vermelhos de Lisie cintilavam como brasas sob as luzes das velas, seus olhos pareciam duas pedras preciosas e aquelas sardas ficavam ainda mais encantadoras. Ele tocou em seu rosto, mas logo afastou a mão.

— É melhor se sentar. — Indicou a cadeira ao lado da cama.

— O que há de tão ruim que eu precise me sentar para ouvir? — Ela ergueu o queixo, mas sua voz tremeu. — Posso ficar em pé.

Robert respirou fundo.

— Jack retornou — ele anunciou com voz baixa e grave.

Lisbeth se sentou na cama. Havia achado que conseguiria ficar de pé, mas a menção do nome do soldado que fora até Davon fez suas pernas fraquejarem. William estaria vindo buscá-la?

— Ele ficou um tempo preso em uma vila a caminho de Sunset e ouviu boatos...

— Boatos?

— Boatos de que a noiva do Barão Davon, ao ser conduzida pelo seu irmão e capitão da guarda, que sou eu, foi gravemente ferida e... — Ele apertou os lábios com força.

— E...? — ela perguntou, sentindo o sangue fugir de seu rosto.

— Morreu.

Ela se ergueu tão abruptamente que tudo girou a sua volta e foi obrigada a se sentar novamente. Robert se sentou ao lado dela e pegou em sua mão, sentindo-a tremer, completamente fria.

Ele começou a esfregar a mão dela entre as suas.

— Perdão! Não sabia como dizer isso de forma mais amena — falou com raiva de si mesmo.

Devia ter imaginado que ela ficaria chocada demais.

— Por que diriam uma coisa assim? — A voz dela saiu baixa.

— Porque gostam de criar histórias — ele respondeu, irritado. — Eles viram como saí da pousada carregando você. Eu temia que não conseguisse te salvar, por isso até compreendo que tenham pensado o pior, mas os boatos viajaram mais rápido do que Jack. Talvez tenham chegado até Westminster...

— Até o rei? — Ela arregalou os olhos.

— E até seu pai.

As palavras da velha Mirza surgiram como gritos em seus ouvidos: *“Um homem vai aparecer em sua vida, mas para que você viva terá que morrer... Um homem poderá perder a cabeça por sua causa”*.

Ela segurou na túnica escura que ele usava.

— Robert, o que pode acontecer se o rei... Se ele acreditar nos boatos? — Lágrimas encheram seus olhos.

Robert segurou o rosto dela. Não queria ver aquele desespero e tristeza jamais.

— Pedir uma reparação. Mas darei um jeito, Lisbeth, você é minha prioridade. Entendeu? — ele falou e passou o dedo, secando as lágrimas que desceram pelo rosto pálido.

— Que tipo de reparação, Robert?

— Explicações, ouro, punição...

— Punição? — Ela se ergueu, nervosa, e Robert a segurou pela mão.

— Não há com o que se preocupar. — Ele a abraçou e beijou seus cabelos.

Não diria a ela que a reparação poderia ser algo um pouco pior, caso o rei se sentisse ofendido por eles terem deixado um boato se propagar. Tudo dependeria do estado de espírito do rei.

— Robert... — ela falou e sua voz soou abafada contra a túnica dele. — Não seria melhor então que eu estivesse mesmo morta?

Ela sentiu o corpo dele enrijecer quando fez a pergunta e ele se afastou, encarando-a.

— Nunca diga isso. Nunca! — Seu semblante se fechou.

— Não quero ser responsável por qualquer mal... — ia dizendo, mas Robert a calou com um beijo desesperado.

— Nunca... — ele murmurou junto aos lábios dela.

O som de passos veio do corredor e Robert foi obrigado a se afastar. Ele a olhou apreensivo.

— Vou resolver, confie em mim — disse e saiu para o corredor, antes que alguém o visse no quarto da lady.

Lisie voltou a se sentar na cama e as lágrimas desciam livres pelo seu rosto.

Havia se iludido ao pensar que a felicidade se aproximou dela. Agora, ela representava um grande risco para a única pessoa que havia se preocupado com ela e que, simplesmente, conquistou seu coração.

Capítulo 12

— Deirdre! — Robert chamou pela criada no corredor e ela apareceu correndo, assustada.

— Milorde... — ela falou prontamente.

— Não deixe lady Lisbeth sozinha. Fique com ela — ele ordenou e foi falar com Jack.

A jovem o olhou, intrigada, mas não perguntou nada e seguiu para o quarto da lady.



— Mas, Robert! Isso pode ser ainda pior! — Jack falou para o lorde, depois de terem ido até a estufa para conversar longe dos criados. — Porque isso, sim, seria uma mentira que poderia levar um homem para a forca! E esse homem é você. — O velho soldado tentava colocar um pouco de lucidez na cabeça do rapaz que conhecia desde que era um menino.

— Jack... — Robert suspirou e se apoiou à mesa de trabalho.

— Você está apaixonado e ela é a noiva do seu irmão. — Jack esfregou o rosto vigorosamente. — O que vale o preço do seu pescoço. Isso seria considerado traição, Robert!

— Eu sei! — Ele se virou para os vasos sobre a mesa e observou o pote com as sementes que ainda seriam plantadas.

— E, mesmo assim...? Uma mulher vale isso? — Jack perguntou, mas já sabia a resposta.

— Lisbeth vale muito mais.

— Ah, Deus!

— William não queria esse casamento. Ele não a conhece, não importa para ele quem ela seja, mas para mim, importa! — Apertou a madeira da mesa com força.

— O que a lady acha disso?

— Ela disse que estar morta seria melhor... — Sua garganta se apertava só de pensar na tristeza que viu no rosto dela, quando disse aquilo.

Jack deu um ruidoso suspiro. Lisbeth parecia simplesmente perfeita para o protetor Robert.



— Milady, o que eu posso fazer para... — Deirdre perguntava aflita, enquanto via a jovem que, encolhida sobre a cama, chorava. — O que aconteceu? Por

Deus! Devo chamar Jerome?

Sem resposta, ela andava de um lado para outro. Seu senhor havia mandado que ficasse com ela e não a deixasse só, mas não sabia o que estava acontecendo. E se a lady voltasse a ficar doente? Se aquela febre que quase a matou retornasse?

Foi para o corredor e gritou por Dewey. Demorou um pouco e o menino apareceu.

— Vá chamar lorde Robert, rápido!

O menino saiu correndo. Ela voltou para dentro do quarto. Pegou o frasco com o remédio que Jerome dera para acalmar as dores no braço, logo depois de consertá-lo. Certamente, Lisbeth estava com alguma dor.

Colocou na pequena taça uma dose generosa do remédio e se sentou ao lado da lady na cama.

— Por favor, beba isso, milady — pediu delicadamente.

Lisie se sentou e, soluçando, bebeu o remédio amargo. Suas mãos tremiam tanto que temeu derrubar todo o líquido.

Não queria se descontrolar, mas havia tanta coisa a pressionando, tantos sentimentos guardados, tantas emoções descobertas e proibidas que quando se deu conta havia começado a chorar e agora não conseguia parar.

Deirdre ficou ali, sem saber o que fazer e esperou. O choro da jovem foi diminuindo, mas não havia parado. Os minutos pareceram intermináveis.

— Milady, por favor, conte-me o que está acontecendo para que eu possa ajudá-la.

Lisie olhou para a jovem criada, que era tão atenciosa e delicada com ela, assim como todos ali em Sunset. Uma vida que não era destinada a ela. Seria melhor estar morta, pensou. Ou que pensassem mesmo que estivesse morta. Ela fugiria, sumiria e não causaria problemas tão sérios a Robert.

— Deirdre... — Puxou a respiração com força. — Eu preciso ir embora daqui. Preciso que me ajude a arrumar uma pequena mala.

— Milady! Não! — A criada se ergueu e a olhou de uma maneira severa. — Alguém fez alguma coisa que a magoou ou feriu? — perguntou, sem saber em que pensar.

Todos os criados vinham reparando como Robert e Lisbeth pareciam estar se aproximando bastante, trocando olhares, rindo, compartilhando horas de conversa. Todos também haviam ficado felizes por Robert, que sempre fora bastante solitário e que parecia fugir de pretendentes. Mas também estavam receosos, porque sabiam que aquela bela jovem era a noiva do irmão dele, o barão. Teria acontecido algo entre os dois?

Deirdre se preocupou, mas jamais iria interferir no que quer que fosse na vida

dos senhores.

— Não! De maneira alguma! São todos maravilhosos!

— Por que quer partir, então?

— Porque eu... eu... — *posso causar uma desgraça*, completou em pensamento, mas achou melhor não compartilhar aquele problema com a jovem criada. — Perdoe-me...

— Perdoar, milady?

— Não quero deixá-la preocupada. Já estou melhor — falou, respirando fundo e passando a mão pelo rosto.

Deirdre se sentou ao lado da cama e a observou. Era evidente que a lady não estava bem e voltou a se deitar. A criada rezou para que o remédio de Jerome ajudasse e ficou ao seu lado em silêncio.

— Pode ir, Deirdre. Deve ter muita coisa a fazer — Lisie falou, sentindo o corpo relaxar.

— Não! Lorde Robert pediu que eu ficasse aqui e vejo que é mesmo necessário — Deirdre disse com teimosia.

Então, a porta abriu e Robert passou por ela como um vento forte, fazendo a criada saltar assustada.

— O que houve? Lisbeth... — Ele foi até a cama, respirando rapidamente, depois de uma louca corrida que dera da estufa até ali. Olhou para a criada. — O que aconteceu? — perguntou, nervoso, vendo o rosto vermelho e os olhos inchados de Lisbeth, por conta do choro recente.

— Robert... — Lisie viu quando ele entrou e seu coração traiçoeiro pareceu crescer no peito. Ela não podia ser tão egoísta. — Está tudo bem.

Sentou-se na cama, sem graça por ele vê-la naquele estado.

— Milorde, eu mandei buscá-lo porque ela estava chorando muito e não me dizia o que estava acontecendo. Temi que... — a criada falou, tentando se justificar. — Eu dei duas doses do remédio para dormir que Jerome deixou.

— Fez bem. — Ele puxou a respiração com força para fazê-la voltar ao normal e pegou na mão de Lisie. — Foi tudo culpa minha. Eu não devia... Droga!

— Ela queria ir embora, milorde — Deirdre contou, pois estava preocupada. Talvez a lady resolvesse sumir.

— Ir embora? — Robert indagou e se sentou na cama ao lado de Lisie. — Lisbeth... — pronunciou seu nome suavemente.

Ela encostou-se ao corpo dele, repousando a cabeça em seu peito. Podia ouvir o coração dele disparado e a respiração acelerada. Uma lembrança passou rapidamente por sua mente. Ela, encostada no peito largo dele, pedindo que não a deixasse e ele dizendo que não iria deixá-la nunca. Talvez tivesse sonhado.

Robert fez sinal para que Deirdre saísse. A jovem obedeceu imediatamente e fechou a porta atrás de si.

— Lisie, por que queria ir embora? — ele perguntou, abraçando-a e acariciando seus cabelos.

— Eu tenho medo, Robert. A velha Mirza disse que um homem podia perder a vida por minha causa — ela respondeu e deu um profundo suspiro. O remédio já lhe dava sonolência.

— Quem é essa velha? Ela não sabe nada.

— Ela disse que ia chover e choveu. E que eu ia encontrar um homem e que eu... tinha que morrer para viver.

Robert ouviu aquilo e, mesmo não querendo acreditar na tal velha, havia uma mensagem importante ali. Ele sentiu que o corpo dela relaxou.

— Fique comigo... — ela falou antes de adormecer.

Robert a segurou nos braços por um momento e então a ajeitou sobre os travesseiros. Deitou-se ao lado dela e ficou observando seu rosto todo vermelho por ter chorado.

Quando Dewey chegou à estufa, correndo, dizendo que havia acontecido alguma coisa com a lady, porque Deirdre gritou por ele e mandou chamá-lo, Robert saiu correndo, temendo que ela fizesse o que a mãe dele havia feito.

Ela havia dito que era melhor que morresse e o desespero havia tomado conta dele.

— Lisbeth... — Ele tocou no rosto dela e tirou os cabelos vermelhos de cima dos olhos. — Lisie... Minha Lisie, eu vou ficar com você, sempre.

Robert suspirou e fitou a madeira do teto. Precisava pensar no que fazer. Como falar aquilo para o irmão. Deixaria os boatos correrem, não lutaria contra eles e arcaria com todas as consequências, mas não deixaria a mulher que amava. Ela seria a senhora daquela casa, mesmo que ele não estivesse mais ali.

Verificou que ela agora dormia pesadamente e deu um beijo leve em seus lábios. Ergueu-se, passou a mão pelos cabelos, respirou fundo e saiu do quarto.



— Robert, você sabe que pode sempre contar conosco, principalmente quando o assunto é a sua felicidade e agora a de lady Lisbeth, a quem todos aqui aprenderam a gostar. Mas William pode não entender. Talvez entenda, mas as implicações para ele serão ainda mais sérias — Jerome o alertou.

Robert fora se aconselhar com seu velho amigo, em quem confiava totalmente, e Jack participava da conversa. Afinal, era quem sabia de toda a história e um dos homens de confiança de Davon.

— William tem de saber a verdade — Jack disse com preocupação. A lealdade

dele era para com os Davon e, principalmente, a William, que era o barão. E não queria nem pensar que mentiriam para o rei.

— Ele saberá — Robert garantiu.

— Mas, então, ela já não será noiva dele — Jack retrucou.

— Eduardo irá arrumar outro casamento para ele — Robert tentou disfarçar sua apreensão quanto àquilo.

— Bem... — Jerome se ergueu e puxou a respiração com força. — Você quer que eu ateste que lady Lisbeth D'Tanis faleceu perto da vila. Que não foi possível salvá-la? — Para o médico aquilo era bastante difícil, mas a felicidade daqueles dois jovens estava também em suas mãos e não seria ele a dificultar as coisas. — Faço isso por você, Robert, a quem ajudei a nascer e pela bela jovem que merece ser feliz. Mas ela tem de consentir. Sabe disso, não sabe?

Robert o olhou ofendido. Jamais faria algo sem o consentimento de Lisbeth e seu coração já se apertava ao imaginar que ela poderia não aceitar sua proposta.

— Jamais a obrigaria ao que quer que fosse e deveria me conhecer o suficiente para saber disso — falou e andou até a lareira, onde parou olhando para as chamas. Seu corpo esquentou e ele respirou fundo. — Vou falar com ela assim que acordar.

— E não pode esquecer que o pai dela vai exigir algum tipo de reparação — Jack afirmou com praticidade.

— Aquele homem não merece nada — Robert retrucou com ferocidade, mas sabia que ele tinha razão.

— E ele vai cobrar de William. Afinal, o casamento não será consumado e ele, supostamente, perderá uma filha querida — Jack disse com ironia, pois sabia bem o que o pai de Lisbeth não sentia qualquer afeição pela filha.

Capítulo 13

Lisbeth despertou, sentindo a cabeça pesada. O quarto estava na penumbra e apenas a lareira estava com as chamas altas, o que mantinha o ambiente agradavelmente aquecido.

Sentou-se e reparou que Deirdre estava deitada no pequeno catre do outro lado do quarto, encolhida e ressonando. Ao que parecia, ficara de guarda velando seu sono.

Ela colocou a manta sobre os ombros com um pouco de dificuldade, calçou as sapatilhas e olhou para a jovem criada mais uma vez, antes de sair silenciosamente do quarto. Um archote iluminava o corredor e a temperatura estava mais baixa ali, fazendo-a arrepiar.

Lisie precisava pensar. Havia se desesperado, talvez fragilizada por tudo o que a levava até ali, mas chorar tudo o que havia guardado por todo aquele tempo foi bom, porque agora poderia pensar com mais clareza. E, embora seu coração sofresse, sua mente dizia que não poderia jamais colocar em risco a vida de Robert ou a honra dos Davon.

A casa estava silenciosa e apenas o crepitar de chamas vindas das lareiras era possível ser ouvido vez ou outra.

Ela olhou para o corredor. O quarto de Robert ficava na outra extremidade. Seu coração se comprimiu ainda mais. O que descobrira com ele era algo que jamais havia imaginado existir. Não era apenas aquela atração que sua pele tinha pela dele, que seu corpo tinha pelo dele, aquele pulsar sob a pele e o acelerar do coração cada vez que se aproximavam, com o toque, com o beijo, com o roçar de seus dedos...

Seu corpo traidor se arrepiou de antecipação e ela respirou fundo, indo em direção à cozinha. Um leite com mel iria ajudá-la. Entretanto, quando passou pelo salão, tudo o que pensava em fazer ou dizer foi afastado de sua mente, ao ver a figura grande e maravilhosa de Robert sentado diante da lareira.

Ele segurava uma taça com vinho e olhava sério para as chamas. Lisie observou os ombros largos e reparou que estavam tensos. As pernas longas estavam esticadas diante do corpo, mas ele não estava relaxado e ela sabia que a culpa era da situação que enfrentavam.

Avaliou se deveria passar silenciosamente pelo salão em direção à cozinha ou voltar para seu quarto, mas seus pés e corpo tinham outras intenções e ela caminhou suavemente até as cadeiras diante da lareira. Parou um pouco atrás da cadeira dele e apertou a manta junto ao corpo.

— Robert... — ela falou baixo, mesmo assim, ele esticou o corpo e se ergueu tão rapidamente que por pouco não derrubou o vinho da taça.

Robert a fitou e colocou a taça sobre a mesa junto das cadeiras.

— Perdão! Não queria assustá-lo — ela disse, sentindo o coração acelerar, enquanto ele se aproximava sério.

Ele, entretanto, não disse nada. Apenas a abraçou, aspirou o aroma de seus cabelos e a beijou.

Lisie não sabia que precisava tanto daquele beijo, que o desejava tanto até aquele momento. Que sentir os braços de Robert em volta de seu corpo era tudo o que precisava. Que estender sua mão, tocar e afagar os cabelos revoltos e escuros era o remédio que curava sua tristeza imediatamente. Ou que sentir os lábios quentes e firmes dele, esfomeados, carentes, era o sabor doce que a fazia esquecer-se do mel que havia ido buscar.

Ofegante, Robert afastou os lábios e se inclinou, encostando a testa na dela. Segurou em seu rosto delicadamente, traçando seu contorno com o dedo, como que guardando tudo aquilo em sua memória.

— Lisie... — ele disse com a voz rouca e deu beijos pequenos em seu rosto, em seu nariz, em seu queixo.

Aquilo era tão incrivelmente bom que Lisie fechou os olhos, apenas desfrutando, desejando mais.

— Case-se comigo — ele falou, enquanto dava beijos no canto dos lábios dela.

Então, seus olhos azul-escuros encontraram os dela, que se abriram assustados.

— O que...? — Ela estava ofegante, com o coração martelando tão alto que talvez não tivesse ouvido direito.

— Case-se comigo! Seja minha esposa, Lisie. Seja a senhora de Sunset, porque você já é a senhora do meu corpo e do meu coração. Case-se comigo e vou amá-la com toda a força que possuo até o último dos meus dias, e além deles.

Robert falou e viu as lágrimas cintilarem nos olhos dela. Ele as secou assim que desceram pelo canto de seus olhos, mas continuou a encará-la.

— Eu a amarei, mesmo que não aceite se casar comigo. Eu a amo agora e não sei como fazer para viver sem você.

Lisie estava completamente atordoada com aquela declaração de amor tão apaixonada e com pelo pedido de casamento tão inesperado.

— Mas... eu sou a noiva do seu irmão. E o rei... — ela mal conseguia falar.

— Você quer esse casamento? Diga-me o que deseja — ele perguntou, fitando-a intensamente.

Ninguém nunca havia perguntado a ela o que desejava ou o que queria. Nunca o que ela pensava, do que ela gostava ou deixava de gostar havia importado a alguém.

— Robert... — ela falou e se afastou um pouco dele, embora aquilo fosse doloroso demais. — Eu não quero que se arrisque de maneira alguma por minha causa. Se esse pedido de casamento...

— Não! — ele falou sem deixá-la terminar. — Nunca.

— Isso não é possível para nós — ela concluiu, sentindo uma dor no coração e no corpo todo. — Se o rei exigir uma reparação, se quiser puni-lo, eu não vou suportar! — declarou, tentando controlar o desespero que aquele pensamento lhe causava.

— O que a velha lhe disse? — ele perguntou, irredutível.

Por um momento, ela não compreendeu a que velha ele se referia, mas logo o entendimento começou a se formar em sua mente. Ele tinha um plano e acreditava naquilo que a velha Mirza dissera, mas se esquecera de algo que ela também previra.

— Que um homem poderia perder a cabeça por minha causa — ela respondeu séria e trêmula.

— Não. Não isso — ele insistiu.

Lisie suspirou e balançou a cabeça.

— Que a minha morte seria vida. Mas, é um boato apenas e... — Ela se virou de costas para ele, sem saber como encará-lo, como enfrentar aquilo, sem querer acreditar em todas as promessas que via nos olhos dele.

— Jerome pode atestar a morte de Lady D'Tanis. Ninguém aqui em minha casa irá nos prejudicar, todos a amam e me são leais.

— Você não precisa disso! Pode se casar com alguma lady que lhe traga paz e não alguém que...

— Eu ame? — Ele pegou na mão dela e a fez se virar para encará-lo. — Eu só quero você, Lisie, e soube disso no momento em que a vi no campo, debaixo daquela chuva, com a saia cheia de lama e o olhar firme, apesar do ataque que sofreu. Mesmo depois de ter caído daquele cavalo e mesmo pensando que você era uma criada da casa de seu pai, eu desejei você, não qualquer título, qualquer dote, apenas você na minha vida.

— Mas você conhece todas as implicações melhor do que eu, Robert! — Ele não via os riscos a que estava se expondo? — E seu irmão? Acha que será facilmente ludibriado ou aceitará essa história?

Aquilo pareceu balançar um pouco a determinação dele e ela desejava que ele enxergasse o preço que poderia pagar.

— Não, mas eu posso lidar com isso. Só preciso saber o que você deseja. —

Seu olhar era terno, algo que ela jamais vira em um homem. Havia um calor tão grande ali. Não somente promessas, também verdades, e ela não sabia como reagir.

Lisie sempre aprendeu a se defender, a erguer uma barreira protetora em torno de seu coração, e agora, aquele homem derrubava toda aquela proteção e a enchia de um sentimento forte demais.

Ela respirou fundo e o encarou. Ele merecia toda a sua sinceridade, depois de ter lhe oferecido aquelas palavras tão belas.

— Eu desejo você, Robert — ela disse e tocou no rosto tenso dele. — Por isso, desejo que não se arrisque, que viva, que seja feliz. O que a velha Mirza disse... — Aquilo era como uma espada afiada sobre sua cabeça. Havia saído de sua casa, comprada a mando do rei para um barão de má fama, foi resgatada e salva pelo irmão dele, descobriu o amor de uma forma inesperada e alguém que a amava como era, mesmo que aquilo custasse a própria vida. — Eu... preciso me sentar...

Robert a olhou, preocupado, ajudou-a a se sentar na cadeira diante da lareira e se ajoelhou diante dela.

— Perdão! Acho que fui afoito demais.

Lisie sorriu e ajeitou os cabelos dele, que caíam sobre a testa.

— Você é maravilhoso!

Ele suspirou e fechou os olhos por um momento, sentindo o toque frio dos dedos dela em seu rosto.

— Eu só desejo que seja feliz — ele sussurrou e encostou a cabeça sobre as pernas dela, sentindo-a acariciar seus cabelos. Queria saber o que fazer.

Lisie ouviu aquilo e as lágrimas queimaram em seus olhos. Robert era um guerreiro, um homem forte, corajoso, mas tinha aquela suavidade que se manifestava em cada gesto que dirigia a ela, como agora, quando parecia um menino deitado sobre as pernas da mãe.

O coração dela não suportaria vê-lo sofrer, ser punido pelo rei por sua causa, porque nunca ninguém havia se preocupado com sua felicidade. Nunca ninguém se dispusera a enfrentar a família, o rei, a morte por ela.

— Nunca estive tão feliz quanto aqui, mas talvez seja melhor que eu parta, que eu suma, assim você não irá se colocar em risco. — Sua voz saiu fanhosa e morreu em seus lábios ao ver o tamanho da dor no rosto dele.

— Minha mãe nunca foi feliz... — ele falou, desviando o olhar para as chamas. — Eu tentei, fiz de tudo que estava ao meu alcance, Lisie. Pouco antes de ela... — ele suspirou — desistir, disse-me que o tempo que vivemos aqui foi o tempo de paz de que ela precisava. Mas, então...

Lisie se encheu de amor por aquele homem, que agora parecia um garotinho

desamparado. Como um homem que exalava confiança, autoridade e força podia ser ao mesmo tempo tão sensível?

Lisie percebeu que talvez aquela determinação em enfrentar tudo para fazê-la feliz e livrá-la daquele destino fosse uma maneira de reparar o que havia acontecido com a mãe, a quem ele, impotente, viu morrer. Por um momento, ela questionou se ele não estaria misturando os sentimentos e transferindo para ela o desespero de tentar salvar a mãe. Mas ele a olhou com um desejo tão grande que não poderia apenas ser a necessidade de reparação.

Ela afagou seus cabelos negros, mas aquela demonstração de “fraqueza” merecia mais do que um simples afago. Ele compartilhou com ela uma dor, um sofrimento que com certeza não demonstrou a mais ninguém. Então, também merecia receber um pouco de sua alma e de seus próprios sentimentos de culpa pela morte da mãe.

— Minha mãe morreu quando nasci. Meu pai queria um filho homem, mas, ao contrário de seu desejo, nasceu uma menina que ainda levou embora a vida de sua mulher — ela disse e Robert virou o rosto para ela com as emoções estampadas claramente, e segurou em sua mão. — Nina é quem me fala sobre minha mãe, porque meu pai nunca... — Deu um profundo suspiro e balançou a cabeça. — Nina me contava que meu pai conheceu minha mãe quando o pai dela, que era mercador, apareceu para vender pele de ovelhas. Nina me disse que sou parecida com minha mãe e que meu pai me afastou de tudo, porque eu o fazia se lembrar da mulher que o fez comprar uma carroça inteira de peles e depois... — Lisie deu um sorriso triste — pagar ao pai dela com um baú de ouro para deixá-la também.

— Ela devia ser linda, se era parecida com você — Robert falou e acariciou o rosto dela.

— Eu não sei se ela foi feliz o tempo em que viveu com meu pai, talvez tenha sido. — Deu de ombros. — Mas tudo se perdeu para mim. — Ela o encarou e sorriu. — Até um lindo lorde surgir em meu caminho no meio de uma tempestade. Mas não creio que nosso destino, aquilo que nos une...

Robert a puxou para si e a beijou com paixão, até quase perderem o fôlego. Quando se afastou, os lábios macios de Lisie estavam vermelhos, suculentos, entreabertos e carregavam a sombra delicada de um sorriso.

— Eu só desejava descobrir o amor... — ela disse e ele se ergueu e a pegou pela mão.

— Eu também, Lisie. Achei que nunca chegaria para mim. — Traçou as linhas do rosto dela com suavidade e a viu arrepiar.

Lisie precisava decidir se entregava-se àquela esperança ou simplesmente desistia dele, acreditando que ele fazia tudo aquilo porque sentia pena dela.

Havia tanta honestidade nos olhos dele que ela precisava, ao menos, experimentar a sensação de ser amada. Mesmo que depois tivesse que partir para uma vida solitária, longe de todos que a conheciam e que acreditariam estar morta.

— Robert, eu... quero aprender... — Seu rosto ficou ainda mais vermelho. — O que as criadas tanto falavam na cozinha. O amor de um homem na cama. Mas não com alguém que me obrigue, e sim, com você — ela falou, envergonhada, e o viu sorrir. Os olhos azul-escuros brilharam intensamente. — Eu não quero me guardar para... — ia falando, mas ele a calou com outro beijo.

— Vou ensiná-la, meu amor — ele falou ofegante, junto aos lábios dela.

Robert a olhou com seriedade. Ela pedia que ele a amasse, que fizesse amor com ela, antes que ela fosse obrigada a se entregar a William e aquilo fez seu coração acelerar desenfreadamente. Não iria deixá-la pensar que aquilo era proibido, jamais!

Ergueu-se e estendeu a mão para ela. Seus olhos cálidos e seu corpo pulsando. Sabia que seria um caminho sem volta. Ao ter Lisie por inteiro, a traição seria mais do que inquestionável.

— Serei seu como e quanto desejar — falou com um sorriso e ela ficou de pé diante dele, ofegante, os olhos brilhando, o rosto afogueado. Ela mordeu o lábio inferior. — Você me enlouquece quando faz isso, sabia? — Tocou com a ponta do dedo seu lábio macio.

— Eu não imaginava... — ela falou, sem graça.

Teria ousado demais e agora não conseguiria ir em frente? Via o desejo estampado no rosto e nos olhos azuis profundos dele. Ela queria aquilo como nunca quis nada em toda sua vida.

Robert a ergueu nos braços, surpreendendo-a, e saiu andando na direção do corredor.

— Estou machucando seu braço? — ele perguntou e Lisie enfiou o rosto em seu pescoço, rindo baixinho.

— Não, de maneira nenhuma.

Ela nunca sentiu felicidade tão grande.

Passaram pela porta do quarto de Lisie e foram na direção do quarto dele.

— Deirdre vai ficar preocupada se acordar e não me vir.

— Não se preocupe — ele falou e abriu a porta de seu quarto com o pé.

O quarto de Robert era sóbrio, mas tinha aquele perfume de pinho que fazia Lisie sentir como se estivesse mergulhada em uma tina de água quente.

Ele a colocou sobre a cama e a fitou.

— Minha Lisie... — Segurou na mão dela e entrelaçou seus dedos, depois beijou cada um deles demoradamente. — Eu serei seu marido aqui, hoje,

amanhã ou quando desejar. Preciso que saiba que já é a senhora da minha vida. Tudo o que é meu, é seu. Lutarei por você enquanto respirar — falou e sentiu os dedos gelados dela em seus lábios. Fitou-a e viu as lágrimas em seu rosto.

— Não diga isso, por favor... — ela disse com voz trêmula, enquanto tocava os lábios dele suavemente com a ponta do dedo. Não era aquilo que queria. Queria ele ao seu lado, vivo, quente.

Ele suspirou e assentiu. Depois, de onde estava, segurou na perna dela e retirou a sapatilha. Fez o mesmo com o outro pé. Suas mãos massagearam suavemente as solas dos pés frios dela, os dedos e os tornozelos.

Lisie, com as pernas para fora da cama, deitou-se, permitindo-se apenas sentir e desfrutar daquele contato que mandava mensagens quentes e agudas para todo seu corpo. Ela arregalou os olhos e ofegou quando sentiu as mãos dele correrem por suas pernas. Toda sua pele arreprou.

— Apenas me diga se quiser que eu pare — ele falou com a voz rouca e seus lábios tocaram suavemente na parte interna das pernas dela.

Lisie se sentou, assustada com aquela sensação tão intensa que simplesmente dominou todo seu corpo.

— Robert! — ela exclamou e o viu erguer o rosto em sua direção, com uma expressão que a deixou sem fala e sem fôlego.

— Quer que eu pare? — ele perguntou, ofegante, com os olhos brilhando.

— Oh, meu Deus! Não! Não quero... — Ela riu, sentindo o rosto afogueado e voltou a se deitar.

Por que estava rindo tanto?

Não sabia, mas talvez precisasse extravasar aquela felicidade que não conseguia conter no peito.

Um gritinho escapou involuntariamente de sua garganta, quando a boca de Robert, quente e úmida, beijou-a em sua parte mais íntima e secreta.

Capítulo 14

Robert, deitado ao lado de Lisie em sua cama, a observava dormir, enquanto acariciava suavemente o braço ferido dela. Os cabelos vermelhos estavam espalhados sobre o travesseiro, os lábios pareciam morangos maduros e aquelas pintinhas no rosto e sobre o nariz eram simplesmente encantadoras. Sorriu ao se lembrar da energia dela na cama, mesmo com o braço ferido. Havia um fogo ardendo em sua mulher, que ele conseguira acender, e estava orgulhoso de si mesmo.

Deitou-se e passou a língua pelos lábios. Que sabor delicioso ela possuía! E, quando o puxou pelos cabelos com a mão boa, exigindo que ele se deitasse, e começou a tirar roupa dele, ria excitada, como uma criança diante de uma mesa cheia de doces. Ele achou aquilo simplesmente maravilhoso!

Ele a ajudou a tirar a roupa e ela montou nele com uma agilidade de quem sabe cavalgar muito bem um animal. Ele quis perguntar se estava tudo bem, se o braço dela não estava doendo, mas ela exigiu atenção máxima e o tomou para si como nenhuma mulher tomara antes. Depois, parecendo envergonhada, com o rosto vermelho, disse que não sabia que era capaz de fazer aquelas coisas e foi a vez dele de rir e declarar: *you are simply a goddess of love!*

Iria construir uma vida boa para ela. Sunset, o lugar que mais amava, seria dela e, mesmo que ele perdesse a vida nas mãos do rei, saberia que a deixou livre. Assim que o dia clareasse, iria mandar buscar o padre. Abraçou-a, beijou seus cabelos e se entregou ao sono. Sentia-se completo.



A neve cobria a propriedade com uma grossa camada na tarde seguinte. Robert dormiu muito, assim como Lisie. Deirdre havia batido à porta muito cedo e quando viu Lisie na cama de seu senhor, simplesmente assentiu e saiu, deixando-os dormir.

Robert nunca dormiu tão bem e seus sonhos foram embalados pelo perfume de Lisie. Ele e Lisbeth haviam se amado mais uma vez naquela noite e ela fez questão de descobrir cada parte dele, assim como o deixou conhecer suas partes mais sensíveis e se mostrou afoita e animada. Depois, dormiu em seus braços, aninhando-se deliciosamente.

Nenhum dos criados disse ou perguntou nada quando os dois apareceram para o almoço, mas era evidente que sabiam o que havia acontecido e aprovavam. Menos Jack, que permaneceu sério e calado durante a refeição.

Jerome parecia cansado e disse que Nina piorara um pouco, talvez por conta

da temperatura que caíra muito. Lisie, sentindo-se culpada por estar tão feliz e sua ama tão doente, pediu licença e saiu da mesa para ir ao quarto de Nina.

— Você tornou tudo mais complicado, Robert — Jack falou assim que Lisie saiu. — Se tivesse esperado para conversar com William...

Robert sorriu sem humor e encarou o velho soldado.

— Você ama sua mulher, Jack?

Jack respirou fundo e entortou os lábios.

— Eu não sou nobre, Robert. O rei nunca se importaria com quem eu me casasse.

— Eu estou falando de amor — Robert recostou-se à cadeira.

— E eu de traição — Jack completou e viu o olhar sério que Robert lhe dirigiu, mas não se importou, tinha de ser a voz da razão naquele momento. — Talvez, William não se importe que a noiva não seja mais uma donzela. Mas, e ela?

— Ela será minha mulher — Robert falou e afastou o prato com raiva. Levantou-se, mal-humorado. — Vou até a estufa.

Dito isso, deixou o salão. Jack olhou para Jerome, que apenas suspirou e fechou os olhos.



— Não se preocupe, Lisie, vou melhorar. É que meus ossos são velhos e o frio sempre os castiga — Nina falou, enquanto a jovem segurava em sua mão. — Jerome tem um remédio para isso também, não se preocupe. — Ela se ajeitou na cama. — E aquela menina, tem cuidado bem de você? — indagou, com uma expressão cansada.

— Deirdre é muito boa. — Lisie sorriu sem jeito. — Nina...

Precisava contar a alguém o que estava sentindo e o que havia feito com Robert, e sua velha ama era a pessoa mais próxima que tinha, apesar de talvez não compreender ou até recriminá-la por ter entregado sua inocência a um homem que não era seu noivo.

Nina, entretanto, ouviu tudo o que Lisie disse e, então, tocou em seu rosto com carinho.

— Tudo o que eu sempre quis desde que peguei você em meus braços, quando ainda era um bebezinho lindo com os cabelos vermelhos, que havia perdido a mãe sem nem experimentar seu leite, foi que um dia você fosse feliz e é isso que eu vejo em seus olhos agora, minha pequena Lisie. O que uma velha como eu pode desejar mais? — Seus olhos escuros ficaram cheios de lágrimas. — Só peço a Deus que me permita conhecer seus filhos, que certamente serão lindos!

Lisie a abraçou e depois se encostou a seu peito, sentindo-se bem. Ali em

Sunset ela tinha tudo o que precisava e todos que amava e, por um momento, se deixou acalentar e se esquecer da espada que estava sobre sua cabeça e a de Robert.

A tensão os acompanhou na semana seguinte, junto com a neve que voltou a cair e cobriu novamente os jardins e a plantação. Se as notícias iriam chegar a Davon ou se já houvessem chegado, ficariam confinadas por algum tempo até se propagarem novamente. Robert estava tenso, preocupado, mas tudo se esvaía quando estava amando Lisbeth. Muitas vezes, no quarto dela ou no dele, ou como no dia em que se amaram na estufa, quando a neve havia dado uma trégua.

— Vou mandar buscar o padre assim que as estradas estiverem livres. — Robert falou, apertando Lisie junto de si. Estavam enrolados numa pesada coberta de pele sobre a mesa de trabalho na estufa, as taças de vinho ao lado.

Os dois fitavam a cobertura branca e densa sobre os vidros, mas ali o frio era mais ameno, o perfume era fresco e estavam sozinhos. Nina havia se conformado em ter que ficar dentro da casa. Não seria ela a estragar a felicidade da jovem a quem amava.

— Jack está certo, Robert — Lisie acariciou o braço dele. — É melhor esperarmos para falar com o barão. Você e seu irmão não podem... — Suspirou. — Por favor, prometa-me que vai falar com ele antes — pediu, aflita. — E o rei...?

Robert também suspirou e a beijou demoradamente.

— Não vamos falar disso agora, meu amor. Não enquanto me sinto o homem mais feliz e completo com você bem aqui onde está.

Lisie se ajeitou entre os braços dele. O perigo de uma condenação os cercava, mas ela não conseguia não se sentir feliz e completa com Robert. Ela estava se tornando a senhora de Sunset. Havia aprendido a coordenar a casa com a ajuda de Deirdre. Já se sentia segura para tomar decisões e circulava naturalmente pelos espaços.

Às vezes, enquanto estava falando com os criados, via-se observada intensamente e podia sentir em todo o corpo o olhar quente de Robert. Ela o surpreendia com um leve sorriso, muitas vezes, e, depois, ele a levava para seu quarto e faziam amor, às vezes lento, saboreando cada movimento, às vezes desesperado, afoito. Entretanto, havia o assunto que sempre pairava entre eles, verbalizado ou não: os boatos sobre a morte dela e como iriam contar a William sobre o relacionamento deles.



Em uma manhã que a neve havia dado trégua, Deirdre levou Lisie ao único lugar que ela ainda não havia conhecido nas cercanias da mansão: o gazebo.

Robert havia ido até a vila na fronteira da propriedade para falar com Noah, o administrador. Lisie ainda não conhecia a vila, pois Robert a proibia de montar ou de subir numa carroça, temendo que seu braço pudesse ser afetado de alguma forma, embora ele tivesse melhorado muito. Agora ela podia fazer movimentos sem sentir dor.

— Lorde Robert nunca vem até aqui, mas manda que deixemos a casa sempre limpa e em ordem, como era quando lady Elene estava viva — Deirdre contava, enquanto caminhavam pela trilha em direção ao lago. — Ela amava esse lugar, mesmo nos dias de inverno — a jovem falou com tristeza profunda na voz.

Lisie viu a construção junto à margem do lago. Era pequena, de madeira, com grandes janelas e uma porta.

— Na primavera, as flores crescem em volta da casa e ela fica ainda mais linda! — Deirdre falou, percebendo a admiração de Lisie.

Elas se aproximaram e Deirdre empurrou a porta. Lisie entrou, sentindo como se conhecesse a mãe de Robert.

A ama correu para acender a pequena lareira no canto do aposento, enquanto Lisie tocava na cadeira confortável coberta por almofadas macias. Havia ali, também, uma mesa pequena, dois baús e artigos para uma toalete rápida.

Ela retirou a pesada capa e a colocou no gancho à parede e viu uma capa escura que estava pendurada, alisou delicadamente. Sabia que era de Lady Elene.

— Como foi que lady Elene morreu? Sei que tirou a própria vida, mas... Não quero magoar Robert, perguntando sobre isso.

Deirdre se sentou sobre os calcanhares, olhando para a chama que surgia na lareira.

— Ela entrou no lago, milady... como se... pudesse alcançar algo que desejava — suspirou. — Eu vi quando seu vestido primeiro flutuou, depois a puxou para o fundo. Lorde Robert voltava da vinha e ouviu meus gritos. Ele mergulhou e mergulhou e, quando a puxou para a superfície, já não havia nada a fazer. — Deirdre passou a mão no rosto, secando as lágrimas.

— Lamento... — Lisie colocou a mão no ombro da jovem. — Meu Deus! Robert deve ter sofrido tanto! — exclamou com emoção na voz, imaginando o desespero dele ao não conseguir salvar a mãe.

— Sofreu, milady. Por isso, acredito que o barão mandou chamá-lo a Davon, para afastá-lo daqui. E então, ele volta com milady nos braços e ousa dizer que nem quando lady Elene faleceu vi tanto desespero em seu semblante. Mas ele está de volta e agora todos podem ver o quanto a senhora faz bem a ele. — Deirdre se levantou, terminou de secar as lágrimas e deu um leve sorriso. — Sabe, a senhora trouxe uma luz a essa casa, milady. Algo que não havia quando lady Elene vivia aqui. Todos dizem isso.

Lisie se sentou na cadeira e tocou na madeira fria da mesa. Deirdre pegou uma pequena vasilha com erva aromática e colocou água para esquentar sobre a brasa, depois, sentou-se diante de Lisie.

— O que sabe sobre o barão, Deirdre? — Lisie a encarou, preocupada.

— Eu pouco o conheço, milady, mas sei que tem grande afeição por lorde Robert. Por isso quis levá-lo daqui quando a mãe morreu e lhe deu o cargo de chefe da guarda.

— Ele... irá compreender...? — Ela deixou a pergunta no ar.

— Se ele vir a senhora e lorde Robert juntos, não haverá como não compreender — Deirdre falou com suavidade.

— E o Rei? — A voz de Lisie falhou.

Deirdre não compreendia os arranjos da nobreza, mas se havia algo a temer era a justiça do rei. Não soube o que responder.

As duas tomaram chá, tendo como companhia a vista do lago com uma fina camada de gelo.



Robert acabara de visitar o silo da vila e ficou satisfeito ao saber que estavam bem providos para o inverno rigoroso. Noah falava sobre a chegada de uma nova família que contratara para trabalhar na terra assim que o solo tivesse descongelado. Todos na vila pareciam felizes em vê-lo depois de todo o tempo que passara longe, em Davon.

— Ouvimos dizer que veio com sua noiva, milorde — a mulher de Noah falou, enquanto lhe servia um pão quente e uma taça de vinho. — E que é uma mulher linda. — Ela sorriu.

Robert proibira os criados de sua casa de mencionarem qualquer coisa quanto a Lisbeth ser noiva de William e, embora a notícia da chegada de Lisie tivesse alcançado a vila, ninguém sabia que ela era a futura esposa de seu irmão.

— Se a neve parar posso buscar o padre e organizamos uma festa, milorde! — Noah falou, animado e seu rosto ficou vermelho de excitação com a perspectiva de poderem fazer uma festa.

— Vamos ver, Noah. Primeiro a neve tem de diminuir — Robert respondeu, mas o que o segurava era o fato de ter que conversar com seu irmão primeiro, atendendo ao pedido de Lisbeth.

— Lady Elene deve estar muito feliz de onde está, milorde. Ela desejava tanto que o senhor encontrasse um amor! — Betsy, a esposa de Noah, falou com ternura.

— Sim, ela deve estar — Robert respondeu, pensando que aquilo era verdade.

Mas como sua mãe se sentiria ao saber que a mulher que ele amava era, na

verdade, noiva de William?

Um cavaleiro surgiu na estrada quando Robert deixava a casa na vila. Era Jack.

O velho capitão cumprimentou Noah e sua esposa, depois olhou para Robert, que se aproximou do cavalo.

— Milorde, precisa ir para a mansão porque temos uma mensagem — falou simplesmente e Robert compreendeu que era uma mensagem de seu irmão.

Robert montou e os dois voltaram rapidamente para a mansão, porque a mensagem dizia que William estava chegando.

Capítulo 15

William havia avistado Sunset e mandou um de seus homens com uma mensagem. Depois, seguiu pela fronteira sul, porque queria passar pelo lago, onde sua mãe havia tirado a própria vida. Mandou seus outros soldados seguirem para a mansão e cavalgou sozinho em direção ao lago. Viu a casa às margens e se surpreendeu ao notar a fumaça que saía pela pequena chaminé.

Por um momento seu coração ficou apertado, imaginando sua mãe ali. A última vez em que a vira, ela estava naquela pequena casa de madeira e ele se assustara com sua aparência. O rosto, até então belo, estava macilento e profundas olheiras escureciam os olhos azuis. Quando ela tocara em seu rosto, sua mão magra, de dedos longos, era fria, como se já estivesse morta.

— Meu William... — ela dissera, com lágrimas nos olhos — está tão lindo!

William beijara a mão dela, lamentando que tudo houvesse caminhado para aquele destino, que o pai tivesse sido tão cruel e fosse o responsável pelo estado em que ela se encontrava. Lamentava ser o herdeiro de Davon e ter que ficar ao lado do pai, mas era o primogênito e não havia escolha para ele.

— O barão morreu — ele havia dito, simplesmente, porque queria ser ele a dar aquela notícia.

A mãe o olhara e uma frieza cobriu seus olhos.

— Ele sofreu? — ela perguntara com sua voz pequena e trêmula.

— Sim — e era verdade. O pai havia sofrido muito em seus últimos meses, com uma doença que dissolveu suas entranhas.

A mãe apenas assentiu, dando um tapinha no rosto dele.

— Robert está nas vinhas...

William parou próximo à casa e respirou fundo. Ainda doíam as lembranças de sua mãe. Pensou em seu irmão, que tanto amava aquele lugar e que vira a mãe se matar, sem conseguir salvá-la. Ele quis tirar Robert dali, afinal, o irmão também fora treinado como soldado, mas sabia que o coração dele estava com as uvas e não em um campo de batalha.

Robert o fazia lembrar-se de sua mãe. Então, ele ouviu boatos de que sua noiva, que tinha sido escoltada por Robert, havia morrido de maneira suspeita no meio do caminho. A notícia chegou aos seus ouvidos antes que ele retornasse a Davon e descobrisse que Robert não havia chegado lá, portanto, só podia ter voltado à Sunset.

Arqueou as sobrancelhas escuras, olhando para a fumaça que saía da casa, indicando haver alguém lá dentro.

Quem estaria no local preferido de sua mãe?

Apeou, deixou o cavalo pastando junto à raiz das árvores e foi caminhando até a casa.

Lisie ouvia Deirdre, que contava algumas histórias de Sunset, enquanto analisava a tapeçaria, deixada incompleta por Lady Elene. A peça mostrava vinhas e o pôr-do-sol. Deirdre contava quando se perdera entre as parreiras logo que chegou à Sunset e as duas acabaram rindo.

Alguém bateu à porta e elas se olharam. Robert teria retornado da vila? Lisie temeu que ele não apreciasse por ela estar naquele lugar que trazia lembranças fortes de sua mãe.

Deirdre foi até a porta, abriu-a e deu dois passos para trás com as mãos sobre o peito. Lisie se ergueu sem entender o que acontecia. E, então, ouviu a voz da jovem criada, que estremeceu e se inclinou com reverência.

— Milorde...

Lisie olhou por sobre os ombros da criada e viu o homem ali parado. Era grande, maior ainda do que Robert, e era mais forte. Os cabelos negros também eram revoltos e os olhos eram de um azul claro. O queixo estava levemente coberto por uma barba curta e escura, e sua boca era muito parecida com a de Robert.

Não era necessária uma apresentação. Aquele era William Davon, o barão. Seu noivo. E ele a olhou com uma expressão surpresa.

— Você é a criada de minha mãe, não é? — ele perguntou, olhando primeiro para Deirdre, que ficou pálida.

— Si... sim, milorde, Deirdre — ela respondeu e deu um passo para o lado, quando ele deu um passo para dentro.

William se viu fitado por assustados olhos de um verde como a grama na primavera. A jovem tinha cabelos vermelhos, que cintilavam conforme a luz do sol passava pela porta e seu rosto era salpicado por pequenas sardas. Era linda!

Ela se inclinou ligeiramente.

— Milorde... — Lisie falou com a voz e as mãos trêmulas.

— Creio que não a conheço — ele falou com desconfiança.

Lisie poderia mentir, dizer que era uma das criadas, mas havia pedido a Robert que conversasse com o irmão. Não conseguiria mentir, não enquanto ele a observava de maneira inquisitiva, com um rosto tão parecido com o de Robert.

— Sou Lisbeth Phillips, milorde — ela respondeu, sem mencionar o título do baronato de seu pai.

William disfarçou sua perplexidade e surpresa. Aquela era sua noiva, a que supostamente estava morta, mas que, ao contrário, estava ali bem viva e incrivelmente bela.

Ele estreitou ligeiramente os olhos e estendeu a mão, pegando na mão dela,

que estava gelada e trêmula.

— Milady, estou equivocado ou a senhora é minha noiva e deveria estar morta — ele falou e deu um beijo quente na mão dela, observando o belo rosto ficar lívido, assim como os lábios carnudos, que ela mordeu nervosamente.

— Milorde... eu...

Lisie não sabia o que responder e tudo pareceu ainda pior quando Robert surgiu na trilha e apeou, nervoso.

— Will! — chamou e sua voz estava tensa.

William se virou e Lisie foi obrigada a se sentar, sentindo os ouvidos zumbirem.

— Milady! — Deirdre, sabendo o que havia causado aquele mal-estar em Lisbeth, correu para encher uma taça com água, enquanto o barão ia de encontro ao irmão. — Beba. — Entregou a taça nas mãos trêmulas da lady e temeu que ela derrubasse todo líquido. — Vai ficar tudo bem — tentou acalmá-la.

Robert nunca sentiu tensão como aquela antes. Ele havia cavalgado velozmente para casa, quando Jack o avisou que o mensageiro de William disse que o barão se aproximava, mas jamais pensou que o irmão entraria em Sunset sozinho e que passaria primeiro no gazebo.

Havia perdido noites de sono, pensando em como falar com o irmão. Ele passou várias noites abraçado a Lisie, imaginando como contaria tudo para William. Como diria que havia se apaixonado desesperadamente por sua noiva e que não a deixaria partir?

Então, tudo aconteceu como numa avalanche e agora William estava ali e, certamente, tinha visto Lisie.

— Rob... — William caminhou um pouco em direção ao irmão, reparando em seu nervosismo indisfarçável e na maneira com que olhou para a casa. — Acho que está um pouco surpreso com minha chegada — comentou com leve ironia, enquanto se cumprimentavam.

— A neve... Jack não conseguiu chegar a Davon e achei que... — Os olhos de Robert miravam a pequena casa, mas não via Lisbeth.

— Eu poderia querer saber sobre algumas histórias que ouvi pelo caminho... — William falou com desconfiança e viu o irmão passar por ele, indo em direção à casa.

Robert mal escutou o irmão. Foi até a casa onde não havia mais entrado desde a morte da mãe. Lisie estava sentada junto à mesa, pálida e com os olhos cheios de lágrimas. Ele parou perto da porta, contendo a vontade de se ajoelhar diante dela e pegar em suas mãos, dizer que a amava e que a chegada do irmão nada iria mudar quanto àquilo, mas poderia piorar a situação ainda mais.

— Está bem? — ele perguntou e também olhou para Deirdre, que estava

igualmente pálida.

Lisie o fitou lutando com as lágrimas. Queria se atirar nos braços dele, abraçá-lo com força e dizer que não se colocasse em perigo, mas sabia que poderia piorar ainda mais as coisas. Por isso, assentiu e respirou fundo.

Robert ainda olhou para ela por um momento. Seus olhos pediam que confiasse nele.

— Vá conversar com seu irmão — ela falou, quase como um murmúrio.

Robert se virou para Deirdre.

— Não a deixe sair daqui sem estar bem, entendeu?

— Sim, milorde! — A criada compreendia muito bem o que ele queria dizer.

Robert olhou para Lisie, assentiu e se virou, saindo da casa. Seguiu ao encontro de seu irmão, que o olhava como se visse algo bastante bizarro.

— Vamos até minha casa — Robert falou ao lado do irmão.

Jack apareceu, puxando o cavalo de William pelos arreios. William o olhou e viu o velho soldado dar de ombros e entortar os lábios. O barão podia ser um soldado experiente e saber muito bem como agir em um campo de batalha, mas, definitivamente, havia algo ali que ele não sabia como interpretar. Montou e conduziu o animal para o lado do cavalo de Robert.

— Espero que uma história bem contada faça valer a pena essa insanidade que acabei de presenciar — falou seriamente e viu os ombros do irmão subirem e descenderem com força.

— Desculpe-me, Will! Você terá sua história — Robert declarou e deu uma rápida olhada por sobre o ombro na direção do gazebo.



— Milady, está se sentindo melhor? Quer que eu chame Jerome? — Deirdre perguntou preocupada, depois que Lisie havia se levantado e vomitado.

— Não, está tudo bem, Deirdre. Eu só não... Meu Deus! O barão está aqui! E agora? — Sua voz ainda tremia.

— Ele pareceu calmo, milady. Procure não se preocupar — a jovem falou, passando um pano úmido no rosto de Lisie.

— Temos de ir para casa, Deirdre — Lisie se levantou. Desejava ir correndo até a mansão, mas suas pernas pareciam prestes a derreter.

— Lorde Robert pediu que ficasse aqui, Milady. Deixe que ele converse com o irmão primeiro.



Jerome chegava à mansão quando viu os cavalos e reparou que William cavalgava ao lado de Robert. Parou à porta para aguardá-los, já sabendo os momentos complicados que todos enfrentariam.

Pouco depois, Robert andava de um lado para outro, enquanto aguardava o irmão que havia ido se lavar depois da longa viagem.

— Ele vai compreender, Robert — Jerome tentou acalmá-lo.

O rapaz nada respondeu, apenas virou-se para o corredor e gritou por Dewey. O menino veio correndo.

— Vá até a casa no lago e diga a Deirdre que traga lady Lisbeth antes que o sol se ponha e esfrie demais.

O menino assentiu e saiu correndo.

Robert se sentou e foi servido de vinho. Precisava pensar em como dizer que amava Lisbeth e não poderia deixar que se casasse com o irmão.

— Eu não esperava que a filha mais velha daquele velho traiçoeiro fosse tão bonita. — A voz de William fez com que se virasse e ele se viu fitado com desconfiança. O irmão o conhecia muito bem. — Afinal, minha noiva está viva, ao contrário do que ouvi dizerem enfaticamente.

— Ela quase morreu quando a tirei da pousada, parecia que... — Robert se ergueu e esfregou a mão no rosto. — Eu a trouxe para que Jerome cuidasse dela e não sabia que um boato havia se espalhado. A neve caiu e foi impossível seguir pela estrada.

— Eu fiquei preso em Dunbroch — Jack, que chegara junto com William, falou ao lado deles.

— Eduardo não gosta de boatos — William falou, soturno, e se sentou, pegando uma taça de vinho. — Por que ela quase morreu? Você não cuidou de sua segurança como deveria? — Olhou para o irmão e percebeu a veia que pulsou em seu queixo.

— A jovem lady estava com um ferimento e um osso partido no braço, causados por uma queda de um cavalo, provocada por um jovem camponês que trabalha para o pai dela — Jerome interveio rapidamente. — Ela não queria que ninguém soubesse e por isso, o ferimento não foi tratado como deveria. A febre quase a matou e por cinco dias nós não sabíamos se realmente viveria... — O velho alisou a barba grisalha calmamente e percebeu o olhar agradecido de Robert.

— Ela foi agredida nas terras do velho? — William arqueou as sobrancelhas.

— Um idiota que ousou tocá-la. Ela bateu nele, fugiu a cavalo, mas chovia muito e ela caiu — Robert explicou, tentando disfarçar a raiva que sentia daquele empregado que se declarara a Lisbeth em sua partida.

William ficou encarando sua taça por um momento.

— Então, minha noiva estava com um empregado do barão e ele a tocava. Quando me disseram que a mãe dela era escocesa eu deveria ter imaginado. E com aqueles cabelos vermelhos... Afinal, não foi um mau negócio que o rei fez

para mim.

Robert sentiu o sangue esquentar violentamente e se não fosse Jack se colocar entre eles, teria puxado o irmão pela túnica e o socado.

— Em defesa da lady, William, nós estávamos lá e vimos quando ela fugia. Ela não falou que havia se ferido. Ela é valente, realmente tem sangue escocês — o velho soldado falou com um leve sorriso. Independentemente de qualquer coisa, admirava a jovem.

— Vocês o mataram? — William perguntou, observando atentamente o irmão. Havia algo de estranho em seu comportamento, a maneira como o olhou furioso quando o ouviu falar da noiva.

— Não sabíamos que ela era a lady...

— Chovia muito, ela estava coberta de lama e acreditamos que fosse uma das criadas — Robert falou, rígido. Desejou muito que ela fosse realmente só uma criada e não a noiva do irmão.

William deu de ombros e tomou mais um pouco do vinho, que era o melhor de todos e o mérito era de seu irmão, sem dúvida.

— Bem, ela está viva e agora temos que explicar ao rei que não houve intenção de espalhar qualquer boato, e rezar para que ele não peça uma reparação.

— Will... — Robert se sentou à mesa e encarou o irmão. — Esse casamento... — começou a falar e o irmão suspirou, levantando-se.

— Irá acontecer e poderia ser pior, não é mesmo? Ela podia não ser tão linda. Agora eu gostaria de conversar com minha noiva, porque você me afastou dela rápido demais quando a descobri. — O barão piscou e se virou na direção da porta.

— Ela ainda não está completamente recuperada e... — Robert ficou sem ação.

— Minha fama a assusta, claro! — William falou com ironia. — Mas ela é minha noiva e preciso me apresentar devidamente — dito isto, virou-se e seguiu para a porta.

Robert fez menção de ir atrás dele, mas seu braço foi segurado por Jack.

— Uma coisa de cada vez, Robert — o soldado falou baixo ao seu lado.

— Ele está certo — Jerome completou e, preocupado, olhou para a porta.

Capítulo 16

Dewey apagava a lareira e Deirdre colocava a pesada capa sobre os ombros de Lisie, preparando-se para deixarem o gazebo.

— Milady, vai ficar tudo bem — a jovem criada falava suavemente.

— Há um bolo aqui, Deirdre... — Lisie colocou a mão sobre o estômago.

— É porque milady precisa comer algo. — A criada colocou a capa sobre o próprio corpo e abriu a porta.

O vento gelado entrou e a figura de homem grande apareceu novamente à porta.

— Milorde... — Deirdre se inclinou ligeiramente ao ver o barão.

Lisie sentiu o coração disparar.

O que teria acontecido? O que Robert havia contado?

— Ei, garoto, deixe acesa — ele ordenou para Dewey. — Podem ir. — Olhou para Deirdre e o menino.

— Milorde... — A jovem criada ficou pálida e, preocupada, olhou para Lisie.

— Vá! Eu preciso conversar com minha noiva. Afinal, não nos conhecemos ainda e parece que todos querem impedir que isso aconteça — ele falou sem humor, observando o rosto pálido da noiva. — Podem ir, têm minha palavra de que serei um cavalheiro, apesar do que dizem por aí...

Deirdre, relutante, apertou as mãos sobre a capa, olhou para Lisbeth, que assentiu, e então deixou a casa junto com o menino.

Lisbeth baixou o capuz e viu o barão fechar a porta, cortando o vento frio que ainda entrava.

— Lady Lisbeth... — William falou, dando um passo na direção dela. Pegou em sua mão e a levou aos lábios, dando um beijo suave e quente no dorso frio e trêmulo da mão delicada. — Não nos apresentamos devidamente, meu irmão chegou muito afoito e interrompeu nossa apresentação.

— Milorde... — ela respondeu com voz fraca.

Robert havia surgido tão preocupado e a olhara tão cheio de amor e temor que fez o coração dela ficar apertado.

— Sei que falam muito de mim, principalmente alguns barões — ele disse e caminhou até perto da janela, onde havia um pequeno catre. — Seu pai, certamente é um deles — disse, olhando para o lago. — Ele não deve ter ficado muito feliz em ser obrigado a ceder sua mão. — Virou-se e se surpreendeu ao ver seus olhos assumirem uma expressão de ferocidade. Aquilo fez o sangue dele esquentar deliciosamente.

— Garanto que ele ficou extremamente satisfeito com tudo o que recebeu, milorde — ela completou, percebendo que não conseguiu conter a raiva em sua voz.

— E você?

A pergunta a pegou de surpresa, porque o fez ficar tão parecido com Robert... Parecia que ele também se preocupava com o que ela pensava e aquilo era realmente surpreendente.

Não conseguiu responder.

— Está satisfeita, milady? Agora que já viu o que irá receber? — Ele abriu os braços e sorriu ao ver que ela arqueou ligeiramente a sobrancelha. A cada minuto, apreciava mais a companhia de sua futura esposa.

— Rob me contou que um homem a atacou e que o ferimento que quase a matou foi causado por uma queda do cavalo. Tem minha palavra, como seu futuro marido, que esse infeliz será executado — declarou em tom solene.

William era um soldado e isso ficava a cada momento mais evidente enquanto conversavam.

— Isso não será necessário, senhor. Já que não pretendo retornar às terras de meu pai — ela anunciou, pensando em Anton, mas era a mais pura verdade.

Por pior que pudesse parecer o caminho à frente, não seria mais infeliz que a vida na casa de seu pai.

— Mas como seu marido é minha obrigação.

— Milorde... — A voz dela voltou a tremer, porque o assunto era bastante delicado. — Robert... — falou sem pensar e sentiu o rosto ficar muito quente. Tentou se corrigir: — lorde Robert me socorreu e não soube que um boato foi criado sobre minha morte... Eu não gostaria que ele fosse punido de alguma forma. — Apertou as mãos com força, porque elas tremiam muito. — Ele só tentou me salvar e se for necessário que eu vá até o rei e esclareça esse mal-entendido, irei e implorarei... — completou, nervosa.

William a observou por um momento, enquanto defendia o irmão dele de maneira tão enfática. Robert também estava agindo de modo estranho, assim como Jerome e Jack, que pareciam incomodados com alguma coisa. Ele era um homem experiente, um soldado, alguém que aprendeu a estudar seus adversários e um fio de suspeita estendeu-se diante dele.

Resolveu que iria ser bastante cuidadoso para descobrir o que realmente acontecia. Mas, primeiro, iria aproveitar para conhecer aquela mulher de aparência e modos tão maravilhosos.

Ele foi até um dos baús e observou a tapeçaria que estava sobre a tampa, inclinou-se e passou a mão no tecido que tinha sido costurado por sua mãe, com certeza.

— Ela gostava de trançar fios... — ele falou com melancolia. — Em Davon temos várias tapeçarias que ela fez e uma delas retrata Rob e eu como comportados bibelôs da corte. — Riu baixo e se ergueu, respirando fundo.

— Lamento muito! Soube como ela morreu... — Lisie falou com sinceridade e mais uma vez percebia a semelhança entre aqueles dois homens.

— Ao menos, ela escolheu como queria morrer — ele respondeu, foi até a lareira e jogou terra sobre as brasas. — Acredito que será melhor voltarmos para a mansão. A noite aqui no lago é realmente muito fria e não serei eu a causar algum mal à minha futura esposa — completou e estendeu o braço para que ela o segurasse. — Milady...

Lisbeth estava muito nervosa, mas precisava admitir que William Davon, além de ser um homem lindo, era um cavalheiro.

Os dois saíram da casa e ele fechou a porta. Depois, foram caminhando pela trilha em direção à mansão. O vento gelado batia nas capas e chegava a ultrapassar o tecido. Lisie estremeceu.

— Esse é o seu braço ferido? — William perguntou preocupado, porque ela segurava no braço dele incomodada.

— Não, milorde, é o outro — Lisie respondeu, tentada a se encolher de encontro ao corpo grande e quente do barão.

Como os irmãos podiam ser tão parecidos fisicamente?

Não eram como suas irmãs gêmeas. Eles não eram idênticos. William era visivelmente maior do que Robert e ainda mais forte, talvez porque era um soldado mais velho e experiente, mas os ombros largos e imponentes dos dois eram iguais, assim como o queixo e os cabelos escuros e rebeldes. Os olhos azuis de Robert eram mais escuros, mas ambos emanavam um calor agradável, acolhedor.

— Você está com frio — ele constatou, sério, e antes que ela dissesse algo, passou o braço pelos ombros dela e a puxou para mais perto de si, envolvendo os dois sob sua pesada capa.

— Milorde... — Lisie sentiu o rosto esquentar quando se viu pressionada contra o corpo dele. Seu cheiro não era aquele que amava em Robert e ele ainda tinha cheiro de terra úmida e suor, mas, de alguma maneira, ela se sentiu acolhida.

— Milady, em breve compartilharemos mais do que uma capa — ele falou com a voz grave.

Lisie sentiu o coração quase parar e mordeu com força o lábio inferior. Que Deus a ajudasse! Não sabia o que aconteceria a ela e a Robert quando ele descobrisse que sua noiva e seu irmão o haviam traído.



Robert saiu da mansão, porque não aguentava mais esperar. Deirdre apareceu com ar culpado, dizendo que o barão ficou com Lisbeth porque queria conversar com privacidade. Ele quis sair correndo até o gazebo, mas Jerome se colocou diante dele com o olhar severo.

— Robert, ele precisa conhecer a jovem lady. Ele acredita que será a mulher dele e tem o direito de falar com ela em particular. Afinal, eles não se conheciam...

— Mas, Jerome... — Robert falou, tentando não parecer desamparado.

— Você tem certeza do que sente por ela? — o velho médico perguntou.

— Claro! — Robert respondeu com ferocidade.

— E do que ela sente por você?

Robert parou, sentindo o coração bater num compasso alucinado.

— Eu... sim... — respondeu, mas uma insegurança fez sua boca secar.

Ele parou como se tivesse levado um soco no peito, quando viu seu irmão e Lisie que vinham caminhando pela trilha. William a abraçava e ela estava encolhida junto ao corpo dele sob a capa. Sua respiração acelerou e ele apertou o maxilar com força.

Lisie ergueu o rosto quando se aproximaram da mansão e o que viu no rosto de Robert fez um bolo se formar em seu estômago. Era uma mistura de dor e raiva.

Ela se desvencilhou do braço de William delicadamente.

— Obrigada, milorde! — Dirigiu-lhe um sorriso nervoso, enquanto ele puxava a capa e a tirava dos ombros.

Ela subiu o degrau e olhou para Robert. Queria dizer que estava tudo bem, que não tinha com que se preocupar, mas sabia que não seria adequado. Por isso, apenas fez um gesto com a cabeça.

— Milorde... — falou suavemente e o viu respirar fundo.

— Lady Lisbeth, eu estava preocupado. Não pode se adoentar novamente — ele falou e seus olhos brilhavam para ela, e havia uma nota de tristeza em sua voz.

— Você acha que eu deixaria minha noiva correr esse risco, Robert? — William falou e encarou o irmão.

Os dois se encararam por um momento. Robert apertou os lábios e negou com a cabeça antes de responder.

— Claro que não, Will.

William passou pelo irmão, seguindo Lisie.

— Agora precisamos comer, porque estou faminto! — anunciou, entregando a

capa para um dos criados.

Robert apertou as mãos com força, antes de segui-los para dentro.



— Milady, o barão... — Deirdre falava nervosamente, enquanto a ajudava a trocar o vestido e se preparar para jantar.

— Ele é um cavalheiro, Deirdre. Lamento que boatos sejam tão fáceis de serem propagados e tornarem as coisas mais complicadas.

— Todos gostam muito dele em Davon e aqui, mas ele também é um soldado e muito poderoso diante do rei, que confia nele, por isso muitos o temem... — A jovem ergueu os olhos das saias de Lisie e viu os olhos da lady marejados.

— Robert... ele... — Ela se sentou na cama e colocou o rosto entre as mãos — Ele me viu com William e não tive como falar com ele, acalmar seu coração. Não sei o que fazer, Deirdre!

Deirdre se levantou e ajeitou os cabelos de Lisie carinhosamente.

— As coisas vão se arranjar, milady. Agora precisa se alimentar. — Sorriu e foi pegar um vestido limpo para Lisie.



— O vinho continua bom. Os estoques para o inverno estão adequados? Eduardo vai mandar buscar mais... — William perguntou, bebendo da generosa taça, enquanto reparava no irmão taciturno ao seu lado na mesa. — Rob, parece que minha chegada não o deixou muito feliz — disse e, intrigado, viu o irmão se levantar prontamente. E, segundos depois, Lisbeth apareceu no salão. Era como se ele sentisse a aproximação dela.

Também se levantou e mais uma vez se admirou com a beleza selvagem de sua noiva, que usava um vestido verde quase no tom de seus olhos. Uma trança ruiva caía sobre um dos ombros.

— Bela como sempre, milady! — Jerome foi quem falou do outro lado da mesa, onde estivera observando os dois jovens Davon que conhecia desde que haviam nascido.

Robert notou que ela enrubescera e deu um leve sorriso ao velho, o que a fazia ainda mais linda e esfaqueava seu coração. Ele ia conduzi-la até a mesa, mas William se adiantou e pegou na mão dela, ajudando-a a se sentar ao seu lado. Depois, encarou-o com certa desconfiança.

Nina, que aparecia pouco agora por conta de suas dores nos ossos, seguiu a jovem a passos lentos e ficou parada mais atrás. Estava admirada por, finalmente, ver o barão e tinha de admitir que ele era um homem tão bonito quanto lorde Robert.

Observou Robert e ele parecia muito nervoso e incomodado, assim como

Lisie, que mordia o lábio constantemente, mostrando seu nervosismo.

— Milady, eu ia dizendo ao meu irmão que parece que minha chegada causou algum incômodo.

— Isso não é verdade, milorde. Todos nós aqui em Sunset ficamos surpresos com sua chegada, é claro. Afinal, não o víamos desde... — Jerome fez uma pausa.

— Quando vim dar a notícia da morte de meu pai — William completou.

— Que Deus o tenha! — Jerome falou sem sentimento.

— Ou não — William disse, amargo. Em seguida, virou-se para Lisie, que mordiscava seu pedaço de carne. — Melhor tratarmos de assuntos mais agradáveis. — Sorriu para a noiva. — Você poderá escolher tudo de seu agrado, milady. Colocarei quantas criadas precisar e desejar para ajudá-la, desde os preparativos para o casamento à escolha de seu vestido, de roupas novas, o que necessitar e desejar.

Os olhos dela se arregalaram diante de tal promessa e, imediatamente, voltaram-se para Robert. O viu apertar sua taça com tanta força que, mesmo que tivesse percebido que ela se partiria, assustou-se quando o frágil vidro se estilhaçou entre os dedos dele, espalhando cacos e vinho sobre seu prato, sua mão e sua roupa.

Ele se ergueu abruptamente e sua camisa estava manchada de vermelho como se tivesse sido esfaqueado.

— Robert! — Lisie deixou escapar a exclamação e se ergueu, nervosa, mas ele apenas a encarou.

— Perdoem-me! Acho que a taça estava trincada — desculpou-se e se virou, saindo da mesa, seguido pelo criado.

Rapidamente, outra criada apareceu para limpar a mesa.

William tomou mais um pouco de seu vinho, observando atentamente a angústia de sua noiva, que parecia querer sair correndo atrás de Robert pelo corredor.

Quando percebeu que era observada, ficou vermelha e, ainda sem se sentar, apertou o espaldar da cadeira entre os dedos.

— Milorde, perdoe-me, mas preciso ver se lorde Robert se feriu com um pedaço de vidro — ela anunciou e sem esperar mais, saiu apressadamente pelo corredor.

O barão ergueu uma das sobrancelhas e entortou os lábios. Depois, virou-se para o velho médico, que continuava a comer lentamente.

— Muito bem, velho. Alguém vai me contar o que realmente está acontecendo aqui?

Jerome ergueu os ombros e, sem parar de comer, respondeu:

— Foi um dia bastante atípico, Will, acho que todos precisam de uma boa noite de sono. — Sorriu, fugindo do assunto.

Capítulo 17

Robert entrou em seu quarto seguido pelo criado, que se apressou em arrumar uma bacia com água para que ele se limpasse. A respiração de Robert estava acelerada, assim como seu coração.

Ouvir o irmão oferecendo a Lisie toda a atenção às suas necessidades, falar do casamento e ainda olhar para ela como se estivesse apreciando a história foram elementos demais para que ele conseguisse simplesmente disfarçar.

Tirou a túnica com raiva e a jogou para o lado. Havia um corte em sua mão, mas ele não sentia nada.

O criado pegou a roupa suja, então, alguém bateu à porta. O criado a abriu e Lisbeth surgiu, pálida e preocupada.

Sem cerimônias, ela entrou.

— Você se feriu? — ela perguntou, pegando na mão dele.

Ele a fitou e tocou em seu rosto com a outra mão.

— Não — respondeu e, segurando a mão dela, colocou-a sobre seu peito desnudo.

Lisie sentiu o coração dele, que batia forte e rapidamente.

— Will gostou de você... demais — ele falou baixo.

Ela ergueu o rosto e roçou seus lábios no queixo dele.

— Meu amor é todo seu — sussurrou.

Ele a puxou para si com avidez, tocando-a com sede e desespero. Beijou-a nos lábios, na face, no pescoço...

— Eu não vou conseguir, Lisie — ofegou e encostou a testa à dela.

— Temos de ir com calma. Se falarmos agora, talvez ele não aceite — ela disse e tocou no rosto dele.

— Ele já aceitou o casamento, é uma ordem do rei e ele gostou de você. Como vou dissuadi-lo?

— Quem sabe eu... — ela ia dizer que William havia perguntado o que ela achava, mas precisava conhecer um pouco mais o barão para saber se sua opinião era mesmo importante.

— Não! — Ele a beijou novamente.

Foi difícil para ela se afastar, mas não podiam correr o risco de serem surpreendidos por William.

— Devo voltar ao salão. Eu saí apressada... — Ela ajeitou os cabelos e o vestido.

— Eu irei em seguida.

Lisie assentiu e deixou o quarto. Quando chegou ao salão, o barão já tinha saído da mesa e estava de pé diante da lareira, observando, interessado, as chamas, enquanto bebia vinho.

— Milorde, perdoe-me... — Lisie se aproximou relutante, sabendo que demonstrara demais sua preocupação com Robert. — Eu vi que lorde Robert havia cortado a mão...

Ele se virou. Os olhos azuis estavam escurecidos.

— E cortou mesmo? — perguntou e deu um passo na direção dela, olhando atentamente para seus lábios, que estavam deliciosamente inchados e vermelhos como se tivessem acabado de ser beijados com voracidade.

Lisie percebeu que o barão olhava para sua boca e, automaticamente, levou os dedos aos lábios.

— Si... sim... Um pouco... — respondeu, insegura, e viu que ele se aproximou ainda mais, inclinando-se em sua direção. — Mas ficará bem. — Ela engoliu com força antes dele tocar seus lábios com as pontas dos dedos.

— Eu realmente não esperava que minha noiva fosse tão... — Ele passou o dedo pelo contorno do rosto dela e viu um rubor colorir suavemente a pele macia e destacar as pequenas sardas — Linda!

Lisie sentiu estremecer e se afastou.

— Will... — A voz tensa de Robert os fez se virarem. — Precisamos conversar.

William baixou a mão e suspirou, exasperado.

— Rob, estou cansado. Melhor falarmos amanhã. — Olhou para a mão do irmão, onde um pedaço de linho estava precariamente enrolado no corte, mostrando que ele quis voltar rápido demais para o salão. Pegou na mão de Lisbeth e a beijou lentamente, aspirando seu perfume. — Milady, terei lindos sonhos essa noite, graças a você. — Deu um sorriso, depois se virou para o irmão. — Amanhã! — E saiu do salão.

Lisbeth sentia as pernas tremerem. Robert respirou fundo e passou a mão pelo cabelo. Queria dizer muitas coisas, mas andava sobre um terreno extremamente perigoso. William era um soldado experiente e certamente já estava desconfiando de algo, mas iria estudar o terreno primeiro. Entretanto, seu irmão tinha a fama de ser absolutamente imbatível em campo.



Nina adormeceu sem que visse Lisbeth se deitar. A jovem ficou andando pelo quarto, aflita. Deirdre levou chá, ajudou-a a tomar um banho com água quente e algumas ervas, mas nada havia feito Lisie relaxar. Quando os sons da manhã despertaram a velha ama, ela se deparou com a jovem lady pálida e com olhos

fundos.

—Lisie... — Nina pegou nas mãos dela. Estavam geladas. — Está sentindo algo?

Medo, Lisie pensou, mas não respondeu, apenas negou com a cabeça.

Durante toda a noite ficou imaginando o que poderia acontecer quando William soubesse a verdade. O que aconteceria a Robert? Ela o amava e o que a velha Mirza dissera ficou ecoando em sua cabeça o tempo todo: “*Um homem poderá perder a cabeça por sua causa*”.



Quando Robert se levantou, foi informado pelos criados de que William tinha saído com Jack pouco antes de o sol nascer.

Será que o irmão também não havia dormido? Porque ele não conseguiu fechar os olhos por um minuto sequer.

Imagens do irmão olhando para Lisie provocavam sentimentos conflitantes. Não desejava que William quisesse aquele casamento, mas, certamente, Lisie seria muito bem tratada por ele e poderia ser feliz. Mas ele a queria feliz ao seu lado!

Lutou consigo mesmo para não ir ao quarto dela, porque temia que o irmão, desconfiado, estivesse de olho nele.

Deirdre estava no salão quando ele foi servido de pão e lhe contou que Lisie estava aflita e que não havia dormido, o que só o deixou ainda mais nervoso. Saiu para a estufa, porque precisava se acalmar para falar com o irmão.



— Foi isso, milorde — enquanto cavalgavam até a pequena vila, Jack terminou de contar, a pedido de William, como foi o primeiro encontro de todos eles com lady Lisbeth e como o velho barão havia reagido ao anúncio.

— Aquele velho maldito — William resmungou, irritado.

— Que tem mais duas filhas, que são idênticas e mais parecem esculturas feitas de mármore branco — Jack falou com ironia.

— Lady Lisbeth é muito diferente. Disseram que a mãe dela era escocesa, mas eu não imaginava... — Suspirou, apertando as rédeas nas mãos. — E meu irmão também não. — Suas desconfianças só aumentavam, porque conhecia muito bem seu irmão.

— Robert quase pulou no belo pescoço da jovem esposa do barão. — Jack riu baixo. — E pagou moedas extras para trazer a ama velha da lady, depois que ela pediu, com lágrimas nos olhos.

— E como vocês não perceberam que ela estava ferida? — perguntou, sério.

— Porque ela foi corajosa, William, lutou com a dor e a infecção como um

guerreiro, até onde conseguiu — e aquilo era a mais pura verdade.

— Perfeita para mim, não acha? — perguntou, desconfiado, e observou com o canto do olho o velho soldado se ajeitar, desconfortavelmente, na sela. — Ou é perfeita para meu irmão? — indagou diretamente e viu Jack respirar fundo, incomodado.

— Isso não me compete avaliar — Jack tentou se desviar do questionamento. Havia imaginado que seria interrogado e devia lealdade ao Barão Davon, não poderia mentir e William sabia.

— Robert está apaixonado por ela, Jack, e nem consegue disfarçar — William comentou porque conhecia muito bem o irmão, mas precisava conhecer melhor sua noiva.

Jack nada disse, porque Robert realmente não conseguia disfarçar o que sentia por Lisbeth.

— Ele não queria me deixar sozinho com ela. Ficou tenso o tempo todo que ela esteve ao meu lado ou quando a toquei.

— Ela é uma mulher adorável, William — Jack tentou contemporizar. — Cheia de energia. Trouxe vida para a casa, o que não existia por aqui desde que sua mãe partiu.

— Percebi.

— Todos a adoram, porque ela tem um sorriso doce e está acostumada a conviver com criados. Ela os trata com carinho — e tudo era verdade.

— E também trata meu irmão com carinho? — William pensava em como ela saiu correndo atrás de Robert, depois que ele fez um corte insignificante na mão ao quebrar a taça.

— Sim.

— Por isso ele deixou que o boato da morte dela se espalhasse, para tê-la só para si. — O barão arqueou as sobrancelhas.

— Não, William. Ele não sabia dos boatos. Eu descobri quando tentei alcançá-lo para levar a notícia de que ela talvez não sobrevivesse, porque era o que todos pensávamos que iria acontecer. Ela passou cinco dias desacordada.

— O homem que causou isto será punido.

— Ele nos interceptou quando saíamos das terras do Barão D'Tanis, disse a ela que a amava e ofereceu uma fuga. — Jack balançou a cabeça. — Mas é apenas um garoto camponês idiota.

— E que quase a matou — William completou.

— Só descobrimos o ferimento depois.

— Eu vou me casar com ela, Jack, como o rei quer. E ainda terei de explicar os boatos. Você sabe como Eduardo odeia boatos e é capaz do maldito Phillips ainda pedir alguma reparação. Aquela cobra não perde uma oportunidade de

abocanhar moedas.

— E se ela estivesse mesmo morta? O que seria feito? — Jack perguntou, lembrando-se do que Robert dissera.

— As coisas se complicariam, porque ela estava sob minha responsabilidade. O rei exigiria um novo casamento, mais dote, um pedido de perdão ao pai dela...

Jack cuspiu com raiva.

— Aquele velho não merece nada.

— Mas ainda assim é o pai dela.

Capítulo 18

Robert havia quebrado alguns vasos, não conseguiu se concentrar em nada até que Lisbeth aparecesse na estufa em companhia de Deirdre. Ela estava muito abatida e ele a tomou nos braços, aconchegando-a, beijando-a.

— Robert... — ela falou com a voz baixa e quebradiça.

— Eu vou conversar com ele, meu amor. Vou lutar por você — ele disse, segurando no rosto dela e ela balançou a cabeça negativamente.

— Não! Não quero vocês se desentendendo por mim. Não quero que lute. Que arrisque sua vida. Não posso! Simplesmente, não posso carregar isso! Eu o amo mais do que conseguiria expressar e por isso... — ela suspirou, tentando manter o controle de suas emoções, embora houvesse um turbilhão agitando-se em seu interior — eu devo seguir com o que o rei espera que façamos.

Precisara reunir toda sua coragem para ir até a estufa e falar com Robert. Quase desistira de tudo quando entrou e o viu tão devastado, parado, com as mãos apoiadas na mesa de trabalho, olhando para a madeira como se buscasse nela uma resposta que ambos sabiam não existir.

Ela não seria a responsável pela fúria do rei contra Robert. As palavras da velha Mirza pareciam farpas em sua cabeça.

Robert ficou paralisado por um momento, como se não tivesse entendido o que ela havia dito. Como se aquelas palavras se recusassem a entrar em sua mente e em seu coração. Depois, sentiu o impacto do que ela disse, como se uma espada tivesse cortado seu corpo. Ele segurou nos braços dela e suas mãos tremiam. Havia dor nos olhos dela, mas também havia aquela determinação que ele passou a conhecer e admirar.

— Você me perguntou o que eu queria e minha resposta é que não quero que seja condenado ou visto como um traidor. Por isso, vou aceitar meu destino.

Ela tocou no rosto dele e sentiu quando ele baixou as mãos, largando seus braços. Os olhos azul-escuros estavam marejados e a derrota cruzou seus traços tão belos.

— Vai se casar com ele — sua voz saiu baixa e ele se virou de costas para ela, os ombros rijos, fazendo os músculos saltarem.

A dor era muito grande, mas, afinal, não era aquilo que precisavam fazer desde o início?

Não! Ele iria lutar, mas não queria que ela se sentisse mais culpada do que já se sentia. Queria o amor dela, sem nenhuma amarra ou culpa. Mas, para isso, primeiro ele tinha de lutar.

— Robert... — Ela tocou nas costas dele e o sentiu duro como uma pedra.

O coração dela estava em pedaços e um bolo cresceu em seu estômago. Ela o feriu na tentativa de preservá-lo. Tudo aquilo parecia terrível demais.

— O barão deve voltar logo. É melhor que esteja aquecida na casa, milady — ele falou com a voz seca, sem se virar para ela. — Deirdre, leve lady Lisbeth de volta.

— Robert... — Lisbeth tentou tocá-lo, mas ele se afastou em direção à adega sem olhar para trás. Porque se olhasse, iria tomá-la nos braços e, talvez, propor uma fuga. Mas não podia expô-la a mais perigos.

Deirdre pegou no braço dela delicadamente.

— Vamos, milady.

— Oh, Deirdre! Como fazer que ele entenda que o amo mais do que minha própria vida?

— Ele sabe, milady. Por isso dói tanto, porque ele sente o mesmo — Deirdre respondeu, levando Lisie para fora da estufa.



— Você queria falar comigo — William, sentado à mesa no salão, observava o irmão e reparava que sua expressão havia mudado para uma mistura de tristeza e ferocidade. — Resolvi ver como andam as coisas com a administração das terras e Noah me tranquilizou. Ele enviará o vinho para o rei. Está tudo muito bem organizado para enfrentarem o inverno. Você se saiu bem aqui — declarou e notou que Robert parecia não ouvi-lo. — A neve não deve voltar e logo os caminhos estarão completamente liberados, então devemos partir para Davon...

Os olhos azul-escuros de Robert se ergueram para ele, densos, perigosos como William vira apenas uma vez antes. Aquilo o deixou intrigado, como se estivesse diante de um novo campo de batalha.

— Organize os homens para nossa partida. Seria bom que Deirdre acompanhasse Lisbeth, porque me parece que a ama dela está bastante adoentada e talvez não suporte a estrada — A cada palavra que dizia, via o queixo do irmão se contrair e suas mãos se apertarem com força. — Lisbeth não vai se juntar a nós para a refeição? — perguntou por fim, estranhando a ausência de sua noiva. Alguma coisa havia acontecido enquanto ele esteve na vila, com certeza.

Robert não respondeu a nenhuma pergunta. Ergueu-se, rígido.

— Vou organizar o que pediu, milorde — falou e saiu do salão.

William ficou atônito e também se levantou.

Desconfiado, foi até o quarto de Lisbeth. Bateu. Logo em seguida, uma preocupada Deirdre abria a porta, fazendo uma expressão de surpresa ao vê-lo. Inclinou-se.

— Milorde...

— Lady Lisbeth não apareceu para a refeição. Ela está bem? — Olhou para dentro do quarto, mas não conseguiu vê-la porque a cama que fora de sua mãe estava com as cortinas abaixadas, escondendo sua noiva.

— Milorde, lady Lisbeth não passou muito bem e não conseguiu comer, então dei a droga que Jerome deixou para quando ela tivesse alguma dor... — a jovem ama explicou, apertando as mãos com força.

— Onde está Jerome? — William perguntou, preocupado.

— Teve que ir fazer um parto.

O barão se virou, tendo apenas uma certeza: precisava falar com o irmão, quer Robert quisesse ou não.



Robert dirigira sua raiva, dor e frustração para a tarefa de escovar seu cavalo, depois de dar ordens aos seus soldados para se prepararem para partir. Jack havia se aproximado, relutante.

— Robert, é uma ordem do rei. Não adianta lutar — havia dito, sentindo pena do irmão mais jovem de William, que descobrira o amor de uma maneira bastante dolorosa.

— Você contou tudo a ele, não contou? — Robert passou a escova em seu cavalo e o olhou, amargo.

— Não. Há coisas que não sou eu quem deve contar. Mas, saiba que, apesar de tudo, eu desejava vê-lo feliz com lady Lisbeth— Jack disse, deu um tampinha em seu ombro e saiu para organizar os homens.

Agora, Robert estava sozinho com seu cavalo e pensava no momento em que vira Lisbeth pela primeira vez no meio da tempestade, toda suja de lama, fitando-o, determinada. Ele a amou desde aquele momento e a amaria até depois de morrer.

— Seu comportamento foi igual ao de um garoto de dez anos. — A voz firme e áspera do irmão o fez se virar. — Lembro-me de uma vez quando nosso pai mandou você bater no criado que rasgou sua túnica e você o olhou com o mesmo ódio com que me olhou agora a pouco. Eu gostaria de entender o porquê. — Parou ao lado do irmão.

William era o mais alto dos dois e mais largo, mas Robert era grande e forte, talhado nos campos de treinamento de Davon, embora sempre deixasse claro que não era do que gostava.

Como Robert nada disse, William o empurrou pelo ombro, obrigando-o a se afastar do cavalo.

— Diga o que quer dizer, Rob! — demandou, irritado.

Robert jogou a escova dentro do balde e o encarou.

— Eu a amo! É isso.

Embora William tivesse desconfiado daquilo e Jack tivesse confirmado sem entrar em detalhes, a afirmação o surpreendeu. Ele cruzou os braços e encarou o irmão.

Robert sabia que havia entrado em uma estrada sem volta, ao declarar seu amor pela noiva do irmão, mas tinha de falar, senão iria explodir.

— Eu amo Lisbeth como nunca amei ninguém nem nada em minha vida. Amei-a antes de saber que era a filha do barão ou sua noiva. Amei-a quando a vi fugindo suja de lama, caindo e se erguendo, deixando para trás um covarde em quem ela havia batido porque se atreveu a tocá-la indevidamente. Eu a amei quando vi sua determinação em partir para um casamento sem sequer olhar para trás, para a família que a maltratava. Eu a amei quando ela sorriu... Eu a amo de todas as formas. Amo tudo que há nela e jamais poderei amar outra mulher assim. Não gostaria de amá-la tanto, mesmo quando ela me disse que iria mesmo se casar, porque não queria me prejudicar de alguma forma... — desabafou de maneira tão apaixonada que sua voz tremeu.

Que o irmão o achasse fraco e idiota, mas era aquilo que realmente sentia.

William ouviu aquela declaração sentindo algo se apertar dentro dele. Por um momento, desejou sentir tudo aquilo, com toda aquela intensidade, por uma mulher.

— Mas, não se preocupe, ela se casará com você. Mas garanto que estarei sempre por perto, porque se não a fizer feliz, Will, se você não a tratar com todo amor e respeito, esqueço-me de tudo e a levo embora. — Seu tom era ameaçador e viu o irmão arquear as sobrancelhas.

— E por que não a trataria? Você acredita, como todas as outras pessoas, que eu possa fazer com ela o que nosso pai fez à nossa mãe? — A voz dele se elevou.

Robert encarou o irmão e viu a dor passar pelo seu rosto. William tinha a fama. Muitos o comparavam ao pai e ele deixava que falassem, mas Robert nunca acreditou realmente.

— Você dormiu com a minha noiva — a afirmação surgiu na forma de uma constatação. — Você me traiu! Eu confiei a você a segurança e guarda de minha futura esposa, porque era a única pessoa a quem poderia confiar essa missão. E o que você fez? Levou-a para sua cama! E agora eu terei de me casar com uma mulher que não traz a virtude para o casamento?! Que já chega usada? Uma... — Ele não terminou a frase, pois um soco potente o acertou no rosto, fazendo-o recuar alguns passos.

Robert ouviu o que William dizia, sentindo o sangue subir pelo corpo e pulsar junto ao seu pescoço. Não o deixaria falar de Lisbeth daquela maneira. A mão

havia formigado segundos antes de socar o rosto do irmão.

Desde que era um garoto não batia em William. Ele era mais novo e o irmão sempre foi um soldado, mais forte.

William cuspiu o sangue que havia enchido sua boca e revidou. Seu soco acertou Robert no rosto também e abriu o supercílio, que sangrou.

Jack entrou correndo no estábulo e viu que os dois irmãos se preparavam para uma luta e se encaravam com sangue no rosto.

— Ei! — O velho soldado se colocou entre eles, apartando-os.

William passou a mão pelo lábio que sangrava e viu o sangue que descia em profusão da testa do irmão.

Robert o encarava com os punhos fechados.

— Ela me escolheu. Por isso você está com raiva? — William deu um sorriso sarcástico e Jack teve de segurar Robert pelo peito. — Talvez ela espere alguém melhor na cama. Mas, afinal, ela nunca foi sua mesmo, Rob. É minha noiva e será minha mulher muito em breve. Enquanto você, como meu soldado, será punido por ter me atacado e me traído. — Olhou para Jack e os outros soldados que apareceram quando ouviram a briga. — Quero ele preso, até eu decidir o que fazer!

— Milorde... — Jack balbuciou, surpreso. Prender Robert, o próprio irmão? E em suas terras?

Mas, afinal, ele cometera uma traição.

Robert ouviu aquilo com raiva. Já esperava uma retaliação por parte do irmão, mas também estava pronto para não abrir mão de Lisbeth qualquer que fosse o preço a pagar.

O sangue escorria de sua testa e pingava sobre seus cílios, descendo até o queixo. Jack o empurrou para trás, enquanto via William deixar o estábulo, furioso.

— Will! — chamou pelo irmão, enquanto era cercado pelos soldados.

William parou, respirou fundo e se virou.

— Faça o que quiser comigo, mas não ouse ofender ou ferir Lisbeth de qualquer maneira que seja...

— Senão...? — O irmão o encarou, esperando que completasse a ameaça.

— Senão, não existirão grilhões que me manterão preso — Robert respondeu com ferocidade.

O barão o encarou por um momento, virou-se e saiu do estábulo.

Jack olhou para Robert, penalizado e com censura.

— Robert, não havia outra maneira de dialogar com seu irmão? — questionou, enquanto dois soldados prendiam Robert, que não ofereceu resistência.

— Ele não é um soldado? Acho que essa foi a melhor maneira — Robert falou e foi levado para fora do estábulo.

Disse a verdade quando afirmou que ninguém o manteria preso se algo fosse feito a Lisbeth.

Capítulo 19

Lisie despertou enjoada e sua cabeça pesava uma tonelada. Nina estava sentada perto da janela e olhava preocupada para fora.

— Nina... — Ela se sentou e a velha ama se levantou lentamente e foi até ela.

— Lisie, está se sentindo bem? — Nina se sentou ao seu lado e lhe entregou uma taça de água. — Precisa comer alguma coisa. Deirdre foi providenciar — e a jovem ama já deveria ter retornado.

— Não vou conseguir comer, Nina. Há um bolo aqui. — Apertou o estômago.

— Ah, vai comer sim! Ou quer ficar doente novamente? — Nina falou, severa.

— Nina, eu disse a Robert que vou me casar com o barão, mas não sei como fazê-lo entender que é porque não quero que ele seja acusado de algo, que seja punido de alguma forma — confessou, aflita.

Nina pegou em suas mãos e alisou seus cabelos.

— A felicidade é como o gelo no lago — disse e suspirou.

Havia desejado tanto que Lisie, finalmente, encontrasse a felicidade. Havia encontrado o amor, mas nem sempre amor e felicidade caminhavam juntos.

Deirdre bateu à porta e entrou. Estava pálida e carregava uma cuia com caldo fumegante, que tremia em suas mãos. Ela tentou disfarçar e sorriu.

— Milady, está se sentindo melhor? — indagou, colocando a cuia no toucador, e acabou por derrubá-la.

Abaixou-se nervosa, pegando um pedaço de pano para limpar.

Lisie percebeu o nervosismo da jovem, o que não era muito normal, pois ela costumava ser bastante calma e contida.

— Deirdre...? O que aconteceu? — perguntou lentamente e seu coração apertou no peito, quando a jovem ama ergueu os olhos cheios de lágrimas em sua direção.

— Perdão, milady! Fui muito desastrada e...

Lisie olhou para Nina e saiu da cama, desconfiada. Deirdre tentava limpar a sujeira que fez e Lisie se abaixou ao lado dela, tocando em seu braço. A jovem desistiu de disfarçar e, sentando-se nos tornozelos, deixou as lágrimas descenderem.

— Meu Deus! O que houve? — Lisie perguntou trêmula, temendo o pior.

— Milady, eu não queria trazer mais preocupações, perdoe... — Passou a mão pelo rosto e esfregou os olhos.

— Se não me contar, sairei imediatamente para descobrir o que a deixou assim! — Lisie falou e se ergueu.

Deirdre se levantou nervosa e colocou-se entre ela e a porta.

— Milady... — Respirou profundamente.

— Fale logo, menina! — Nina exclamou, impaciente.

— Houve uma discussão, mas... — Deirdre começou e viu os lábios da lady empalidecerem. — Fique calma, milady! — pediu ao ver Lisie passar por ela em direção à porta. — Milady! — Olhou para Nina, que suspirou e balançou a cabeça.

Lisie não ouviu mais nada. Saiu para o corredor com o coração trotando como os cavalos. Na porta do quarto de Robert, dois soldados estavam em pé, armados. Apressou-se em sua direção e os dois se olharam, apreensivos.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou, aflita, e tentou passar por eles, mas um deles a pegou gentilmente pelo braço. — Robert! — ela gritou à porta do quarto.

— Milady, não pode entrar, sinto muito.

Robert ouviu a voz nervosa de Lisbeth do outro lado da porta, mas não podia sair, pois estava atado à trave da cama e um de seus soldados do lado de dentro da porta.

Seu irmão parecia ter levado a sério sua ameaça de não ficar preso, caso algo acontecesse a ela.

— Lisie, fique calma! — ele exclamou alto, mas não sabia se ela o tinha ouvido, pois continuava a discutir com os soldados à porta.

— Por quê? Por que não posso entrar? — perguntava com um temor crescendo em seu corpo.

— Ordens do barão.

— Do barão... — ela murmurou e, juntando as saias, virou-se apressada, passando por uma Deirdre muito nervosa que ainda tentou impedi-la.

No salão, encontrou Jack montando guarda junto à porta.

— Milady... — Ele deu um passo na direção dela.

— Onde ele está, Jack? — Sentia o sangue subir para seu rosto.

— Ele...? — Jack não sabia se ela perguntava por Robert ou William.

— O barão, onde ele está? — ela voltou a perguntar e seguiu para a porta antes que ele respondesse.

Lisie ignorou o chamado que vinha do salão e saiu para o vento frio. Estremeceu, mas foi em frente.

— Milady! — Jack a segurou pelo braço, impedindo-a de continuar. — Não está usando sua capa. Não pode sair assim no frio! — ele alertou, olhando para a jovem ama, que voltou correndo para dentro para buscar a capa.

— Jack... — Lisie tremia e as lágrimas cintilavam em seus olhos. Os lábios estavam pálidos e trêmulos. — O que houve...? — perguntou, sentindo as pernas

enfraquecerem.

Jack passou o braço pelos ombros dela e a ajudou a voltar para dentro. Deirdre surgiu correndo com a capa e a colocou sobre os ombros de Lisie.

— Milady... — Jack falou suavemente, tentando tranquilizá-la. — Há questões que...

Ela balançou a cabeça.

— Que discussão aconteceu? E por que não me deixaram falar com Robert? — perguntou, ofegante.

— Porque eu proibi. — William surgiu no salão, vindo da cozinha. Sua presença fez a pressão aumentar no ambiente. Ele olhou para as amas e para seu soldado. — Saiam!

— Milorde... — Nina falou baixo e recebeu em retorno um olhar de incontestável comando.

— Vou falar com minha noiva — ele disse secamente e ficou de pé no meio do salão, esperando ser obedecido. — Não quero que ninguém nos incomode, entenderam?

Os três saíram, deixando o casal parado no meio do salão.

— Sente-se, milady! Parece que vai desmaiar a qualquer momento — ele disse, indicando as cadeiras diante da grande lareira do salão.

— Estou bem assim. — Ela ergueu o queixo com teimosia e apertou as mãos que tremiam contra a capa.

William pegou o jarro de vinho, que estava sobre a mesa ao lado das cadeiras, encheu uma taça e a estendeu para a noiva.

— Beba, vai aquecê-la — falou encarando-a, com a taça diante de seu corpo.

Lisie reparou que havia uma marca roxa junto ao queixo de William e uma marca de sangue aparecia no canto dos lábios. William seguiu seu olhar e tocou na marca. Ela estendeu a mão que tremia muito e pegou a taça, sem deixar de encará-lo. Ele encheu outra taça e bebeu seu conteúdo de uma só vez, depois a encheu de novo. Lisie segurou a taça com as duas mãos e bebeu um pouco do delicioso vinho de Robert.

William se sentou em frente à lareira e estendeu as pernas diante do corpo. Bebeu mais vinho.

— Meu pai batia em minha mãe — ele começou a falar, fitando as chamas fortes da lareira que aquecia o ambiente. — Uma vez, ele a jogou da escada.

Lisie sentiu as pernas bambearem e, mesmo contra sua vontade, sentou-se e fitou o líquido rubro em sua taça.

— Robert é mais jovem. Eu havia partido para a guerra e foi ele quem teve de lidar com a situação, enfrentar nosso pai, defender nossa mãe... — Bebeu mais um pouco do vinho. — Uma doença a atingiu depois disso, mas Jerome disse

que não era nada em seu corpo, sim, em seu espírito. Robert a afastou de Davon e a trouxe para Sunset. — Olhou na direção da noiva e viu uma lágrima que descia pelo canto de seus olhos. — Eu não queria me casar, Lisbeth, mas o rei exigiu, porque ele acredita que sabe o que é melhor para cada um de seus súditos. — Deu um sorriso sem humor. — Robert é meu único irmão, o homem em que eu mais confiava para buscá-la.

— Milorde... — ela balbuciou, mas ele a interrompeu.

— Eu fui traído pela única pessoa com quem me importo — ele disse com amargura.

Lisie compreendeu que Robert havia confessado tudo e as lágrimas desceram pelo seu rosto. Ela bebeu um gole generoso de vinho antes de falar:

— Eu... sou a culpada de tudo... — disse baixinho e o viu encará-la. — Eu estava ferida por dentro e por fora. Descobri que fui vendida por ordem do rei e meu pai ficou muito feliz com isso. — Passou a mão trêmula, tentando secar as lágrimas. — Meu amigo de infância me atacou e, de repente, eu não tinha mais nada. Robert me defendeu de Anton, de meu pai, de minha madrastra, protegeu-me, salvou minha vida — suspirou. — Ele tentou se manter afastado, mas eu estava tão só... E comecei a conhecer Sunset, descobri a paixão dele pela terra, pelas mudas, pelas uvas, e me apaixonei por ele também. Eu pedi que... Ele estava tão preocupado, mas todos diziam que nunca o tinham visto tão feliz e eu achei... — Ela soluçou. — Ele não... — Olhou para Willian num apelo. — Milorde, eu imploro que não o puna ou permita que o rei o faça. Se quiser punir alguém, eu...

— Não machuco mulheres, milady, embora muitos digam que sim. — Ele se levantou irritado.

— Casar-me-ei com o senhor, se ainda quiser, mas peço duas coisas: se quiser me rejeitar por causa da... de... — Apertou os lábios. — Não me mande de volta ao meu pai. Aceitarei viver como uma criada, sair da Inglaterra, mas peço que não me mande de volta e... não afaste seu irmão, não perca a confiança nele, não o puna, não o deixe ser ferido, condenado. Eu imploro! — Ergueu os olhos para o homem grande que estava apoiado à lareira, enquanto olhava para as chamas. Queria saber se ele entendeu o que ela disse.

William ouviu tudo o que ela dizia e compreendeu porque o irmão estava tão apaixonado. Lisbeth também o amava e era tão passional quanto Robert. Tocou no ferimento do lábio. Ele jamais desejou ferir o irmão, mas o provocou e os dois acabaram feridos. Tinha certeza de que Lisbeth poderia ser uma boa esposa para ele, mas precisava saber se estava disposto a ser o causador de sua infelicidade, disposto a ver mais uma mulher melancólica pelos corredores de Davon.

William passou a mão pelos cabelos.

— Ele também está ferido? — ela perguntou.

— Nada com que não possa lidar — ele respondeu e respirou fundo. — Você sabe como minha mãe morreu? — perguntou, encarando-a.

— Sim, milorde, e lamento muito.

— Talvez possa compreender que Robert viu em você a oportunidade de salvar uma mulher infeliz, o que não conseguiu fazer com nossa mãe. Você lhe deu a oportunidade de se redimir. Entende que o que ele sente de verdade não é amor, mas um escape para a culpa, por ter falhado em salvar a vida de nossa mãe?

Ele sabia que estava sendo cruel, porque a declaração de amor que Robert fizera nada tinha a ver com culpa, mas uma paixão verdadeira, desejo sem qualquer centelha de culpa. Mas precisava dar aquele golpe.

William viu as lágrimas que desciam pelo rosto pálido de sua noiva, enquanto ela fitava o vinho dentro da taça. Sentiu-se mal com aquilo, mas não devia. Ele tinha sido traído por seu irmão e pela noiva.

— Eu compreendo, milorde — ela respondeu em voz baixa.

Lisbeth não acreditava no que William dizia, porque simplesmente conhecia Robert. Durante o tempo que passaram em Sunset, que compartilharam momentos e não só a cama, eles criaram um laço forte que não permitia que dúvidas como aquela os perturbassem. Ela sabia como ele se sentia sobre a morte da mãe, assim como sabia o que sentia por ela. Entretanto, se aquilo garantisse a segurança de Robert, ela deixaria o barão pensar que a afetava e diminuía seus sentimentos por Robert.

Lisie respirou fundo.

— Você mente mal, Lisbeth. — William a encarou com uma sobrancelha erguida.

— O rei não acreditaria em mim, milorde? — Ela ergueu o queixo, embora suas mãos tremessem.

— O rei... — ele suspirou. — Lisbeth, sou um barão, tenho responsabilidades, principalmente para com o rei. Os boatos de sua morte podem me causar dor de cabeça suficiente, mas é possível convencê-lo de que não há como controlar as línguas afoitas dos camponeses quando o assunto é a nobreza. — Fez uma careta. — Mas, como lidar com a verdade de que minha noiva entregou sua virtude para meu irmão? De que os dois me traíram? Como as pessoas por quem sou responsável passariam a me olhar? E você estaria morta de qualquer maneira, entende? E Robert seria considerado um traidor ou incompetente.

— Então, seria melhor minha morte, milorde. Pois dessa forma os boatos se provariam verdadeiros e eu não seria uma vergonha para o senhor ou Robert —

ela falou, voltando a olhar para sua taça. — Incompetência é melhor do que traição, não é?

William a observou por um momento. O que ela estava disposta a sacrificar pelo amor que sentia por Robert? Aquilo o afetou de uma maneira inesperada e um frio correu por sua espinha só de pensar em como Robert reagiria.

Quando a mãe se matou, Robert acreditou ser o responsável por não conseguir impedi-la. Ele não iria suportar se algo acontecesse a Lisbeth. Não depois de confessar todo o amor que sentia por ela. Iria preferir não viver mais, se o conhecia bem...

— Ele permanecerá preso e vigiado, enquanto decido o que fazer. E você também, milady, será vigiada para que não faça nenhuma besteira.

— Eu posso falar com ele, por um momento? — ela pediu, enxugando os olhos. — Por favor...

— Não — ele respondeu firme.

Se seu irmão e Lisbeth se encontrassem agora, Robert não sentiria sua punição, não pararia para pensar se tudo o que disse era real. Não ponderaria todas as possibilidades e consequências. Iria apenas se render aos encantos de Lisbeth e às suas lágrimas.

Lisie ouviu seu pedido negado e arregalou os olhos. Levantou-se, enquanto William chamava o criado e Jack. Seus ouvidos zumbiam e ela se apoiou à cadeira para não cair. Respirou fundo.

— Então, sou uma prisioneira aqui? Até que me julgue, milorde? Que decida meu destino? — Estremeceu.

— Não, milady. Só será acompanhada por Jack, onde quer que vá — William falou sério e olhou para o velho soldado que voltou ao salão. — E, sim. Até que eu decida seu destino e o de meu irmão. Jack, acompanhe a lady e que ela não saia sozinha ou seja deixada sozinha — ordenou e saiu do salão.

Jack suspirou e balançou a cabeça, olhando para a jovem perplexa diante da lareira. Ela apertava os lábios com força, enquanto a taça tremia em suas mãos.

— Milady, deixe o barão pensar. Acredito que ele fará o que é certo. Ele é justo, apenas está... — disse, balançando a cabeça — decepcionado, eu acho.

William caminhou até o lago e entrou na casa de sua mãe. Precisava se afastar para pensar. De lá, olhou para o lugar onde sua mãe morreu afogada. Observou as coisas dela, preservadas em seus baús, os móveis e a decoração do pequeno cômodo. Sentou-se e apertou as mãos sobre a mesa.

Não precisava nem pensar para saber o que sua mãe diria, mas ele precisava encontrar uma maneira...

Capítulo 20

Robert foi liberado dos grilhões, mas estava trancado em seu quarto e muito bem vigiado por quatro soldados. O criado lhe trazia as refeições e ele perguntava por Lisbeth. O rapaz dizia apenas que ela pouco saía do quarto e que Jack era seu guarda. O barão esteve fora da mansão nos últimos dois dias, mas quem quer que soubesse o que ele tinha ido fazer, não lhe dizia nada.

Jerome apareceu naquele dia e cuidava de seu supercílio aberto. O velho médico parecia um tanto abatido e sua expressão, sempre serena, estava tensa.

— Como ela está? — Robert perguntou, enquanto o médico examinava o ferimento.

Jerome demorou um pouco para responder, o que o deixou ainda mais angustiado.

— Triste — foi a resposta direta do médico, que atingiu Robert como um soco. — Jack e outros dois soldados a vigiam, e ela não quer comer — concluiu com o cenho franzido de preocupação.

Robert se ergueu abruptamente.

— Não está comendo? — Olhou nervosamente para a porta. — Eu preciso falar com ela, Jerome! — exclamou, agitado, e os dois soldados que estavam do lado de dentro da porta se olharam, imaginando que teriam de controlar o lorde para que não saísse.

— William acredita que o que vocês sentem vai passar, assim que ficarem longe um do outro e perceberem que... — o médico suspirou, porque o barão não poderia estar mais errado em suas suposições sobre a intensidade do amor que Lisbeth e Robert compartilhavam. Ele viu nascer aquele amor, como um vinho que é cuidado com carinho e vai ficando maduro, saboroso. Fazia três meses que Lisbeth chegara a Sunset e, desde então, a ligação dela com Robert e com aquelas terras só aumentou. — Tente compreendê-lo, Robert.

— Compreendê-lo? — Robert retrucou atônito e se viu puxado para baixo pelo médico, para terminar o curativo.

— Ele nunca amou e, assim como você, sempre achou que um Davon não nasceu para ser feliz no casamento. E eu compreendo! Afinal, seu pai teve bastante trabalho para lhes passar essa lição. Ele acredita que você irá recuperar a razão e enxergar que casamentos acontecem porque precisam acontecer, porque são negociações importantes e não porque duas pessoas precisem ficar juntas apenas por ficarem. Enquanto isso, lady Lisbeth mandou lhe entregar uma mensagem — disse devagar e os olhos do rapaz o fitaram com ansiedade. —

Que você aceite sem lutar, porque ela ficou desesperada quando soube que havia brigado e não pôde ver se estava muito ferido. Pediu para dizer-lhe que isso quase a matou. “*Diga a ele, Jerome*”, ela insistiu. “*Que meu amor será sempre dele, mesmo que eu seja esposa do barão.*” E disse que ficará melhor se souber que você está bem.

— Jerome... — Robert o segurou pelos ombros, encarando-o com medo e ansiedade. Depois, olhou para os soldados. Não podia falar o que precisava com aqueles dois ali. Certamente, iriam reportar tudo a William. Fechou os olhos por um momento e respirou fundo. — Diga a ela que eu jamais deixarei de amá-la e que mesmo que ela se case com meu irmão, eu estarei por perto para garantir que fique bem. E que, por favor, alimente-se.

O médico bateu no ombro largo do rapaz e assentiu. Não iria contar a Robert que Lisie desmaiou duas vezes naqueles dias e que estava muito abatida. Ela não comia quase nada e quando o fazia, vomitava. Nina já estava ficando desesperada e ele não sabia o que fazer. Uma tristeza o ameaçava, porque tinha visto lady Elene definhar, vítima de uma doença que não era do corpo. Ele não soube como tratá-la...

— Robert, diga ao seu irmão o que ele quer ouvir e quem sabe conseguimos ajudar a todos — Jerome falou antes de sair.

Assim que o médico saiu, Robert esbravejou e chutou com força a bacia com água contra a parede. Queria fugir com Lisbeth, mas, cercados como estavam, nem conseguiam se falar sem ter vários soldados interceptando as mensagens.



— Lisie... — Nina segurou em seu pulso, preocupada com o abatimento da jovem. — Tente comer, minha querida, só um pouquinho — disse, segurando a cuia com o caldo reforçado que Jerome mandou preparar. — Venha, sente-se perto da janela e tome um pouco de sol — falou, pegando-a pela mão. Sua palidez estava assustadora. — Deirdre, ajude-me aqui — chamou a jovem ama, que estava com os linhos nos braços e os olhos pesados.

Deirdre largou os panos e correu para ajudar Lisie a se colocar de pé. Estava com medo. Das últimas vezes em que Lisie tentou se erguer, perdeu os sentidos.

Com muito cuidado, as duas a ajudaram a se levantar e ela oscilou nas pernas por um momento. Lentamente, ela foi até a cadeira junto à janela e se sentou. O dia estava bonito, a neve não voltou a cair e ela estava morrendo, ao menos era assim que se sentia.

— Nina... — Sua voz saiu fraca e ela estendeu a mão. — Deixe-me tentar o caldo.

— Só um pouquinho, sim? Para não se sentir mal.

Alguém bateu à porta e Deirdre a abriu, deixando o médico passar.

— Milady, que bom que saiu da cama — ele falou, aproximando-se e se sentou num banquinho diante dela. — E que vai comer.

Ele a observou tomar um pouco do caldo e desistir logo em seguida.

— Você o viu? — ela perguntou.

— Sim, milady. Dei seu recado e ele mandou dizer que a ama, mesmo que decida se casar com o barão; que vai ficar por perto. E implorou para que se alimente. Ficou muito preocupado quando eu disse que não estava comendo.

— Não devia ter dito isso...

— Acredito que como hoje conseguiu se levantar um pouco, seja bom irmos até o jardim para que tome um pouco de sol e ar fresco — ele falou e viu a aprovação no rosto de Nina. — A primavera não demora a chegar e logo tudo estará colorido. Mas, mesmo com o fim do inverno, continua sendo um belo lugar.

— Quem está cuidando da estufa? — ela perguntou, imaginando aquele lugar sem os cuidados de Robert.

— Noah mandou uma pessoa, não se preocupe, milady.

— E o barão?

— Ainda não retornou — Jerome a observou atentamente e segurou em seu pulso com uma expressão séria.

— O que... foi? — ela perguntou, encostando a cabeça no espaldar da cadeira.

— Milady, a senhora já sangrou nessa lua? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não...

— Milady, permite-me examiná-la sem o vestido? Apenas com a túnica? — o médico indagou.

— Senhor Jerome! — Nina exclamou, horrorizada.

— A senhora sangrou na outra lua? — o médico perguntou cada vez mais curioso e uma linha de esperança se acendeu nele.

Lisie pensou e se deu conta de que nem se lembrou daquilo, pois tinha passado por grandes tensões desde que deixou a casa de seu pai. Negou com a cabeça. Uma fraqueza correu pelo seu corpo. Não conseguia pensar direito. Talvez não houvesse mais sangue em seu corpo. Por isso sentia-se tão fria.

— Venha, milady, deixe-me examiná-la.



William passou pelos estábulos. Estava cansado. Preferia lutar mil batalhas a enfrentar aquele problema com o irmão e a noiva.

Jack apareceu antes que ele entrasse na mansão e contou que lady Lisbeth estava doente.

— O que ela tem? — ele perguntou, preocupado.

— Não come, quase não sai da cama...

— E Robert?

— Furioso, quebrando tudo e disposto a lutar com quantos homens você colocar para impedi-lo de ir até lady Lisbeth.

William parou e respirou fundo.

— Jack, lembre-se de nunca me deixar cair numa armadilha dessas.

Jack viu o outro cavalo que carregava um homem pequeno, coberto por uma pesada capa. O cavaleiro o ajudou a apear. O homem gemeu, massageando a base das costas. Ele baixou o capuz e o velho soldado se surpreendeu ao ver um padre.

William chamou Jack, pois havia coisas que ele precisava fazer.



Jerome estava sentado na cama, ao lado de Lisbeth e via a jovem acariciar o ventre com grande ternura. Ele deveria ter desconfiado antes, assim saberia como tratar aquela indisposição terrível que ela vinha sofrendo. Via as lágrimas que desciam pelo rosto pálido, mas um sorriso havia se desenhado em seus lábios, como se aquela luz que tinha se apagado, reascendesse e iluminasse o rosto abatido e belo da jovem.

— Eu não... eu não imaginava... — ela falou, emocionada.

Andrea sempre dissera que ela envergonharia a família, que engravidaria de um camponês e que seu destino era ser uma pária. Mas, agora, ao saber que estava esperando um filho de Robert, a alegria que sentia era tão grande que parecia não caber em seu peito. Não importava o tipo de vida que levaria, o que diriam de sua reputação, só importava que seu bebê seria muito amado.

— Milady, será uma bela criança! — Deirdre falou sorrindo, emocionada.

Nina sentia-se feliz por Lisbeth, mas havia um temor em seu coração. A mãe da jovem morrera ao dar à luz e aquela fraqueza que se abateu sobre Lisie não era algo normal. Entretanto, não disse nada. Iria perguntar sobre os riscos a Jerome, quando não estivessem com Lisie.

— Acho que vou tentar comer um pouco mais... — Lisie declarou, respirando fundo. Pelo seu bebê, ela iria se esforçar.

Alguém bateu à porta. Deirdre a abriu e Lisie ouviu a voz de William, que perguntava por ela. Jerome virou-se para a porta, pronto para falar sobre a doença dela e Lisie o segurou pela mão.

— Quero que Robert saiba primeiro — disse baixo e o médico apenas assentiu.

Jerome saiu para falar com o barão e Lisie olhou para as duas amas em seu

quarto.

— O barão é um bom homem, milady — Deirdre falou simplesmente.



Robert não conseguia ficar sentado. Era um animal enjaulado, enquanto sua mulher não estava bem. Tentava não piorar as coisas, evitando lutar com os soldados em seu quarto, mesmo porque os conhecia e não desejava feri-los. Mas a cada momento que passava sem notícias, sentia-se mais inclinado a bater em todos eles.

A porta abriu e William entrou. Mandou os soldados saírem e fechou a porta. Estava com a barba por fazer, olheiras escuras e a roupa suja de pó da estrada. Andou pelo quarto e se apoiou à lareira. Observou o ferimento no rosto do irmão e a raiva que cintilava em seus olhos.

— Eu sou o barão e sou leal ao rei — esfregou o rosto, cansado. — Eduardo confia em mim! Você e minha noiva me colocaram numa situação bastante complicada, para dizer o mínimo! Tentei buscar soluções, traçar alguma estratégia. Lisbeth me disse uma coisa que me fez pensar em algumas possibilidades, embora nenhuma exatamente boa.

William entortou os lábios.

— Will... — Robert queria dizer que não havia pretendido se apaixonar por Lisie, nem trair seu irmão que lhe confiou aquela missão, mas não conseguiria viver sem ela.

William o interrompeu com um gesto.

— O que você estaria disposto a fazer, Rob? O quanto ela vale para você?

As perguntas surpreenderam Robert, mas as respostas eram claras como a água da fonte.

— Qualquer coisa! Inclusive minha vida, se isso evitar que ela sofra alguma consequência — respondeu, seguro. — Pode me entregar ao rei se quiser, fazer-me pagar pela traição, mas tem de me prometer que não deixará que Lisie pague por isso, que sofra de alguma forma. E prometa que a fará feliz. Deixe-a vivendo aqui em Sunset se ela desejar, tudo o que é meu será dela.

William o olhou sério, porque o irmão novamente declarava todo o amor que sentia por Lisbeth.

— Quando você me olhou como olhava para nosso pai, eu soube disso, embora não consiga compreender — William suspirou. — Ouça o que vou lhe dizer...

Capítulo 21

Lisie se banhou e, embora sentisse uma fraqueza extrema, forçou-se a terminar de comer, lutando contra os enjoos. Jerome lhe deu um novo remédio, um chá feito com folhas de framboesas, afirmando que era para que ela e o bebê se fortalecessem.

A felicidade de descobrir que esperava um filho de Robert só não era maior por conta de sua preocupação com a situação em que se encontravam. Robert e William brigaram. Robert estava preso em seu próprio quarto e não podiam se ver, nem para que ela lhe contasse que esperava um filho.

Deirdre disse que o barão havia ordenado aos seus soldados que ficassem prontos para partir e Lisie imaginava que sua hora de deixar Sunset estava mais próxima do que desejava.

O que o barão faria quando soubesse de sua gravidez?

O que Robert faria?

— Milady, talvez aquele pequeno passeio ao sol lhe faça bem — Deirdre sugeriu, esperançosa, enquanto penteava os cabelos vermelhos dela. Pela primeira vez em dias via a lady comer e não vomitar tudo em seguida.

— Sim, acho que vou sair um pouco — Lisie lhe dirigiu um sorriso pálido e pegou em sua mão. Talvez encontrasse o barão e se pedisse novamente para ver Robert, talvez ele permitisse. — Obrigada, Deirdre! — Olhou para Nina que estava sentada ao lado da cama. — Você e Nina são meus anjos!

Ainda estava frio, mas não nevava mais e o céu estava límpido. Assim que respirou o ar do meio da manhã, Lisie se sentiu melhor. O sol pálido tocou em sua pele agradavelmente. Deirdre e ela se sentaram em um dos bancos do jardim. Ficaram em silêncio, apenas desfrutando os sons do campo.

Lisie fechou os olhos por um momento e pensou em sua mãe. Como ela teria se sentido quando soube que estava grávida? Teria visto seu rosto assim que nasceu? Teria sorrido ou chorado?

Ela colocou as mãos sobre o ventre e tentou não pensar no que Andrea dizia sobre a honra, vergonha...

— Milady... — Deirdre tocou suavemente em seu braço e Lisie abriu os olhos.

O coração dela deu um salto ao ver a figura grande e imponente do barão que vinha em sua direção. Era um homem lindo, não havia dúvida.

Ela respirou fundo, encontrando as forças para enfrentá-lo.

— Não está frio demais aqui fora? — ele falou ao chegar diante delas. — A senhora não está doente? — observou-a sério, certamente percebendo seu abatimento.

— Eu precisava respirar um pouco de ar puro, sentir o sol — ela respondeu e viu que ele fez um gesto para Deirdre, que se levantou e se afastou um pouco.

— Precisamos conversar. E não quero que Jerome me acuse de agravar sua doença — ele falou e estendeu a mão para Lisie. — Ofereço o calor da lareira e uma taça de vinho — insistiu com a mão ainda estendida.

Lisie sabia que precisava conversar com ele, acertar as coisas, pedir para que libertasse Robert. Pegou na mão dele. Com certeza, ele sentiu como ela estava fria, porque ele era quente como Robert, um calor impossível de ignorar, e sua mão grande envolveu a dela com gentileza.

— Veja como está fria! — ele constatou, depois de perceber que ela oscilou ligeiramente assim que ficou de pé.

— Milorde, lady Lisbeth ainda não pode caminhar rapidamente... — Deirdre começou a falar, preocupada.

— E que tipo de teimosia a fez se afastar da casa nesse estado? — ele disse encarando-a e viu os olhos verdes o fitarem como se não tivesse o direito de dizer aquilo.

— Desculpe, milorde! Esqueci-me que também sou sua prisioneira — ela falou, erguendo o queixo, lutando contra os tremores.

— Por Deus! — ele retrucou com impaciência e sem que ela tivesse tempo de reagir, ergueu-a nos braços e começou a caminhar em direção à mansão.

— Milorde! — Lisie protestou, mas mesmo que estivesse no controle de seu corpo, não conseguiria lutar com ele.

Ele caminhou vigorosamente, sendo seguido de perto pela ama ofegante. Quando chegaram à porta, ele desceu Lisie com cuidado. Ela ajustou o vestido, sem graça.

— Não era necessário — falou enquanto entravam.

— Eu não tenho o dia todo para conversar. — Ele balançou a cabeça.

A cada minuto que passava mais ele percebia como Lisbeth era perfeita para Robert.

Os criados apareceram e os serviram de vinho. William os dispensou. Deirdre também foi dispensada, embora tenha relutado um pouco em sair, deixando Lisie e o barão sozinhos no salão.

— Robert está bem? — ela perguntou, depois de beber um pouco do vinho, o que aqueceu seu corpo.

— Sim.

— Quando poderei vê-lo? Ao menos para agradecê-lo por tudo o que fez e me despedir? — disse, sentindo os olhos arderem com lágrimas, mas prometeu a si mesma que não iria chorar.

— Em breve.

Lisie suspirou e se calou.

— Qual era o nome de sua mãe? — o barão perguntou.

A pergunta inesperada pegou Lisie de surpresa.

— Anelise... — respondeu, olhando-o desconfiada, tentando descobrir o porquê daquela pergunta.

— Escocesa... — ele deixou escapar, pensativo.

— Escocesa — ela confirmou.

Aquele detalhe sempre fora usado contra ela. Perdera a conta de quantas vezes ouviu sua madrastra a depreciar porque sua mãe era escocesa, condenando o comportamento daquele povo.

William se ajeitou na cadeira e a olhou fixamente.

— Lisbeth, vou fazer algumas perguntas e gostaria que fosse absolutamente sincera comigo.

Lisie assentiu com firmeza.

— Há alguma chance de não me ver como o homem que todos dizem que sou? — Aquela pergunta veio carregada de uma angústia, que ele tentou disfarçar. — Quero dizer, com relação à maneira como trato as mulheres...

— O senhor acabou de me trazer no colo, porque...

— Eu a feri?

— Não.

— Você acredita que, como seu marido, eu poderia lhe fazer algum mal?

Ela o olhou fixamente. Não poderia mentir quanto àquilo, não seria injusta, pois ele havia sido absolutamente cortês com ela desde o dia em que se encontraram.

— Embora minha madrastra tenha dito que o senhor poderia me domar, dar-me uma boa surra para eu aprender a ser uma lady... Não, não acredito que me faça algum mal.

Ele bufou, mas seus ombros relaxaram ligeiramente.

— Talvez, seja sua madrastra que necessite de algum treinamento especial — falou e viu a sombra de um sorriso nos lábios dela, que já não estavam tão pálidos. — Você ama Robert?

— Amo.

— E nunca poderia me amar?

Que tipo de perguntas eram aquelas?

Lisie não compreendia para onde aquela conversa os levaria. Respirou fundo. Sinceridade foi o que ele pediu.

— Milorde, eu não sabia o que era amar até conhecer Robert e não sei como exatamente isso aconteceu. Portanto, não sei se consigo responder a essa pergunta adequadamente.

— Vou entender como não. — Ele deu um sorriso torto.

— Perdoe-me! — ela falou com sinceridade.

— Eu poderia amar você, Lisbeth... — ele declarou e ela arregalou os olhos, surpresa demais com aquela revelação. — Se não fosse perseguido insistentemente por meu irmão, ameaçando me matar.

— Robert não faria isso, milorde! — ela afirmou com medo.

— Eu, no lugar dele, faria.

Ela não sabia o que dizer, mais uma vez.

— Lisbeth... — Ele respirou profundamente. — Eu amo meu irmão. Ele é a única pessoa que me restou, com quem me importo e a quem desejo aquilo que nunca tivemos. Nosso casamento foi um pedido do rei e depois que a conheci, percebi que poderia não ser tão ruim assim. Mas, então, meu irmão colocou-se entre nós, ele a roubou sem me dar a chance de conhecê-la, de conquistá-la... — Viu que ela iria dizer alguma coisa e ergueu a mão para que o deixasse prosseguir. — Eu o compreendo. Ele defendeu o amor que sente por você como nunca o vi defender nada na vida. Por isso eu tive de sair, precisava pensar em uma maneira de resolver definitivamente nossa situação.

— Eu já disse que estou disposta a me casar, se isso mantiver Robert seguro.

— Sim, disse. E morrer? Você morreria?

A pergunta a fez estremecer.

Antes de descobrir que estava grávida, responderia sem sequer piscar. Amava Robert desesperadamente, mas não iria sacrificar a vida de seu filho, nunca.

— Milorde... — ela disse com a voz trêmula. Desejava contar primeiro a Robert sobre a gravidez, mas teria de revelar ao barão e esperar que a situação dela não piorasse ainda mais. — Se eu pudesse me dispor apenas de minha vida, sim. Mas não tenho esse direito, porque tiraria a chance de meu filho viver. — Ela colocou a mão protetoramente sobre o ventre e viu os olhos azul-claros se arregalarem, admirados e se voltarem para sua barriga. — Minha doença, milorde, revelou-se uma benção, na verdade.

— Um filho de Robert... — ele balbuciou e depositou a taça sobre a mesa. Um tipo estranho de emoção o envolveu.

— Sim.

William passou as mãos pelo cabelo. Pensou no tempo que ficou no gazebo e pediu a ajuda da mãe para resolver aquela situação. Lady Elene havia lhe enviado a resposta e, para garantir que ele entenderia sua mensagem, revelava a gravidez de Lisbeth.

— Ele já sabe? — perguntou e a viu negar, entristecida.

Imaginou a alegria do irmão ao saber da notícia.

— Descobri hoje e gostaria de eu mesma contar a ele, mas é importante para

mim que o senhor... — suspirou. — Nós vamos nos casar, mas eu espero um filho de Robert.

— A criança será um Davon de qualquer maneira.

— Mas o senhor poderá amar uma criança que não seja seu filho? — Claro que ninguém desconfiaria que o filho não era de William, pois ele e Robert eram muito parecidos e a criança, certamente, teria algum traço marcante da família. Mas como essa criança seria tratada? — E como Robert viverá, sabendo que o filho dele... que... — A voz dela falhou e Lisie respirou fundo. — Milorde, minha mãe morreu quando nasci e eu nunca tive o amor de meu pai, mesmo sendo sua filha legítima. Não desejo que meu filho carregue as mesmas dores.

William ficou tocado com aquele desabafo da jovem que, apesar da fragilidade aparente, tinha muita determinação e mais alguma coisa, que havia simplesmente encantado Robert. E mesmo que ele não tivesse se apaixonado imediatamente por ela, sabia que se convivessem, esse sentimento nasceria.

— Lisbeth, jamais maltrataria uma criança, seja filho de quem for. E um filho de meu irmão será tratado como meu filho — ele falou e viu as lágrimas cintilarem nos belos olhos dela.

— Obrigada, milorde!

— Não me agradeça. Temos um assunto sério demais a conversar. — Ele respirou fundo e se levantou, andando diante da lareira.

— O casamento? — ela perguntou, insegura.

— Eu trouxe o padre. Deu muito trabalho encontrar algum que estivesse disposto a sair com esse frio e que fosse confiável, ou o mais confiável possível.

— Um padre?! — Ela apertou as mãos sobre o colo.

— Sim. Nesse momento ele está sendo alojado na casa de Jerome, pois chegou resmungando da cavalgada. Mas amanhã mesmo deve estar pronto para realizar o casamento.

Lisie ouviu aquilo, sentindo o coração martelar sofregamente no peito. O que poderia dizer?

— Sei que gostaria de escolher algum vestido mais adequado. Talvez, sentir-se melhor, mas é uma situação que exige rapidez.

— Por causa do bebê? — ela perguntou, embora aquilo a confundisse, pois até então ele não sabia da gravidez.

— Não. Porque irei me envolver numa mentira que pode custar a cabeça de Robert e a minha. — Ele passou a mão pelo cabelo de maneira desconfortável.

Lisie ouviu aquilo com aflição, levantou-se e segurou no braço do barão.

— Não! Não façam isso, milorde, por favor! — ela implorou, sentindo um medo crescente.

William encarou o rosto delicado, salpicado de pequenas sardas. Os lábios

pálidos pareciam uma fruta. Ele a segurou pelos ombros e deu um leve sorriso.

— Robert já concordou e está muito feliz, posso dizer com toda certeza.

— Ele... está? — ela perguntou com o peito apertado. Desejava que Robert aceitasse a situação, mas... feliz? Sentiu o toque quente de William em seu rosto.

— Bem, não é qualquer homem que aceita uma vida de reclusão, que concorda que não poderá aparecer com sua mulher em festas ou na corte, que se sente feliz em se casar com uma mulher morta. Quer dizer, que todos irão acreditar estar morta.

Lisie ficou olhando para ele por um momento, sem compreender o que dizia, apenas encarando aqueles olhos azul-claros e brilhantes.

O que ele estava dizendo? Robert se casaria com...?

Suas pernas oscilaram.

— Sente-se, Lisbeth! — William a ajudou a voltar para a cadeira e se sentar. — Para que tudo isso aconteça, você precisa concordar também.

— Milorde, creio que não estou entendendo... — ela falou e ele lhe deu a taça de vinho. Esperou que bebesse um pouco e a pegou de volta, colocando-a na mesa.

— O que estou dizendo é que deixarei que os boatos se tornem verdadeiros, mesmo que cheguem ao rei. Vou aceitar a morte de minha noiva e lamentar, mas você terá de concordar — falava lentamente, observando a compreensão se desenhar no rosto dela, enquanto os lábios iam se abrindo em admiração, espanto, surpresa e incredulidade. — Quando perguntei o nome de sua mãe, pensava que você poderia usar esse nome a partir de agora. Na verdade, essa foi uma sugestão de Robert. Mas você tem que concordar e aceitar que não poderá mais ser vista por qualquer pessoa que a conheça, não poderá ir à corte ou às festas, pois seu pai, sua madrastra ou suas irmãs podem reconhecê-la. Se alguém descobrir e contar ao rei, Robert e eu perderemos as cabeças e você, talvez, seja levada a algum monastério para expurgar seu pecado — William respirou fundo.

Lisie mal conseguia acreditar no que ouvia. Seu coração batia acelerado e seu corpo aqueceu rapidamente. Uma emoção forte cresceu dentro dela. Gratidão. O barão, seu noivo, simplesmente se colocou ao lado deles e ela não sabia o que dizer.

— O padre irá casá-los amanhã. Robert partiu em uma missão para garantir que todos em Sunset que a conheceram e sabem da verdade não contem jamais a ninguém. Vocês dois não terão uma vida de liberdade plena, mas... — ele ia falando e a viu se levantar com lágrimas no rosto.

Lisbeth sorriu, mesmo sem palavras que pudessem agradecer ao barão pelo que fazia. Ela se aproximou dele e ergueu o rosto para encará-lo. Então, o abraçou, sua cabeça encostando no peito largo dele e ouviu o bater acelerado do

coração. Um coração bom.

— Obrigada, William! — ela falou e sua voz saiu abafada pela túnica dele.

Ela sentiu os braços dele a envolverem e ouviu o suspiro profundo que ele deu. Então, Lisie deixou o choro sair e foi acalentada pelo barão.

— Não deixe meu irmão vê-la chorando tanto ou é capaz de me bater antes de saber o real motivo — ele falou com um sorriso e beijou a cabeça dela.

Lisie riu baixo e se afastou.

— Não sei o que dizer... — falou, passando a mão pelo rosto.

William passou o dedo no rosto vermelho dela e sorriu.

— Diga que será feliz e que fará meu irmão feliz, mesmo que tenha de se privar de tantas coisas.

— Tudo o que me importa está aqui. Serei muito feliz e prometo que Robert terá motivos para sorrir.

William riu, satisfeito.

— Ele me disse exatamente o mesmo. — Balançou a cabeça. — Agora, vamos conversar com os criados da casa.

Capítulo 22

Robert havia cavalgado até a vila com a felicidade mal cabendo no peito. Custara a acreditar quando William contou o que havia planejado. O irmão havia se colocado em risco por causa dele e de Lisie, arranjou tudo, levou o padre e jogou tudo isso diante dele como um presente.

— Você não é igual ao nosso pai, Will. Nunca foi e não será, mas eu tinha que defender o que amo e não sabia como fazer para que você compreendesse que não estava pronto a abrir mão de Lisie — dissera, sentindo-se culpado. — Até ela entrar na minha vida, eu não acreditava que poderia ter minha própria família, alguém para amar para sempre. Mas ela era sua noiva e você é meu irmão, alguém que amo e respeito, e não queria falhar com você, não queria traí-lo. Como explicar o inexplicável?

William esfregou o queixo e sorriu.

— Batendo mais forte...

— Eu não podia deixar você falar dela daquela maneira.

William assentiu.

— Agora, cabe a você convencer seus criados, camponeses e quem quer que viva aqui, de que Lisbeth está morta e que sua mulher nunca foi minha noiva — o irmão voltou a ficar sério. — Acredita que ela concordará com tudo isso?

Robert passou a mão pelos cabelos, ansioso.

— Deixe-me falar com ela.

— Não. Deixe que eu fale porque ela e eu temos de acertar essa confusão. Quero que ela me diga o que sente, sem sua presença para desorientá-la. Falo com ela e você com quem precisar falar em Sunset. Depois vocês poderão se ver.

— Não a faça chorar — Robert falou, sério.

— Não seja idiota.

Agora, enquanto voltava para sua casa, ansiava por tomar Lisie nos braços, beijá-la, dizer que tudo iria ficar bem, que ele seria feliz vivendo em Sunset se ela também o fosse. Que abriria mão de festas, encontros sociais ou o que quer que fosse para ficar com ela e impedir que corressem o risco da farsa ser descoberta e que o rei viesse a saber.

Noah ficou feliz ao saber que ele iria se casar e garantiu que estariam seguros. O vento frio bateu em seu rosto e logo ele viu os jardins de sua mãe, que em breve voltariam a ficar floridos e ainda mais lindos, porque Lisie estaria ali. Seriam os jardins de Lisie.

Chegou à mansão e apeou rapidamente. Entrou e encontrou o irmão, que bebia com Jerome e o padre no salão. O médico sorria.

— Ela foi se vestir para jantar — William falou, erguendo uma das sobancelhas.

Robert correu para o quarto dela.

Lisie sentia como se realmente ganhasse uma nova chance de viver e agradeceu mentalmente à velha Mirza, que, certamente, vira seu futuro.

Deirdre terminava de amarrar seu vestido, quando ouviram uma batida forte à porta.

— Ah, certamente é um lorde ansioso, que não pode esperar uma lady terminar de se vestir — Nina falou, revirando os olhos e abriu a porta.

Robert entrou e Lisie sentiu finalmente que estava completa. Sorriu com lágrimas nos olhos e viu as emoções estampadas no rosto dele, que tinha olheiras escuras e a barba por fazer. Ele a tomou nos braços e a arrebatou com um beijo com sabor de saudade, de amor, de desejo, de alegria.

Deirdre pegou Nina pelo braço e elas saíram, deixando os dois sozinhos.

Robert a beijava, como se não quisesse deixar nenhum lugar de seu rosto sem receber atenção.

— Meu amor... — ele falou, finalmente, junto aos lábios dela. — Perdoe-me! Eu devia ter batido em todo mundo e derrubado aquela porta. — Beijou-a novamente, depois segurou o rosto dela entre as mãos e a fitou com um brilho intenso nos olhos, que tinham a cor do céu do inverno. — Você está bem? Jerome disse que não estava comendo, que estava... — ia falando nervoso e ela colocou o dedo sobre os lábios quentes dele.

— Senti sua falta — ela disse com um sorriso e ele encostou a testa à dela. — Precisava tanto ver como estava! — Afastou-se e fitou o corte ao lado de sua sobranalha. Tocou ali com muita delicadeza. — William falou que não era nada!

— E não é nada. — Ele sorriu e traçou os contornos do rosto dela com suavidade. — E você... está abatida.

— Estou bem... — Ela segurou a mão dele e a colocou sobre seu ventre. — Nosso filho e eu estamos bem — e abriu o sorriso.

Primeiro, Robert a olhou em choque, depois se ajoelhou diante dela e, de maneira inesperada, abraçou-a e beijou sua barriga.

Lisie se surpreendeu, pois jamais vira um homem fazer algo parecido, mas aquele era Robert, o seu lorde, seu cavalheiro, seu amor... Ela acariciou os cabelos escuros e bagunçados dele.

Pouco depois, os dois estavam na cama de Lisie e Robert a beijava e acariciava.

— Então, eu aceitei a sugestão de William e vou usar o nome de minha mãe, Anelise. — Ela enroscou os dedos aos dele.

— *Minha* sugestão — ele a corrigiu, entortando os lábios. Ela riu. — Mas você sabe que teremos de viver aqui, isolados, não sabe? Talvez não queira... — ia dizendo, mas ela o calou com um beijo.

Depois, ela respirou fundo e o olhou nos olhos, para que compreendesse que falava sério.

— Quero muito e quero tudo o que nos foi oferecido. E você?

— Quero você e tudo o que implica ficar com você.

— Será que daqui a algum tempo não irá desejar uma vida diferente? Sentir falta do que terá de deixar para trás?

— O que deixarei para trás, milady? — Ele sorriu e enfiou a mão por baixo das saias dela, passando os dedos sobre a pele macia. Ela ofegou. — Nada com que me importe, garanto. E ainda poderei visitar meu irmão, poderei ir à corte negociar vinhos com o rei... Mas você terá que se conformar em ser exclusivamente minha. — Deu um sorriso e ela o segurou pelos cabelos.

— Está errado, milorde — falou com um sorriso maroto. — Terá que me dividir com nossos filhos, com as uvas, os jardins, o gazebo...

Robert sorriu e se deitou de costas, dando um profundo suspiro de alívio e cansaço. Sentiu as mãos delicadas dela, que acariciaram seu rosto, seu peito, seus cabelos.

— O nome de sua mãe é uma escolha perfeita — ele falou, fechando os olhos.

— Ah, é?

— É, porque posso continuar chamando-a de Lise.

Ela riu e se ajeitou entre os braços dele. Era tão bom estar ali. Sentiu tanta falta daquele calor, daquele perfume. Pensou em sua mãe, que iria gostar que ela usasse seu nome para poder viver uma nova vida.

Ouviu o som do ressonar de Robert. Jerome havia dito que ele não dormia desde que tinha ficado preso e ela acreditava. Acariciou o rosto dele, sentindo a barba pinicar seus dedos.

— Amo você, Robert Davon! — exclamou, emocionada.

Ele a salvou, a defendeu e a ensinou o que era amar e ela estava pronta para aprender muito mais.



O casamento foi uma cerimônia rápida e objetiva, testemunhada pelo barão, pelos criados da casa, os soldados, Jack, Noah e sua esposa, e Jerome.

A noiva, apresentada como Anelise, estava linda e radiante, mas acabou vomitando no meio da festa, para desespero do marido que viu nisso mais um

motivo para levá-la para o novo quarto do casal, o quarto que fora da mãe de Robert.

William afirmou que partiria no dia seguinte, pois tinha ficado tempo demais afastado de Davon. E todos em Sunset estavam muito felizes.

Jerome saiu do quarto, deixando os recém-casados. Havia explicado que muitas mulheres sentiam fortes enjoos no início da gravidez, mas que isso passava com o tempo. Robert parecia não acreditar muito naquilo, mas Lisie o tranquilizou e disse que havia apenas se excedido demais na comida maravilhosa.

Talvez não devesse tomar mais vinho por um tempo.

— Eu gostaria muito de falar com William antes que ele parta amanhã — ela falou, aconchegando-se junto ao peito de seu marido. Deu um profundo suspiro e sorriu. — Estou muito feliz!

Robert sorriu e acariciou os cabelos vermelhos dela.

— É só isso que importa.

— E você? — Ela o encarou. — Terá de deixar a vida de soldado. Não poderá mais fazer parte da guarda do barão.

Ele passou a mão pelos lábios dela e depois a beijou.

— Feliz como nunca estive em toda minha vida!

— É o que importa.



O dia já estava claro quando William anunciou que estava pronto para partir com os soldados. Parados no meio do salão, Robert e ele se olharam sem dizer nada por um momento.

— Will, eu nunca poderei agradecer o que fez — Robert falou. O irmão colocou a mão sobre seu ombro e o apertou. — Sei que quebrei sua confiança e mesmo assim você me presenteou.

— Rob, como eu poderia arrastar uma mulher para um casamento, sabendo que ela ama desesperadamente outro, que no caso é meu irmão? Posso viver com muitas coisas, mas não conseguiria viver com isso. — Ele sorriu e bateu de leve no rosto de seu irmão mais novo.

— William... — A voz de Lisie fez os dois se virarem. Ela usava um vestido claro e seus cabelos vermelhos estavam soltos, caindo sobre os ombros. Era evidente que acordara e corraera para o salão. — Não vá sem eu lhe falar. — Ela sorriu ao se aproximar. Tocou no rosto de Robert e parou diante do barão. — Obrigada! Por tudo! Você é um homem maravilhoso, que certamente fará uma mulher feliz.

— Mas não você. — Ele deu um sorriso torto e viu o rosto dela ficar

vermelho.

— Você me fez feliz. — Ela abriu mais o sorriso, o que a deixava encantadora. — Foi cortês, um verdadeiro cavalheiro e se mostrou sensível quando poderia não o ser. Peço que me perdoe por colocá-lo em situação tão delicada diante do rei. Não tinha a intenção de provocar tamanho problema.

— Você não provocou nada e não merecia ser tratada como uma mercadoria. Seu pai é o culpado por toda essa confusão. Se ele não tivesse se voltado contra o rei...

— Eu teria ficado presa em minha casa, tratada como aquela que não deveria estar ali... — Ela sorria, mas seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu poderia ter sido negociada com algum homem que não fosse tão honrado como você e me confiasse a alguém tão maravilhoso. — Pegou na mão de Robert. — Desejo muito que seja feliz e encontre a mulher que o fará conhecer o amor.

William se inclinou e a beijou no rosto.

— Avisem-me, quando o bebê nascer.

Lisie assentiu emocionada, apoiando as mãos no ventre.

— Mandarei um mensageiro — Robert falou e os dois se afastaram em direção à porta.

Lisbeth, agora Anelise, ficou olhando quando o barão imponente e seus soldados, incluindo Jack que acenou sorridente para ela, partiram na direção da estrada.



Os enjoos e tonturas foram melhorando gradativamente e a primavera coloriu os jardins. Lisie descobria a cada dia como Sunset podia ficar mais linda e perfumada. Finalmente, ela conheceu a vila e foi recebida com festa pelos moradores. Percebeu que ninguém ali sabia quem ela tinha sido e aquilo foi um alívio. Robert e ela passearam pelas vinhas e ela descobriu como amava aquele lugar. Não se importava em não poder sair ou frequentar a corte ou festas.

O gazebo que pertenceu à lady Elene estava vivo, com flores e novos tecidos. Nina e Deirdre discutiam para fazer mantas e roupas para o bebê. A vista para o lago era maravilhosa e Lisie começou a passar várias tardes lá, enquanto Robert cuidava para que as vinhas ficassem bem. Ele passava por lá quando voltava da estufa e, no início, havia uma certa melancolia em seu olhar. Mas com o passar do tempo, o lugar foi adquirindo o jeito de Lisie e parecia não o perturbar tanto.

Naquela tarde, quando ele passou no gazebo para acompanhá-la de volta à mansão, ela se levantou pesadamente e sorriu.

— Você está tão linda, meu amor! — Robert falou, acariciando o rosto rosado.

Dewey apareceu, correndo e ofegante.

— Milorde, tem um mensageiro do barão esperando o senhor — anunciou com euforia.

— Um mensageiro? — Robert perguntou desconfiado e olhou para Lisie. O rei teria descoberto algo?

— Vá, meu amor! Eu vou devagar com Deirdre e já o encontro — ela falou. Ele a beijou e saiu apressado.

— O que será que o barão tem a dizer, milady? — Deirdre indagou com curiosidade.

Lise apoiou uma das mãos nas costas, sentindo uma pontada dolorida. Devia ser porque ficava sentada muito tempo.

— Que sejam boas notícias! — disse, olhando para o marido, que seguia apressado em direção à mansão.

Capítulo 23

Deirdre ajeitava os tecidos de costura dentro dos baús e Lisie olhou pela janela, afagando o ventre distendido, e o bebê mexeu. Parecia que não mais cabia dentro dela e Jerome já havia lhe explicado como seria o nascimento. Ela vira cavalos e ovelhas nascerem e de alguma maneira sabia que seu corpo se preparava para aquele momento, pois sentia uma forte pressão na parte baixa do ventre.

Nina disse que sua barriga havia baixado e que o bebê não demoraria a nascer. A velha ama rezava todos os dias, pedindo pela saúde do bebê e de Lisie, o que aumentava um pouco a apreensão da jovem, pois sabia como sua mãe tinha morrido. Mas procurava não pensar naquilo e garantir a si mesma e ao seu filho que tudo daria certo.

Um baque veio da direção da porta, fazendo Deirdre e ela se virarem assustadas. Diante delas havia um homem. Estava encostado à porta, ofegante, roupas sujas, barba por fazer e olhar ensandecido. Parecia alguém perdido, desesperado.

Imediatamente, Deirdre parou diante de Lisie.

— O que quer aqui? Saia já! — a ama falou encarando-o, escondendo Lisie atrás de seu corpo e procurando algo com que pudesse defender as duas.

— Liz... — o homem falou com voz rouca.

Lisie sentiu o coração acelerar e suas pernas bambearam. Como? Por quê?

— Anton... — ela balbuciou ao reconhecer o rapaz que fora seu amigo por tanto tempo. — O que faz aqui? — perguntou com a voz trêmula e Deirdre a olhou, confusa.

— Eu a procurei por tanto tempo! Eu fui até Davon! Não podia deixar você se casar com o barão — ele disse, nervoso. — Disseram que você tinha morrido e eu sabia que aquele lorde... que ele... — balançou a cabeça em confusão. — Eu vim buscá-la. Vou levá-la para longe, salvá-la...

— Não! Anton, não! — A voz dela ficou embargada, porque, infelizmente, Anton tinha ido longe demais e não sabia. — Vá embora, por favor! Encontre uma moça, seja feliz! Vá embora agora, antes que seja tarde para você. Eu estou bem! Estou feliz! — As lágrimas desceram pelo rosto dela.

— Não! — Ele balançou a cabeça e avançou na direção das duas. Deirdre estendeu as mãos e tentou empurrá-lo.

— Afaste-se! — ela gritou. — Lorde Robert está vindo e vai matá-lo se o vir se aproximar da mulher dele. Vá embora!

— Mulher dele? — Anton parou por um momento, perplexo, como se não

sentisse os socos que Deirdre dava em seu peito.

— Sim! Eu sou mulher dele agora. Estou esperando um filho e estou feliz! — Lisie se apoiou à janela, quando sentiu uma dor aguda entre as pernas.

— Casada com o irmão do barão?! Esperando um filho? — O que se via do rosto dele ficou vermelho e seus olhos ficaram injetados de raiva.

— Sim! Agora saia daqui! — Deirdre falou e tentou empurrar o rapaz novamente, mas ele a acertou com um soco, derrubando-a no chão.

— Não! Anton vá, por favor...

— Não dessa vez, Liz. Você me rejeitou. A mim que tanto a amo... — Ele passou por cima do vestido de Deirdre, que estava caída ao lado do baú e olhou em choque para a barriga de Lisie, indisfarçável sob a roupa. — Eu a levaria para longe, iria livrá-la...

O homem que estava diante dela havia perdido a razão e ela não sabia o que poderia fazer. Sua mão alcançou a agulha larga e comprida que usava na tapeçaria, que fora de lady Elene e que ela tentava terminar. Embora, definitivamente, não tivesse o talento da mãe de Robert. Segurou a agulha com as duas mãos, que tremiam muito, e a apontou para ele.

— Não se aproxime! Vá embora e talvez salve sua vida.

— Eu não tenho vida desde que você partiu — ele falou com raiva.

— Pense na sua mãe, no seu pai... — ela apelou e ofegou, quando sentiu um líquido quente descer por suas pernas.

Seu filho iria nascer, tinha certeza. Mas não agora!

Anton aproveitou o medo que viu se estampar no rosto dela e segurou em sua mão sobre a agulha. Lisie ainda a empurrou e chegou a espetá-lo, mas porque ele deixou e assim se aproximou mais, segurando-a pelo pescoço. Sua mão era áspera, sua pele estava suja e ele cheirava mal.

— Isso, Liz! Foi aqui que você me acertou e depois me negou o beijo, fugiu de mim e desdenhou do meu amor, do que eu ofereci. Mesmo assim, eu a amo...



Robert foi até a cozinha, onde um soldado de seu irmão estava comendo e bebendo. Ele se levantou quando Robert entrou e estendeu a mensagem. Robert saiu e foi para sua sala de livros. Sentou-se e tirou o lacre da carta. Começou a ler a mensagem e seu coração deu trancos fortes no peito. Levantou-se e saiu apressado para encontrar Lisie.

Lisie sentia seu pescoço sendo apertado e sua barriga, que se contraiu, provocando um leve espasmo de dor. Anton a segurou e a beijou com força. Sua barba suja e dura arranhando a pele dela, seus lábios agredindo a pele de seus lábios.

Ele respirou, ofegante.

— Eu sempre quis... sempre...

Lisie se encolheu com um novo e mais forte espasmo de dor.

Anton a pegou pelo braço, puxando-a e algo o fez cair para frente contra ela, que o empurrou de volta protegendo seu filho da queda.

— Milady! — A voz apavorada de Deirdre oscilou para Lisie quando, encostada à parede, deslizou até o chão e uma forte contração chegou a tirar seu ar.

A ama, ainda com um pedaço da cadeira em uma das mãos, jogou-a contra Anton, que, atordoado, tentava se levantar.

— O bebê está nascendo... — Lisie murmurou para Deirdre e viu seus olhos arregalarem ainda mais assustados.

Anton se erguia, ainda com a agulha na mão, mas tudo aconteceu rápido demais e Lisie, com as contrações do parto, não conseguiu distinguir direito. Ela sabia que Robert havia chegado, porque Deirdre falou aliviada:

— Graças a Deus!

Com a visão da cena coberta de maneira protetora pela ama e a dor que chegava a cegá-la, Lisie não viu Robert pegar Anton violentamente pelo pescoço, mas ouviu algum tipo de grasnar, um gorgolejar sofrido.

— Calma, milady! — Ela ouviu Deirdre, que passou um pano em sua testa e só então se deu conta de que o suor molhava seu rosto, sua roupa.

Lisie não viu Robert jogar Anton para fora da casa. E logo ele estava ao seu lado, nervoso, com um olhar como ela nunca vira antes.

— O bebê está nascendo, milorde. É melhor não tirá-la daqui — Deirdre falou, tentando acalmá-lo.

Lisie queria falar com ele, mas a dor a fez apenas ofegar algumas vezes. Sentiu que a mão dele segurou na sua e ele a beijou, antes de erguê-la nos braços e colocá-la gentilmente sobre o catre junto à janela.

— Melhor chamar Jerome — Deirdre falou baixo para o lorde, tentando não deixar Lisie ainda mais nervosa. — Eu fico com ela, milorde, posso ajudar enquanto isso... — ela disse e pegou água na tina ao lado da lareira.

Robert estava transtornado. Via sua mulher sofrendo, depois de ter sido agredida. E agora seu filho estava nascendo e nem podia levá-la para o conforto do quarto, que já estava todo preparado para atendê-la naquele momento. Durante meses os detalhes do nascimento do bebê tinham sido pensados.

Robert conversou com Jerome várias vezes, até o médico o convencer de que a saúde de sua esposa estava perfeita e que faria de tudo para garantir a segurança da mãe e do bebê. Jerome disse-lhe várias vezes que não era porque a mãe de Lisie morrera no parto que isso teria que acontecer à filha. E durante

todos aqueles meses, ele esteve tenso, alerta, e obrigou Jerome a dormir na mansão.

Agora, apesar de todos os cuidados e preocupação, ela foi atacada por um homem que ele deveria ter matado há muito tempo e seu filho estava nascendo no gazebo, onde não havia o conforto necessário.

Ele beijou a testa da mulher.

— Eu já volto — ele falou e ela assentiu com suor e lágrimas no rosto.

Robert correu, passou pelo corpo do homem que matou com as mãos, simplesmente quebrando seu pescoço. A mensagem de seu irmão havia acabado de chegar e William o alertava para a possível aparição de um empregado do barão D'Tanis, que esteve perguntando por Lisbeth nas redondezas de Davon, mas que sumiu quando William mandou alguém para interrogá-lo. O irmão dizia: *você sabe o que tem de fazer se alguém a reconhecer*.

E mesmo que preferisse cuidar das uvas e dos vinhos, Robert era um soldado treinado em Davon. Precisava entender como o rapaz tinha chegado junto com a mensagem, mas agora a prioridade era sua mulher e seu filho que estava nascendo.



— Milady, o bebê é apressado... — Deirdre arrumou as saias do vestido de Lise, a água, os panos, enquanto a ouvia gemer e fazer força.

Lisie respirou forte algumas vezes, tentando suportar a dor e seu corpo se contraiu mais uma vez.

— Ele vem vindo! — a ama falou, emocionada.

Jerome gastara um tempo, preparando ela e Nina para qualquer emergência e agora ela via que toda a preocupação tinha sido mesmo necessária, e agradecia a Deus e ao médico.

O bebê veio à luz ao mesmo tempo em que o médico entrava na casa, seguido por um lorde desesperado e uma velha ama ofegante. Deirdre amparou o bebê, enquanto Jerome se ajoelhava para ajudar com o cordão. A criada sorriu ao ouvir o choro forte do bebê, uma menina.

— Veja, milady! Sua filhinha — ela disse emocionada e colocou o bebê sobre o colo de Lisie, que ria e chorava ao mesmo tempo.

Deirdre olhou para o lorde grande, forte, parado no meio do aposento, respirando com força e se admirou ao ver as lágrimas no rosto dele.

— Venha, milorde. Venha ver sua filha.

Robert foi tomado por uma emoção que jamais imaginaria existir. Ele viu sua filha nascer no momento em que chegava com Jerome. Nunca tinha visto uma mulher dar à luz e ali estava sua esposa coberta de sangue, mas com a felicidade

estampada no rosto pálido.

— Venha, meu amor... — Ela apertava o bebê junto aos seios e estendia a outra mão para ele.

— Ela está bem, Robert. Tudo como deveria ser, nada a temer — Jerome o tranquilizou ao verificar que a jovem mãe não sangrava além do esperado e que estava bem e forte o suficiente para segurar o bebê.

— Graças a Deus! — Nina exclamou, aliviada, e se sentou.

Robert se aproximou e se ajoelhou ao lado da cama. O sentimento dentro dele era tão grande, que estava muito difícil contê-lo. Ele beijou sua mulher e a sentiu sorrir junto aos seus lábios. Depois, observou sua filha, que tinha parado de chorar, apoiada no colo da mãe. Ele tocou no rosto miúdo. Era impossível não sorrir e se emocionar.

Lisie se sentia a pessoa mais feliz naquele momento. Não conseguia pensar no ataque de Anton e nem no destino dele. Estava com o homem que amava e com sua filha, que resolveu nascer naquela pequena casa, onde a mãe de Robert havia encontrado um pouco de paz.

Ela passou a mão no rosto dele e secou uma lágrima com o dedo ainda trêmulo.

— Ela vai se chamar Elene — disse e ele abriu ainda mais o sorriso.

Era uma bela homenagem à mãe de Robert, principalmente porque sua filha decidiu nascer naquele lugar tão especial para lady Elene.

Nina pegou o bebê e o beijou afetuosamente. Uma menina, linda! A mãe de Lisie estaria feliz onde quer que estivesse porque sua neta nasceu saudável e sua filha estava bem.

Deirdre ajudou Jerome a limpar Lisie.

— Ela é linda, meu amor! — Robert beijou a esposa mais uma vez e olhou para Jerome ainda preocupado.

O velho médico sorriu para ele, para tranquilizá-lo.

— Uns dois dias aqui e poderá levá-la para a mansão.

Robert suspirou. Naquele lugar não havia o conforto que ele desejava para sua mulher, mas jamais comprometeria a saúde de Lisie. Por isso, teria que providenciar uma força-tarefa para deixar o local adequado. Mas, antes de tudo, tinha algo a fazer.

— Vou organizar tudo — ele falou, sem querer deixar Lisie triste e se levantou antes que ela perguntasse pelo rapaz que a atacou. Beijou os lábios dela e saiu.

Robert parou por um momento junto à parede da casa e respirou fundo. Só agora ele conseguia respirar normalmente.

Nunca sentiu um desespero tão grande quanto àquele que experimentou quando chegou correndo ao gazebo e viu aquele homem sobre Lisie. Tudo à sua

volta ficou vermelho e seu treinamento como soldado veio à tona, fazendo-o liberar toda a força que possuía e matar um homem sem qualquer arma, apenas com as mãos.

Ele olhou para o corpo do rapaz e para suas mãos. Apertou-as por um momento. Por sua mulher, por sua filha, por sua família, ele não deixaria que o passado colocasse qualquer uma delas em risco, jamais.

Jerome apareceu à porta e pousou a mão sobre seu ombro, fazendo-o se virar.

— Sua bela esposa está muito bem e quer você ao lado dela. Sua filha é linda e você ainda não a pegou nos braços. Você fez o que devia fazer e por isso elas estão bem. Vá e deixe que eu cuide disso — o velho falou seriamente.

Robert olhou para o médico, que conhecia desde sempre e o viu sorrir. Jerome estava certo. Daquele dia em diante, aquele lugar seria lembrado com alegria. Apertou o ombro de Jerome e assentiu.

— Obrigado, por tudo!



Lisie recebeu sua pequena filha nos braços novamente, agora limpa e enrolada em panos que tinham sido bordados especialmente para ela. Os cabelos eram vermelhos, a pequena boca era vermelha e ela abriu os olhos.

Lisie sorriu com lágrimas nos olhos. Sua pequena Elene tinha os olhos azuis, claros como os do tio, o barão, que lhes concedeu a oportunidade de serem felizes.

Robert se sentou ao lado delas na cama. Ele nada disse e estendeu a mão para tocar nela e na filha.

— Pegue-a e deixe que ela sinta o cheiro de pinho e maçãs do pai. — Ela sorriu com o amor cintilando nos olhos ao ver Robert com a filha nos braços.

Tudo ficaria bem!



Epílogo

William terminava de ler a mensagem de seu irmão. Robert contava sobre o nascimento de sua filha, que se chamava Elene, o que fez um sorriso cruzar o rosto do barão.

Ele havia ido até o gazebo pedir para que a mãe o ajudasse a solucionar aquele problema com o irmão e a noiva, e ela o ajudara. Agora, a neta carregava seu nome.

Robert dizia estar completamente apaixonado pelo bebê e a descrevia como uma criança bela como a mãe, com os mesmos cabelos vermelhos, calma, que mamava muito e tinha os olhos azuis como os do tio. Aquilo fez William se encher de um orgulho infantil e decidiu que precisava visitar logo Sunset e conhecer o bebê.

Depois, a carta passava para um tom sinistro, contando que a mensagem que havia enviado chegara junto com o rapaz, o mesmo que havia provocado o acidente de Lisie meses antes. Robert dizia que o homem havia atacado Lisie momentos antes de ela dar à luz. E dizia finalmente: *fiz o que tinha de fazer*.

William colocou a carta sobre a mesa e suspirou. Imaginava se aquele rapaz seria o único a aparecer e colocar em risco todo um plano. Apoiou a cabeça entre as mãos e olhou para a outra mensagem que estava sobre sua mesa e que tinha um selo real.

Eduardo havia mandado uma carta, lamentando-se por saber do triste destino de sua noiva e dizendo que lorde D'Tanis apareceu na corte, cuspindo arrependimento e jurando lealdade. Que ofereceu uma de suas jovens filhas para sua noiva, como prova de que confiava na justiça real. O rei pedia a William que fosse à corte para discutirem a nova proposta.

O Barão Davon bebeu de uma só vez o vinho de sua taça. Pensou na imagem

de Robert, Lisbeth e a pequena Elene, felizes, seguros. Aquilo era o que importava. Respirou fundo e mandou chamar Jack. Teriam de viajar para a corte.

Agradecimento

Para minha amiga, Eva Zooks, que com seu jeito empolgado me fez tirar essa saga da gaveta, e à editora Catia Mourão, que acreditou na história e tornou o livro concreto.

A família Davon agradece!



VISITE AS PÁGINAS OFICIAIS

www.lereditorial.com
[twitter@Ler_Editorial](https://twitter.com/Ler_Editorial)
www.facebook.com/lereditorial
www.instagram.com/lereditorial
pinterest.com/lereditorial/

CAROL DIAS ♥ PAULA TOYNETT BENALIA
CRISTINA MELO ♥ LIZ SPENCER

Love is IN THE AIR

ORGANIZAÇÃO: BEATRIZ SOARES



Love is in the air 2

Dias, Carol

9788568925607

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ah, o amor! As dificuldades, os calafrios, os encontros inesperados, os pensamentos loucos... No segundo volume da série Love is in the air, você vai conhecer lindas histórias com uma pitada de drama, sobre amores que superam expectativas, mesmo quando parece que não vai dar certo. Com prefácio de Tammara Webber, as autoras Carol Dias, Paula Toyneti Benalia, Cristina Melo e Liz Spencer apresentam romances ambientados em Paris, a Cidade Luz — dos croassaints, do amor e de cenários de tirar o fôlego — para você se apaixonar ainda mais.

[Compre agora e leia](#)

HALICE FRIS ♥ HELENA ANDRADE
CATIA MOURÃO ♥ DANIELLA ROSA

Love is IN THE AIR

ORGANIZAÇÃO: CATIA MOURÃO



Love is in the air 3

FRS, Halice

9788568925669

290 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ah, o amor! As dificuldades, os calafrios, os encontros inesperados, os pensamentos loucos... O terceiro volume da série "Love is in the air" traz para o leitor quatro contos ambientados no século XIX, sobre amores que superaram as barreiras do tempo e se tornaram eternos. Com prefácio de Simone O. Marques, as autoras Halice FRS, Helena Andrade, Catia Mourão e Daniella Rosa apresentam histórias ambientadas em Madrid, la ciudad que nunca duerme — das castanholas, dos palácios e da cultura efervescente —, para você se apaixonar ainda mais pelos romances de época.

[Compre agora e leia](#)

EVA ZOOKS ♥ TAMIRES BARCELLOS
CATARINA MUNIZ ♥ PAOLA SCOTT

Love is IN THE AIR

ORGANIZAÇÃO: BEATRIZ SOARES



Love is in the air 1

Zooks, Eva

9788568925577

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ah, o Amor! As dificuldades, os calafrios, os encontros inesperados, os pensamentos loucos... Nos quatro contos de "Love is in the air" você vai conhecer lindas histórias, românticas e quentes, sobre esse sentimento cheio de altos e baixos. Com prefácio de Nana Pauvolih, as autoras: Eva Zooks, Tamires Barcellos, Catarina Muniz e Paola Scott apresentam contos ambientados em Londres — a terra da Rainha, do chá e de cenários incríveis — para você se apaixonar como nunca antes.

[Compre agora e leia](#)

CATIA MOURÃO



A
SOCIEDADE
SECRETA

*"Você não vai resistir ao convite para
integrar esta Sociedade"*

A sociedade secreta

Mourão, Catia

9788568925645

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você não vai resistir ao convite para integrar esta Sociedade! E se você soubesse que existe um lugar onde pode realizar todas as suas fantasias, mesmo aquelas imensuráveis? Onde é possível testar seus limites e ir além, sem correr o risco de se expor ou ter sua identidade revelada? Conheça os anseios por trás da sobriedade da Senhora V. Esposa e mãe dedicada, ela se revelará uma mulher insatisfeita com a vida conjugal, que já dura mais de uma década, e encontrará no Senhor P, um empresário charmoso e bem sucedido, a chance de realizar seus sonhos mais loucos dentro de uma sociedade secreta. Mas será que a relação entre eles se resume apenas a uma aventura sensual? Desvende a intimidade do Senhor F, um homem de comportamento questionável, que não esconde sua necessidade de fugir do comum em busca de satisfazer seus gostos peculiares. Casado com a Senhora V, ele mantém uma vida dupla através da Sociedade, onde a entrega aos prazeres do sexo não conhece limites. Surpreenda-se ao conhecer a vida da misteriosa Senhorita M. Sob a máscara de mulher independente, avessa a relacionamentos e interessada apenas nos prazeres proporcionados pelo sexo sem compromisso, esconde-se uma jovem dividida entre seu desejo de liberdade e a necessidade de se adequar às regras sociais impostas pela carreira política do pai. Com um desfecho surpreendente, essa trama levará o leitor por uma viagem que vai muito além do erotismo. Você vai acompanhar a história dos personagens, vivenciar suas aventuras, conhecer suas motivações e ser impactado pelas consequências de seus atos, indo aos limites extremos da paixão. Entre no mundo de A Sociedade Secreta e participe dessa dança erótica de prazer sem inibição.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Epílogo](#)